

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÉNERO NA GUINÉ-BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Um contributo para os estudos de género africanos

Mamadu Alimo Djaló

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais

Orientador: Prof^a. Doutora Catarina Sales de Oliveira

Declaração de Integridade

Eu, Mamadu Alimo Djaló, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M11115 de Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais da Faculdade Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 27/01/2023

A handwritten signature in black ink that reads "Mamadou Alimo Djaló". The signature is written in a cursive style and is centered on the page.

Dedicatória

A mim, com o medo que me
assiste e deu coragem de seguir.

Agradecimentos

A Allah, Deus e o Universo, pela saúde, bom humor e energia de seguir, mesmo com medo. À minha família toda, pelas mensagens e chamadas telefónicas de apoio e força. Aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio de todos os tipos e pela confiança que ainda me fazem sentir naquilo que sei e o que poderei ser e conseguir fazer.

Aos meus professores e professoras de todos os níveis da escolaridade. Em especial ao meus professores deste segundo ciclo de estudo, de forma muito especial à minha professora e orientadora, Dr^a Catarina Sales de Oliveira, por tudo o que aconteceu e do que está por vir.

Ao meu tio Dafé, pelas conversas duras, mas com boa disposição, pelo tempo que dedica e dedicou às minhas inquietações de todos os tipos.

Às pessoas amigas, que também são manos e manas de coração e alma, pelas conversas desafiantes e inspirações constantes: Miguel de Barros, Fúlvia Almeida, Sónia Rosa, Raquel Travia, Yolanda Garrafão, Tio Sene, Geny da Costa e Ricardo Andrade, Carlos Riethmuller, Nuno Castela Canilho, Fatumata Djau e Sumaila da Guiné.

Aos meus e as minhas colegas, de diferentes níveis e andanças. Em particular aos/as colegas de Mestrado, pela amizade e aproximação.

Aos meus entrevistados: Ector Diógenes Cassamá, Salui Aiersoloko, Augusto Lopes Cá, Mário Vieira, Gabriel Nanque, Carlitos Domingos Gomes, Domingos Monteiro Júnior, Fernando Domingos Alves, Sídio Luís Nhebene, Adelino da Costa, Ibraima Djassi, Mamudo Sané, Mamadu Sané, Umaro Sumaré e Sene Sané, pela aceitação e disponibilidade em aceitar as entrevistas.

Aos meus amigos e colegas que me facilitaram, de alguma forma, a chegar aos meus entrevistados, pela companhia e amizade: Braima de Bubaque, Alfa Piqué (Gabú), Alex e Abukbedeta; e agradeço também a Mimi, empreendedora e dona de hotéis Mango Lodge e Cajou Lodge em Bubaque, pela disponibilidade de espaço em poder trabalhar tranquilamente.

A ti amor maior, Tita Sinho... que tens o meu coração no teu corpo e o teu no meu. Agradeço profundamente a todas as pessoas que fazem parte da minha vida, por todas as possibilidades de aprendizagens e amizades, pelas ajudas em alguma coisa sem eu ter percebido.

Aqui e Agora, “quem muda o Universo ajuda”

Resumo

A dissertação que aqui se apresenta procura debruçar sobre a temática de gênero, masculinidades africanas e emoções, sendo um estudo de caso na Guiné-Bissau. A investigação procura contribuir para compreender como os homens de meia idade de três etnias diferentes construíram as suas masculinidades, refletem sobre o gênero e lidam com as suas emoções. Espera-se uma dissonância entre as percepções e experiências destes homens e os debates mais recentes sobre as novas masculinidades, contudo consideramos haver forte necessidade de compreender os seus olhares e perceber o conhecimento que produzem e transmitem nas suas comunidades locais. Procura-se também nesta dissertação dar voz à literatura existente em África e na Guiné Bissau que investiga sobre estas temáticas. Os resultados permitem-nos constatar que apesar da grande diversidade encontrada, os homens entrevistados partilham visões fortemente marcadas pelas suas vivências de violência e representações de um mundo fortemente patriarcal. Neste processo as novas formas de ser homem são interpretadas como desestabilizadoras e ameaçadoras da *matchundadi* aprendida.

Palavras-chave

Gênero; Masculinidades; Sociologia das Emoções; Homens; Matchundadi; África; Guiné-Bissau.

Abstract

The dissertation presented here seeks to address the issue of gender, African masculinities and emotions, being a case study in Guinea-Bissau. The research seeks to contribute to understanding how middle-aged men from three different ethnic groups built their masculinities, reflected on gender and dealt with their emotions. I hope that there is a dissonance between the perceptions and experiences of these men and the more recent sober debates as new masculinities, but we believe that there is a strong need to understand their views and understand the knowledge they cause and transmit in their local communities. This dissertation also seeks to give voice to the existing literature in Africa and Guinea-Bissau that investigate these themes. Our results allow us to observe that, despite the great diversity found, men share views strongly marked by their experiences of violence and represent a strongly patriarchal world. In this process, the new ways of being a man are interpreted as destabilizing and threatening the learned matchundadi.

Keywords

Genre; Masculinities; Sociology of Emotions; Mens; Matchundadi; Africa; Guinea Bissau.

Índice

Declaração de Integridade	3
Dedicatória	5
Agradecimentos	7
Palavras-chave	9
Abstract	11
Keywords	11
Introdução	16
CAPÍTULO 1. Enquadramento teórico	18
1.1. Teorias sociológicas sobre género e masculinidades	18
1.2 O contributo da sociologia das emoções	22
CAPÍTULO 2. Género, masculinidades e emoções de uma perspetiva africana	23
2.1 Género, masculinidades e emoções no contexto africano	23
2.1.1 Sobre os homens africanos	27
2.2. O debate sobre género, masculinidades e as emoções na Guiné-Bissau: uma questão ainda por explorar	30
2.2.1 Matchundadi: a hipermaculidade guineense	32
CAPÍTULO 3. Metodologia acionada e contextualização do estudo	34
3.1 Apresentação e discussão da abordagem metodológica da pesquisa	34
3.1.1 Técnicas de pesquisa e procedimentos de recolha de dados	37
3.2 Contexto histórico social da Guiné-Bissau	39
3.3. A população-alvo: etnias Bijagós, Mandinga e Pepel	43
CAPÍTULO 4. Apresentação e discussão de resultados	45
4.1. Homens a falarem de si	46
4.2. Diário de um etnógrafo ou um homem em escuta	54
4.3 Reflexões finais ou sobre fala e escuta	69
Referências bibliográficas	72
ANEXOS	76
Guião de aplicação do método historia de vida	76
Sinopses das entrevistas	77

Lista de Figuras

Imagem 1 Investigador - Mamadu Alimo Djaló	55
Imagem 3 Entrevistado - E1 Pepel, Agente Cultural	56
Imagem 4 Entrevistado - E2 Pepel, Reformado	57
Imagem 5 Entrevistado - E3 Pepel, Reformado	58
Imagem 6 Entrevistado - E4 Pepel, Reformado	59
Imagem 7 Entrevistado - E5 Pepel, Pedreiro	60
Imagem 8 Entrevistado - E1 Mandinga, Professor	61
Imagem 9 Entrevistado - E2 Mandinga, Guarda Florestal	62
Imagem 10 Entrevistado - E3 Mandinga, Reformado	63
Imagem 11 Entrevistado - E4 Mandinga, Político	64
Imagem 12 Entrevistado - E5 Mandinga, Agricultor	65
Imagem 13 Entrevistado - E1 Bijagó, Professor	65
Imagem 14 Entrevistado - E2 Bijagó, Agricultor	66
Imagem 15 Entrevistado - E3 Bijagó, Reformado	67
Imagem 16 Entrevistado - E4 Bijagó, Condutor	67
Imagem 17 Entrevistado - E5 Bijagó, Empreendedor	68

Introdução

A temática que se pretende trabalhar nesta dissertação de mestrado é ambiciosa e ao mesmo tempo desafiante. No contexto que se pretende focar, este tema é de modo geral, um tema bastante excluído no espaço público e de pesquisa, e ainda mais entre a população masculina sendo ainda escassa a literatura existente sobre as questões de género e masculinidades africanas sobretudo quando estudadas a partir de dentro.

O interesse particular de trabalhar sobre esta temática nasceu de um desafio lançado pelo HeForShe de Lisboa, sendo núcleo de um Movimento Global de Solidariedade pela Igualdade de Género, no seu primeiro Programa de Mentoria (Mentoring the Future, 2021), em que participei e criei o Projeto Muntu - Contrariar o Machismo. Este projeto (Muntu_CM, 2021) tem estado a promover a defesa dos princípios da igualdade de género, justiça social e das masculinidades positivas, convocando homens jovens dos PALOP a assumirem as suas responsabilidades no que toca à construção de sociedades cada vez mais justas e igualitárias.

Na sequência desta experiência fiquei com vontade de explorar bibliografia africana sobre as questões relacionadas com o género, as masculinidades africanas e as emoções, os três temas que o meu projeto envolveu. Senti igualmente que era importante dar voz aos homens africanos de forma a perceber as suas lógicas e mundivisões sob uma perspetiva de género.

A seleção da Guiné Bissau como contexto nacional para este estudo prende-se com o facto de sendo necessário delimitar espacialmente a pesquisa se me afigurou interessante focar o estudo no meu país de origem. Sendo eu guineense mas com uma longa experiência de residir fora, tenho um especial interesse em perceber como é que a (re)construção de género é encarada pelos homens guineenses, de que forma constroem as suas masculinidades e como manifestam as suas emoções com outras pessoas. Será do ponto de vista pessoal um desafio enorme debruçar sobre esta temática e torná-la (mais) ativa no campo de investigação sociológica guineense.

As questões relacionadas com o género em África (e também na Guiné-Bissau) tem sido discutidas com um foco muito mais voltado para o campo da Mulher, ou seja, pela via da emancipação feminina, de forma a que as mulheres possam lutar e assumir o mesmo privilégio que os homens têm no espaço público. Consideramos que tal perspetiva tem toda a legitimidade até porque se fez a partir de uma clara necessidade social. Assim são sobretudo autoras, tanto investigadoras como escritoras, que se debruçam sobre estas temáticas (Joacine Katar Moreira, Odete Costa Semedo e Patricia Godinho Gomes). Ao contrário, as investigações voltadas para o campo do homem e das masculinidades têm sido mais reduzidas. Não se encontra propriamente um autor de referência a trabalhar estes temas apesar de desde os princípios dos anos 90 do século passado estes temas terem ganho algum espaço em várias publicações e fóruns de discussão em África. Porém, a autoria tende a ser tanto homens como mulheres. Um aspeto adicional que se destaca é que quase todas as publicações são em inglês e

francês e pouca é a autoria em português, o que nos faz por a hipótese de um reduzido interesse lusófono por estas temáticas. Pode-se encontrar essas publicações internacionais nas revistas da *Cahiers d'Études Africaines; Travail, Genre et Sociétés* e nas várias publicações do CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África, sigla em inglês). Em relação aos PALOP em geral encontram-se também algumas bibliografias interessantes sobre a temática que se pretende trabalhar nesta dissertação das quais se destacam o artigo de Andreia Lobo e Francisco Miguel com o título “*“Homem é tudo igual!”: Relações de Género e economia dos Afetos no Arquipélago de Cabo Verde, África*” (2020); o artigo “*Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo*” de Sofia Aboim (2008); Margarida Paredes (2013) com o seu artigo sobre “*As Masculinidades coloniais no fim do império português: o ataque à Vila Alice, Luanda 1975*”; Fernanda de Nascimento Thomas, na revista *Outros Tempos* em 2015, publicou os “*Testemunhos de Violência num Registo Judicial Durante a Ocupação Colonial no Norte de Moçambique*” e por fim, também o artigo que retrata as questões das “*Masculinidade e Colonialismo: Em Direção Ao “Homem Novo”*” da autoria de Mário César Lugarinho (2013).

Assim, partindo da noção de que estamos perante uma articulação temática que está pouco documentada no contexto que pretendemos abordar, enveredamos por esta pesquisa almejando, a partir desta tríade temática e dando destaque à literatura nacional e africana existente sobre o assunto compreender como os homens guineenses vivenciam a sua masculinidade, a representam e como a interligam com as suas emoções. Assim, o tema desta dissertação é “*A (Re)Construção do Género na Guiné-Bissau: Masculinidades e Emoções. Um contributo para os estudos de género africanos*”.

Os objetivos gerais deste estudo são:

1. *conhecer a evolução dos estudos de género no continente africano com foco nas masculinidades;*
2. *perceber as manifestações das masculinidades africanas a partir do estudo de caso dos homens guineenses;*

Para os concretizar definimos os seguintes objetivos específicos:

- 2.1 *compreender como os homens da Guiné-Bissau percebem o género e as masculinidades;*
- 2.2 *compreender o modo como os homens guineenses lidam com as emoções e como as assumem e partilham, nomeadamente quando se trata de amor, medo, raiva e a dor.*

O lugar de fala do investigador é um aspeto peculiar da pesquisa, uma vez que é um homem guineense com experiência diaspórica. Esta questão vai ser tida em conta na estratégia metodológica até porque a mesma vai ser pautada por uma abordagem qualitativa em profundidade na qual a interação entre o investigador e o objeto de estudo vai ser intensa.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, revisitam-se teorias sociológicas selecionadas sobre os três temas centrais - género, masculinidades e emoções. No segundo capítulo é feita a articulação entre os construtos do ponto anterior e os contributos de autores africanos e guineenses sobre a (re)construção do género, das masculinidades e das emoções, ao mesmo tempo problematizar essas abordagens com um olhar mais atento sobre a realidade atual dos homens na sociedade guineense. Para qualquer investigação se estruturar necessita de adquirir alguma metodologia e técnicas de investigação, por isso, o terceiro capítulo, terá como foco a justificação da escolha técnica e metodológica desta investigação. Apresenta-se ainda o objeto de estudo que se pretende estudar e discutem-se as técnicas de pesquisas. Por último, o quarto capítulo apresentando os principais resultados desta dissertação e tecer algumas considerações finais, fazendo um balanço dos atingimentos e dos limites do trabalho realizado.

CAPÍTULO 1. Enquadramento teórico

Esta dissertação de mestrado segue a linha investigativa frequentemente usada pela investigação em ciências sociais e que consiste em selecionar um suporte teórico de partida a partir do qual se define um percurso. Por isso, a sua fundamentação teórica estará concentrada sobre os três conceitos sociológicos que compõem o seu título e a intenção de levar este trabalho a um bom porto.

Género, Masculinidades e Emoções são isoladamente assuntos debatidos na Sociologia sob diferentes pontos de vista e contextos. Neste trabalho, opta-se por cruzar um olhar teoricamente fundamentado em autorias de reconhecido valor científico com uma perspectiva o *mais africana possível* sobre estas três questões baseado em pesquisas de investigadores e centros de investigação africanos. Para tal destaque a esta opção conceptual e teórica a revisão de literatura estrutura-se nesta linha partindo de debates mais globais e ocidentalizados para a referida perspectiva africana. Desta forma procurar-se-á estabelecer alguma comparação teórica com as perspectivas de investigadores no ocidente também sobre esta temática, e de algum suporte nos clássicos de sociologia sobre estes temas.

1.1. Teorias sociológicas sobre género e masculinidades

É quase impensável falar do género sem antes estabelecer algumas diferenças existentes e esclarecedoras entre género e sexo. Pois género, de acordo com vários sociólogos e sociólogas, é uma construção social que se fundamenta com base na forma como é vista e projetada um determinado ser humano recém nascido. Já o sexo, é algo biológico e da natureza dos seres animais. Ou seja, na natureza humana ou se nasce macho ou se nasce fêmea. E onde entra a

questão do género, é bem problematizada por Simone de Beauvoir (1908-1986), em que assume que “*não se nasce mulher mas sim se torna mulher...*” (Beauvoir, 1980:09). Essa afirmação também serve na perfeição quando se trata dos homens: não se nasce homem, torna-se homem.

De acordo com Giddens (2013) sexo é um termo ambíguo e pode significar atividade sexual, mas também características físicas que distinguem homens e mulheres, o que poderia ser pensado que, sendo homem ou mulher, está associado ao sexo do corpo com que nascemos. Porém, não pode ser classificada de forma tão fácil a natureza da masculinidade e da feminilidade. A terceira vaga do feminismo, e especificamente o contributo de Butler veio chamar a atenção para o carácter performativo do género, ao mesmo tempo que desafiou o dualismo simplista sexo/género afirmando que também o sexo é uma construção social (Butler, 1999). Já através da visão de Vilella e Arilha (2003), podemos entender que:

Enquanto seres sexuados, percebemo-nos e situamo-nos no mundo como mulheres ou como homens. Tal percepção, embora tome como base a anatomia corporal visível, é mais prescritiva do que descritiva, pois, o que é captado da corporeidade não é apenas “*tenho uma vagina*” ou “*tenho um pénis*”, e sim, “*devo ser, sentir e me comportar deste ou daquele modo*”. O género constitui o modo como nos relacionamos com nós próprios e com o outro. Assim, incide no processo de produção simbólica, definindo a maneira como cada um percebe o mundo, apreende os códigos de interpretação da cultura e estabelece pautas de interação com o outro, marcando a atuação social de cada indivíduo (Vilella & Arilha, 2003:115).

Com base nessa atuação individual, acabamos por projetar pessoas que, com um determinado sexo, assumem certas posturas que socialmente lhes são impostas. Como por exemplo, condicionar as mulheres aos trabalhos domésticos e dar poder aos homens de saírem para o exterior e se afirmarem na esfera política. Além de que esta divisão não acontece assim sempre, pois, essa abordagem e constatação tem vindo a variar e varia de sociedade para a sociedade, porque tanto homens como mulheres tornaram-se provedores e ao mesmo tempo cuidadores. Desde que se discute género a maior parte dos estudos foram feitos no contexto da luta pelos direitos da mulher na sociedade, acabando por provocar um certo entendimento (errado) de que “género” é sinónimo de “mulher”. Na verdade, desde sempre que estas questões se relacionam com todas as pessoas visto que se trata da vida em sociedade em todas as suas esferas (Saleiro e Sales Oliveira, 2018).

De acordo com Vale de Almeida (1996:186) “*o género é precisamente um processo de objetificação das relações sociais, simplificando a sua complexidade e localizando em homens e mulheres características de agência e poder que não lhes são inerentes.*” Por outro lado, para Strathern, o género é uma categoria aberta, entendido como uma “*categorization of*

persons, artifacts, events [and] sequences [...] which draw upon sexual imagery [and]/make concrete people's ideas about the nature of social relationships" (1988, in Vale de Almeida, 1996:186).

No entanto, a partir da produção da diferença, Vale de Almeida resgata afirmações de Cornwall e Lindisfarne, sobre Strathern a respeito das diferenças de género, demonstra que o uso da noção do "dividual" (*dividual*), aborda os seres humanos como tendo fronteiras permeáveis, experimentado num movimento constante entre diferentes aspetos da vida social, o que justifica que o género seria então um desses movimentos. Deste modo, "*Being 'male' or being 'female' emerges as a holistic unitary state only in particular circumstances [...] each male or female form may be regarded as containing within it a suppressed, composite identity*" (Strathern, 1988:14-15).

A discussão sobre a masculinidade e homens na sociologia, infelizmente não teve o mesmo impacto e percurso que o estudo da mulher e da feminilidade teve na década de grande rotura (década de 60 do século XX). Os estudos feministas encararam sempre os tópicos da masculinidade como relativamente simples e não problemáticos, o que não justificou mais investimento no que diz respeito a análise da masculinidade e também da própria experiência de se ser homem, como por exemplo na abordagem da formação das identidades masculinas (Giddens, 2013).

Foi fundamental levantar algumas questões quando na década de 80 do século XX os estudos críticos sobre os homens e a masculinidade começaram a receber maior atenção. "*O que significa ser homem na sociedade moderna atual? De que forma as expectativas tradicionais e as pressões sobre os homens se transformam numa época de mudanças rápidas? Está a masculinidade em crise?*", são algumas questões levantadas por Giddens no seu manual de Sociologia, publicado em 2013, demonstrando que as mudanças vitais que afetam o papel das mulheres e os padrões de família nas sociedades industrializadas levaram ao levantamento destas questões relativamente a natureza da masculinidade e o seu papel em mudança na sociedade.

De acordo com vários autores, como Connell, é importante tratar a temática da masculinidade no plural, pois existem variadíssimas formas de se manifestar enquanto homem que se constrói com base nos padrões fundamentados na masculinidade. Discutir a masculinidade no singular leva-nos a determinar a existência única e exclusivamente de um tipo de masculinidade, mas pelo que se pode constatar todos os homens não são iguais, e não expressam as suas masculinidades da mesma forma

Segundo Vale de Almeida, no seu artigo publicado em 1996 sobre um estudo que desenvolveu no sul de Portugal a respeito do género, masculinidades e poder demonstra-nos que:

Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respetivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e da capacidade de ação, como tal acessíveis

a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de género. O carácter móvel e contingente da relação entre masculinidade, homens e poder torna-se claro quando analisamos etnografias que prestam atenção ao diálogo e conflito entre masculinidades hegemónicas e subordinadas, ou que prestam atenção quer à variabilidade individual das identidades masculinas, quer às alterações destas num só indivíduo ao longo do ciclo de vida ou consoante situações de interação (Vale de Almeida, 1996, 162).

De acordo com R.W. Connell, através do seu estudo sobre a “ordem de género” nas sociedades, mais especificamente sobre a sua teoria da “hierarquia de género” apresenta-nos quatro tipos de masculinidades divididos em mais poderosos e menos poderosos. No topo, podemos encontrar Masculinidade Hegemónica, a qual se refere como a que domina todas as outras formas de masculinidade e feminilidade numa sociedade, pois, o termo “hegemónico” refere-se ao conceito da hegemonia, que diz respeito ao domínio social que um determinado grupo exerce, não propriamente através da força bruta, mas também através de uma dinâmica cultural que se estende ao campo da vida privada e às esferas sociais (Connell, in Giddens, 2013). Já na segunda posição podemos encontrar a Masculinidade Cúmplice que se refere ao facto como o “dividendo patriarcal” e aos que beneficiam dele como sendo sua personificação. No entanto, segundo Connell (in Giddens, 2013), algumas masculinidades e feminilidades encontram-se numa relação subordinada face a masculinidades hegemónicas, e aí entra a terceira posição da hierarquia que são as variedades das Masculinidades Subordinadas. Mas entre as masculinidades subordinadas, a mais importante é a Masculinidade Homossexual que é mais estigmatizada e ao mesmo tempo encontra-se na última posição da hierarquia, pois, um homossexual é considerado o oposto do “verdadeiro homem”.

Portanto, apesar de um certo atraso no que diz respeito ao desenvolvimento das teorias sobre a masculinidade, a comparar com os estudos da mulher e da feminilidades, podendo ganhar um certo interesse académico e público podemos entendê-la, com base no pensamento de Connell (1990), como *“construída por práticas masculinizantes, que estão sujeitas a provocar resistência que são sempre incertas quanto a seu resultado. É por isso, afinal, que se tem que pôr tanto esforço nelas”* (Connell, 1990: 90).

Com base nessas práticas masculinizantes podemos entender como os estudos das emoções se situam no campo da masculinidade, trazendo olhares que demonstram de que modo se pode desbravar teoricamente as emoções.

1.2 O contributo da sociologia das emoções

De acordo com Koury (2021), o sociólogo Norbert Elias:

demonstra que as emoções individuais, e a própria cultura emotiva, derivam de processos coletivos de incorporação de formas de ser e estar no mundo a partir de processos tensos, conflituais e de negociação e disputa entre estabelecidos e os considerados de fora da comunidade e que contagiam com seus modos e estilos de vida não condizentes com o costume e a moral local (Koury, 2021:62).

Primeiramente, podemos entender as emoções como sendo características pessoais que cada pessoa sente e desenvolve sobre um determinado aspeto da sua vida. Mas só a partir do século XX que foi possível considerar um período de mudança dos padrões emocionais:

mais especificamente, diversos autores apontam o aumento da hostilidade em relação à expressão de emoções negativas (a par da crescente valorização do autocontrolo), o aumento da partilha das emoções e das experiências emocionais em várias esferas, como sejam as relações íntimas, de amizade, mas também cada vez mais nas redes sociais e no espaço público, ao mesmo tempo que, as emoções são cada vez mais valorizadas enquanto *social skill* (habilidade social) (Elias, 2006; Hochschild, 2011; Illouz, 2008, citados por Roque Dantas, 2016).

Por outro lado, para entender as manifestações das emoções, é preciso resgatar a teoria da ação social de Weber, em que o autor afirma existir quatro tipos de ações sociais, um deles é ação social afetiva que vincula os sentimentos e desejos através dos estados emocionais, em busca de satisfazer suas vontades, por exemplo, loucuras por algo ou alguém (Klann, 2018).

É fundamental entender que as emoções não se resumem a meras definições, pois costumam ser reações internas complexas ao ambiente externo, o que torna relacionada a mecanismos culturais e ambientais. As emoções, para além de possuírem fatores exteriores, abarcam também algumas particularidades que “*são sentidas de modo singular por cada indivíduo*” (Daros, 2018).

De acordo com Daniel Pens Gelain (2015), podemos entender as emoções como sendo:

elaboradas a partir de estímulos decorrentes de vários fatores, entre eles, estão os estímulos ambientais, codificados pelas células do sistema sensorial (o grande recetor do corpo humano), e os estímulos endógenos, que resultam do processo de comunicação entre os órgãos, tecidos e as células do próprio corpo (do interior do organismo) (Gelain, 2015, citado por Daros 2018:209).

Em termos sociológicos, Daros (2018) cita Raquel Weiss (2015), que assume que “*a compaixão é o sentimento geradora da emoção (e é a) chave para o desenvolvimento da sociedade*”, pois a compaixão é “*sentimento de benevolência em relação ao outro, que pressupõe uma*

capacidade de empatia, isto é, de sentir não apenas seus próprios sentimentos, mas conseguir perceber o sentimento do outro” (Raquel Weiss, 2015 citada por Daros, 2018).

Portanto com base nessa perspectiva de Weiss, é fundamental perceber que normalmente, são, em termos gerais, as mulheres mais educadas para a prática de empatia, partilha de sentimentos e expressão das emoções, ao passo que homens, tanto europeus como africanos, acabam por sofrer algumas limitações no que diz respeito à praticidade da empatia e expressões das emoções.

Pois, não só se sente emoções e necessidades externas em relação aos outros seres humanos e ao real, mas também se percebe, sente, e pensa sua vida interior. Tais experiências interiores ampliam as dimensões da realidade e transformam a visão que se tem do mundo (Menezes, 2002).

Segundo Menezes (2002), no seu ensaio intitulado “*a modelagem sociocultural na expressão das emoções (notas para uma sociologia das emoções)*”, questiona sobre a ausência de organização social mais complexa e de um sistema de sentimentos e intenções entre os antropoides: “*que coisas os impedem de exprimir emoções como o lamento da perda de ente querido, uma vez surpreso o cadáver; ou expressar admiração, remorso, etc. como emoções duradouras?*” (Menezes, 2002:92). E justifica que a razão parece estar presente na pobreza de seu sistema cognitivo e afetivo, sem suportes simbólicos mais sofisticados, e, deste modo, sem os recursos da memória coletiva operando num determinado tempo histórico (Menezes, 2002). Tendo em conta esta variedade em termos espaciais e cronológicas, no que diz respeito a forma como é discutida a questão do género, das masculinidades e também das emoções, vamos poder, nesta dissertação procurar essa compreensão a partir de diferentes lugares, visto que é um trabalho que procura um desenvolvimento mais localizado. Ou seja, presentemente mais africana e guineense, de modo a procurar entender essas expressões quando a problematização abarca só os homens.

CAPÍTULO 2. Género, masculinidades e emoções de uma perspectiva africana

2.1 Género, masculinidades e emoções no contexto africano

A temática de género é muito bem discutida e problematizada por organizações africanas e investigadores, no sentido da busca pela afirmação da igualdade entre homens e mulheres fundamentado no alcance do ODS-5. Nessas discussões, os relatórios, artigos científicos e os vários documentos institucionais revelam abordagens interessantes que podem servir para contextualizar o desenvolvimento destas três temáticas em África, principalmente do género.

Neste sub-capítulo exploraremos algumas bibliografias institucionais de modo a perceber como o continente está posicionado em relação à busca pela afirmação de igualdade de género e também recorrer a algumas pesquisas feitas dentro da África e publicadas nas revistas africanas. Poderemos desenvolver três pontos essenciais, entre as quais: a forma como é discutida o género em África; o modo como são manifestadas as masculinidades e a forma como são teorizadas as expressões das emoções nos homens africanos.

No que diz respeito a forma como é discutida o género em África, podemos ver alguns aspetos que ilustram essa abordagem a partir das ações da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental) para a Igualdade de Género, em que demonstram alguns pontos fundamentais dessas mesmas ações a partir do programa de desenvolvimento de género, que tem como objetivo promover a igualdade de género e o empoderamento das mulheres na região da CEDEAO, ilustrando vários objetivos como as quais:

Promover a igualdade de género; Apoiar o empoderamento das mulheres e promover programas para lidar com os desequilíbrios de género; Proporcionar a integração de uma perspetiva de género no trabalho da CEDEAO a nível organizacional e a nível dos Estados membros; Apoiar inovações técnicas e sociais que contribuam para o empoderamento das mulheres e melhoria da qualidade de vida das mulheres e homens da CEDEAO; Apoiar e promover os direitos humanos de mulheres e meninas; Fomentar o diálogo construtivo entre mulheres e homens da região. (in Barros, 2018:37).

A par destes objetivos existem vários que procuram apoiar organizações juvenis e também programas a serem desenvolvidos pelos Estados Membros da comunidade, o que reforça uma certa vigilância no que toca ao cumprimento da Agenda 2030 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável em África.

Em termos concretos, muitos desses objetivos e ações acabam quase sempre por ficar pelo caminho, pois não se notam grandes e significativas mudanças no panorama da representatividade das mulheres nos lugares de tomada de decisão e os casos de abuso e violência aumentam bastante e sem políticas públicas fortes de combate a esse flagelo. De acordo com a Elisabete Marques Barros (2018), suportado através dos dados da ONU Global Issues Africa, são num total de 11 países africanos onde as mulheres ocupam um terço dos assentos no parlamento, e um dos exemplos mais paradigmáticos é o do Ruanda, que tem a maior percentagem de mulheres deputadas no mundo. Por outro lado, a África Subsariana, na sua totalidade, possui a maior taxa regional de atividade empresarial feminina no mundo. Pois, são as mulheres, em grande maioria, produtoras de riqueza para os seus países. Outros dados estatísticos apontam para o caso do casamento infantil, em que sete países da África Ocidental estão entre os 20 principais países do mundo com as taxas mais altas de casamento infantil. O facto do Níger possuir a maior taxa de fertilidade do mundo, deve-se ao

facto de que três em cada quatro raparigas casam antes dos seus 18anos, o que revela existência de sete crianças por cada mulher em idade fértil. Já a Nigéria se situa entre os 20 países com o maior número absoluto de casamento infantil, tendo 1,2 milhões de meninas casadas (Barros, 2018). No que se refere a mutilação genital feminina, continua a ser, na África Ocidental, uma prática generalizada sendo que a sua prevalência varia consideravelmente de um país para o outro, possuindo uma variação entre 2% no Níger a 97% na Guiné (Barros, 2018).

Pode-se, por outro lado, entender a questão de género através da conceção problematizada de Oyeronké Oyéwúmi, autora nigeriana que, na sua abordagem, traz a cultura Yoruba para o contexto do género e do feminismo. No seu texto “*Conceituando Género*” (Oyéwúmi, 2014), revela a complexidade cultural em que descreve que o termo “*marido*” e “*esposa*” na África não possui nenhuma especificidade de género.

De acordo com Oyéwúmi (2014) citada por Calheiro e Oliveira (2018), nesta complexa cultura tanto homens como mulheres podem ser maridos e/ou esposas, pois, esclarece o seguinte:

Em grande parte da África, “*esposa*” é apenas uma palavra de seis letras [...]. Ser esposa tende a funcionar mais como um papel, que como uma identidade [...]. Em toda a África, a categoria geralmente traduzida como esposa não é o género específico, mas simboliza relações de subordinação entre quaisquer duas pessoas (Oyéwúmi 2000, citada por Calheiro e Oliveira 2018:93).

E essa relação de subordinação acontece independentemente do género com a qual a pessoa se identifica e/ou o sexo que a pessoa possui. O que se pode justificar também de uma outra forma, em que a autora assume não existir, na sociedade Yoruba (em África), a categoria social “mulher” identificada e assumida como vítima em desvantagem social.

Nesse sentido, em grande parte da África, principalmente naquelas sociedades onde ainda conservam uma boa parte da cultura e de sistemas matriarcais, também os homens podem estar inseridos nas categorias sociais de vítimas em desvantagem social, tendo em conta que existem variadíssimas formas de se assumirem como homens perante os desafios de transformação das identidades.

Portanto, a manifestação das masculinidades no contexto africano tem ganhado variadíssimas formas. Pois, os homens não só se estão a libertar das suas masculinidades violentas e tradicionalmente tóxicas como também assumem outras manifestações mais ligadas a masculinidades positivas e criativas.

De acordo com autores como Evans-Pritchard (1974), Oppong (1983); Hansen (1984), as masculinidades como as feminilidades não são e nunca devem ser definidas separadamente, pois, a construção do género é profundamente racional. No entanto, há vários autores como é o caso de Jean-Pierre Dozon (1985), que não se dão como objeto central nem o género nem a masculinidade têm conseguido aprofundar o conhecimento sobre essas temáticas. O autor dá

exemplo da monografia de Dozon (1985) em que este estudou o Bété da Costa de Marfim, afirmando que “*a ordem social é antes de tudo uma ordem androcrática*” e mostra isso em diversos ângulos. Reforça ainda que os esforços são raros e o androcentrismo é muitas vezes evidentes em várias seções da literatura de ciências sociais sobre a África.

Contudo, percebe-se que a fronteira entre obras em que se debruça sobre a masculinidade e outras temáticas é ténue, pois são publicações relativas a espaços fortemente predominadas por masculinos, as diferentes formas de poder, violência ou culturas urbanas, como por exemplo que nos informam ainda de forma implícita sobre as construções de masculinidades. Neste sentido, trazer discussões ou teorizações voltadas para as emoções nos homens e as suas formas de expressão acabam por ser significativamente menos discutidas e partilhadas, a não ser que seja subentendida entre linhas em várias obras ou apresentações nos fóruns.

Deste modo é preciso impulsionar cada vez mais debates voltados para discussões das manifestações das emoções nos homens africanos, porque ao se saber manifestar perante vários desafios e diversas atrocidades que acontecem em diferentes contextos seremos capazes de, alguma forma, nos libertar e partir para as mudanças de que necessitam o continente africano.

A África durante vários séculos foi oprimida e negada a sua condição de manifestação livremente, então os investigadores podem assumir um papel preponderante no que diz respeito a mudança deste paradigma de forma mais profunda. Ainda que já se está a notar em diferentes espaços que os homens africanos já ousam se assumir quando se identificam com um certa identidade masculina, e possuem espaços onde expressam livremente sobre as suas dores e afins, portanto, cada vez mais deve-se impulsionar isso.

Em África, particularmente, as formas de vida são tidas em conta, à priori, como diversas. Ou seja, a diversidade é uma das características muito fundamental e presente nos modos de vida, de ser, de se apresentar e de estar. Especificamente quando falamos de homens e/ou das masculinidades, apesar de vincar a masculinidade tradicional ou hegemónica, existem modos de manifestação dessa masculinidade de variadíssimas formas. Desde infância até à vida adulta. Ao que se refere também à construção de género ou expressão das emoções podemos encontrar as suas próprias formas e singularidades consoante os grupos étnicos de um determinado país, como por exemplo o caso da Guiné-Bissau com imensos grupos étnicos. Neste sentido, vamos poder perceber que teorias sobre as masculinidades são mais frequentes no continente com foco na África Ocidental, e também na Guiné-Bissau que tipo de masculinidades é mais manifestada, as construções do género e as manifestações expressivas das emoções nos homens perante vários desafios da afirmação na sociedade. Sabe-se, através de vários estudiosos dessa temática, que não se pode pensar na masculinidade de forma singular, que o género não diz respeito só às mulheres ou só se refere a masculino e feminino, como sendo tipos específicos que são manifestados por todos os homens ou

mulheres. Portanto, deve-se pensar e estudar as masculinidades e género na sua pluralidade, pois, o modo como os homens de Serra Leoa, de Gâmbia ou Zimbabwe manifestam as suas masculinidades e expressam as suas emoções, ou tratam das questões de género, é diferente da forma como os cabo-verdianos, os guineenses tanto da Guiné-Bissau como os da Guiné Conacri ou senegaleses. E dentro de cada um desses países, também pode-se encontrar diversas, tendo em conta vários níveis, na forma de tratamento das crianças e jovens rapazes e adultos ou anciões.

Deste modo, é preciso compreender estas temáticas sobre diversas ordens, de forma a mostrar a sua pluridimensionalidade e não permanecer só com um olhar estanque e hegemónico.

Neste capítulo, reforça-se a teorização da temática desta investigação em que se desenvolveu os pontos como por exemplo, os homens africanos, género, masculinidades e as as manifestações emotivas; o debate sobre o género e as emoções na Guiné-Guiné-Bissau: uma questão por desvendar?; e *matchundadi*: a hipermasculinidade guineense.

2.1.1 Sobre os homens africanos

Compreende-se, inicialmente, que os homens, independentemente do papel socialmente desempenhado e da localidade onde residem, são todos iguais perante a lei e merecem viver com dignidade. Essa conceção que só veio a tornar-se comum e global na primeira metade do século XX, o que obrigou, de alguma forma, que os tratamentos bárbaros contra os africanos levados a cabo pelos europeus se mudasse. Mas antes, no período da escravatura e do colonialismo, a forma como se via os homens africanos e as suas masculinidades é exatamente à volta daquilo que Baden-Powell (1993) citado por Uchendu (2009), afirmava, de que a masculinidade deveria ser medida em termos de “inteligência” e “ação”, e do ponto de vista de Baden-Powell os homens africanos do século XIX e início do século XX não tinham estes atributos, pois, não eram só “estúpidos”, mas também carentes de inteligência, insensíveis, preguiçosos e sem vida.

Portanto, podemos entender a masculinidade como o que qualquer sociedade admite como características associadas ao género masculino e expressões de masculinidades, como sendo formas de ser que servem para validar o sentido de masculinidades de um sujeito como homem (Whitehead, 2002 citado por Uchendu 2009), mas não significa exclusivamente que só os homens podem ter comportamentos associados a masculinidade, pois, podemos também encontrar expressões de masculinidades nas mulheres (Vale de Almeida, 1995). Portanto, as noções de masculinidades têm-se transformado em todo o mundo e a África não fica para trás nessa transformação, tendo como fatores de influência a raça, cultura, religião e os sistemas de crenças, as realidades ambientais e experiências históricas (Uchendu, 2008).

Essas transformações teorizadas por diversos autores ao nível mundial, têm demonstrado que os homens de todo mundo, especificamente os africanos, estão a sofrer de uma “crise de masculinidade” que é causado pelo “*declínio económico combinado e da feminização da força de trabalho*” (Gibbs 2014; Dube 2016, citados por Musariri & Moyer, 2020). Por outro lado, justifica-se que também essa causa vem da perda de poder e da capacidade por parte dos homens de corresponderem às suas próprias expectativas e às da sociedade, em que alguns homens procuram e agem violentamente contra as mulheres e também como os companheiros homens em compensação desse sentimento de crise que nutrem tanto nos seus lares como na sociedade que pertencem (Dube 2016; Hamber 2010, in Musariri & Moyer, 2020). Um dos exemplos demonstrados pelos autores Musariri & Moyer, no seu artigo intitulado “*Um homem negro é um homem encurralado: migração, precariedade e masculinidades em Joanesburgo*” (2020), é o caso da África do Sul, em que revelam que o conceito da crise da narrativa da masculinidade tem sido usado para justificar “*altos níveis de violência, ligando as estatísticas assustadoras de estupro e assassinatos*” (Musariri & Moyer, 2020:02). Portanto, pode-se também notar essas atitudes por parte de outros homens africanos, incluindo os guineenses.

É demonstrado através de várias obras como por exemplo, a obra de Eboussi Boulaga (1977), que há uma crise do homem, o que autor denomina de *La Crise du Muntu*, que também é o título da sua obra. Muntu na língua bantu, significa homem, na sua singularidade e de uma forma mais abrangente é a Pessoa Humana dotada de consciência, inteligência e memória (Bono, 2014).

De acordo com Ezio Lorenzo Bono (2014), na sua obra “*Muntuísmo: a ideia da pessoa na filosofia africana contemporânea*”, para os Bantu existem muitas forças, diferentes umas das outras, visíveis, que são materiais e invisíveis que são da natureza intrínseca do ser, e o autor afirma o seguinte:

Muntu é a excelência do ser. Deus é o grande Muntu. As coisas são forças inferiores. A força (o ser) pode crescer ou diminuir. As forças podem interagir entre elas. Esta interação entre forças é denominada magia. Deus concede tais forças ao Homem através da natureza. Existe uma hierarquia de forças: Deus que cria; o Homem (antepassados dos diversos clãs, defuntos); Terra (homens, animais, plantas). (Bono, 2014:24).

Entenda-se “Deus” como qualquer força superior de crença que os homens e as mulheres assumem. Em África, não é necessariamente o “Deus Católico ou islâmico” que é de toda a gente, pois, as crenças variam imensamente, podendo ter no lugar de “Deus” santuários, ancestrais, árvores de grande portes etc.

Portanto, ainda no olhar de Bono (2014:24) *“dentro de cada classe de forças existe uma hierarquia ulterior. Todas as forças estão relacionadas com os vivos que são o centro de toda a humanidade, incluindo os defuntos.”*

Na África Ocidental as pesquisas sobre as masculinidades tem ganhado muito destaque que acaba por revelar, de uma certa forma que falar de gênero não se deve focar simplesmente nas mulheres mas também nos estudos de homens e das suas masculinidades. Pois, o gênero compete não só a masculino e feminino como também a outros, embora não muito frequentes porque há um certo padrão heteronormativo instalados em todas as sociedades africanas, inclusive a guineense.

Portanto, é preciso reforçar, cada vez mais ainda, os estudos críticos sobre homens e suas masculinidades em África, como aponta Kopano Ratele (2008):

o objetivo do pensamento da consciência masculina é dar aos homens algo na linha do que os 'Estudos das Mulheres' deram às mulheres: o auto-conhecimento. A consciência dos homens - o pensamento dos homens coloca os homens no centro, tal como a luta de libertação das mulheres coloca as mulheres na linha da frente (Ratele, 2008:26).

Pois, o que se tem notado atualmente é que os homens estão-se perdendo potencia e as mulheres a tomarem mais conta do mundo na medida que são elas a tomarem conta do próprio mundo, pois os homens estão cada vez mais fracos. Já com um olhar sobre a construção dos homens e das suas masculinidades no pós-independência dos países africanos, nota-se que, de acordo com Christophe Broqua e Anne Doquet (2013):

a história das masculinidades é marcada diretamente pelos efeitos de conquistas coloniais que provocaram a transformação (Hodgson 1999), em particular pela desestabilização dos sistemas de poder vigentes e também pelo enfraquecimento do peso dos idosos (Rich 2009; McCullers 2011) ou ainda mais amplamente pela inferiorização dos homens negros (Broqua e Doquet, 2013:03).

No entanto, sendo processos complexos que nos quais as relações entre homens e mulheres com base na construção das masculinidades como de feminilidades, possuem muito a revelar no que diz respeito a identidades de gênero e a construção de pessoas no mundo (Lobo e Miguel, 2020).

O caso da Guiné-Bissau quando perguntamos, ao todo, de que falamos no que diz respeito a temática de masculinidades, em termos de pesquisas, temos poucas referências a sinalizar de modo a perceber do que realmente falamos. Mas que é necessário reforçar os estudos de gênero e das masculinidades, não tendo simplesmente meia dúzia de investigadores e a maior parte serem mulheres engajadas nesse processo mas que realçam sempre a condição da mulher, como sendo o gênero feminino que mais sofre de discriminações.

Isto provoca, de alguma forma, que se limite não só a descrever a própria experiência como também de outras pessoas ou até da descrição de observações que se vai tendo sobre o comportamento e as atitudes dos homens, tanto entre os seus semelhantes como também com as mulheres e crianças. Pelo que se tem notado socialmente, falar de masculinidades na Guiné-Bissau é falar de homens que não só demonstram ser potentes em termos sexuais, com uma capacidade física e sempre prontos para a violência a vários níveis, seja contra crianças, contra os próprios homens e também contra mulheres.

Os desafios são enormes no que toca a investigação de qualidade no país, principalmente sobre temáticas pouco familiarizados tanto no meio académico como ao nível social e cultural. Deste modo, pode ser que este trabalho possa de alguma forma contribuir para despertar as atenções dos investigadores iniciados em problematizar temas como género, masculinidades, emoções, relações afetivas e outros, como forma de engrandecer a riqueza de conteúdos que se pode absorver num país com um potencial enorme em diversos sentidos.

2.2. O debate sobre género, masculinidades e as emoções na Guiné-Bissau: uma questão ainda por explorar

Na Guiné-Bissau, os debates de conteúdo académico carecem imensamente de espaços que despertam essa atenção para todos os grupos sociais que frequentam as universidades e não só, as instituições ou centros de estudo também dinamizam pouco espaços de debate que possa convocar a sociedade para esses tipo de encontros. Quando falamos de temáticas específicas como é o caso de género, masculinidades e emoções encontramos um grande vazio de encontros de debates sobre estes temas, mas não significa que não se produz conhecimento nestas áreas.

Há mais produções sobre género, empoderamento feminino, feminilidades do que masculinidades e emoções. Mas antes de entrarmos em detalhes sobre temáticas de género e masculinidades com base nas produções de guineenses sobre o género e masculinidades na Guiné-Bissau e também em África através de textos de autores africanos e não só, vamos compreender que no que diz respeito a conteúdos académicos voltados para as emoções é quase inexistente no contexto guineense, e com esta dissertação poder ser que se consiga dar um ponto de partida para esta discussão.

Podemos entender emoção, de acordo com Louis Quéré (2021), que cita Goeth quando este afirma que “*au commencement était l’action*”, e vem depois uma outra ideia que contraria de alguma forma esta afirmação do poeta alemão. O neurologista português, António Damásio afirma segundo Quéré (2021:13) que “*Au commencement était l’émotion, mais au commencement de l’émotion était l’action*”. Com isso, podemos perceber que não pode existir ação sem emoção, e quaisquer emoções é, na perspetiva de Damásio precedente de ação. Por

outro lado, é fundamental compreender que as emoções para além de se serem manifestadas de forma individual, também podemos compreender que as emoções coletivas podem produzir algum impacto tanto positivo como negativo. Daí que James Jasper (2014) especialista em emoções de movimentos sociais afirma que “*não há nada de misterioso dentro das emoções coletivas*”, contudo, é perceptível que não havendo mistério há um sentimento que assume no coletivo de forma a partir para as manifestações. No âmbito individual muitas vezes o partir para as ações segue-se logo a um ato de violência contra quem é, aparentemente, mais fraco, no caso de violências contra as mulheres e crianças protagonizadas pelos homens. No entanto, para uma auto-compreensão construtiva dos sentimentos e das emoções incluindo a compreensão desses objetos, Quéré (2021) cita Taylor (1985) quando este afirma que:

La nature véritable de l’emotion humaine nous a échappé. Une émotion est essentiellement constituée par notre sens de son objet, c’est-à-dire, par ce que nous sommes disposés à dire quant à sa signification pour nous. C’est ce qui est contenu dans le slogan: «Les être humains sont des animaux qui s’interprètent eux-mêmes»; ce qu’ils sont n’est pas indépendant de la façon dont ils se comprennent eux-mêmes. (Taylor, 1985 citado por Quéré, 2021).

Nesta condição quando confrontamos homens para discussões das suas emoções encontramos quase sempre resistências, o que acaba por se notar na pouca presença de produções académicas relativamente às emoções, tanto na Guiné-Bissau como noutros países em África e não só.

Já ao falar das questões relacionadas com o género, podemos ver que quanto à isso na Guiné-Bissau, compreendemos a sua evolução em três fases, de acordo com Patrícia Godinho Gomes, no seu artigo “*o estado da arte dos estudos de género na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar*” (2015): a primeira fase é a fase da luta de libertação nacional em que se produziu uma boa parte do discurso sobre a emancipação feminina, exemplo desses discurso é o de Amílcar Cabral; a segunda fase coincide com o pós independência (1975-1983), período em que se destacou o discurso de género no quadro do Iº Congresso da UDEMU (União Democrática das Mulheres, uma estrutura do PAIGC - Partido para a Independência de Guiné e Cabo Verde) que teve a sua realização em 1982 e também da Conferência Internacional sobre a Contribuição das Mulheres na Luta de Libertação Nacional e o seu papel no processo de reconstrução nos países africanos de “segunda descolonização”; já a terceira fase compreende aquela que é a fase da liberalização económica e política.

Esta contextualização é fundamental para compreender em quais momentos podemos situar os debates sobre género na sociedade guineense. Pois, hoje em dia, essas discussões continuam a ser mais no âmbito social, com as organizações políticas e sociais e menos com as instituições académicas. Mas há todo um esforço para emancipação desses debates nos espaços académicos,

porque estando o mundo a evoluir não podemos continuar estanques e deixar que as coisas aconteçam sem provocar alguma rotura e implementar novas mudanças.

Quando referimos, por exemplo, a questões relacionadas com as masculinidades, o que nos aparece logo são as manifestações da *cultura di matchundadi* um modo de estar dos homens guineenses com um certo poder, tanto doméstico como social e político que procura a todo custo manter a sua posição de dominador, detentor da força e do poder, muito bem retratada por Joacine Katar Moreira na sua tese de doutoramento, já com a sua segunda edição em livro (2020, 2022). *Cultura di matchundadi* que se pode considerar também uma hipermaculidade guineense que abarca todas as conceções do *man box*, caso contrário não é considerado *matchu*.

Portanto, há que desconstruir, desvendar e criar debates a partir de obras de referências nestas temáticas que possam impulsionar cada vez mais interesses académicos para a produção de conhecimento sobre estes temas que carecem de muitas pesquisas e debates no campo académico guineense.

2.2.1 Matchundadi: a hipermaculidade guineense

A masculinidade na Guiné-Bissau, como em muitas outras partes do mundo, são manifestadas de várias formas tendo em conta o espaço onde os homens frequentam, as bagagens étnicas que transportam as posições sociais. Mas há, globalmente, um sentimento muito presente sobre aquilo que se traduz por masculinidade no país que é *Matchundadi*, uma forma generalizada de estar e expressar a masculinidade muito vincada na sociedade guineense que remete a várias interpretações e pistas sobre como os homens são e procuram estar perante a expressão das suas “*Matchundadis*”, como a mais elevada forma de se tornar homem tanto no seio das mulheres como também entre os próprios homens.

Podemos enquadrar melhor o conceito da hipermasculinidade, a partir do olhar de Lizaga (2011) citado por Morreira (2017), quando apresenta três tipos de masculinidades, entre as quais, a masculinidade efeminada; a masculinidade cívica e a hipermasculinidade. O que corresponde aos tipos de masculinidades com crescente grau de comportamentos e atitudes da masculinidade de um determinado indivíduo. Portanto, a masculinidade efeminada ou débil, é a mais desvalorizada, tendo em conta a sua aproximação do feminino, se situaria num extremo à parte e a hipermasculinidade num outro extremo, e no centro destas duas masculinidades podíamos ter a masculinidade cívica, que Lizaga caracteriza como aquela que “*representa al hombre sensato, racional y genericamente no violento*”, e “*que suele estar en armonía con las transformaciones socioculturales y económicas.*” (Lizaga, 2011 citado por Morreira, 2017:229).

De acordo com o autor (Lizaga, 2011), podemos ver:

a hipermasculinidade como um tipo exacerbado de masculinidade e constitui uma identidade masculina relacionada com o poder e o contexto socioeconómico e sociocultural, e que se expressa através da amplificação dos estereótipos de conduta do género masculino, dando proporções excessivas às características consideradas masculinas (Lizaga, 2011 citado por Morreira, 2017:229).

Quando pensamos na hipermasculinização guineense, logo à priori, podemos assumir que estamos perante uma *cultura de matchundadi* como afirma Morreira (2017), tendo em conta aspetos que nos remetem também para três variáveis da hipermasculinidade ou personalidade machista, que são: Atitudes sexuais insensíveis em relação às mulheres e abusos contra outros homens; a crença de que a violência é viril e a experiência do perigo como sendo algo emocionante (Donald L. Mosher e Mark Sirkin em 1984. Mosher e Sirkin).

Podemos, por outro lado, segundo a Moreira (2017), pensar que é através de um quadro muito voltado à violência, tanto física, simbólica, sexual e política, que a *cultura de matchundadi* como sendo conteúdo e forma da hipermasculinidade guineense.

Mas então, o que é que a *cultura de matchundadi* nos revela mais como sendo hipermasculinidade guineense? Podemos encontrar respostas como aquelas que são apontadas por Joacine Katar Morreira na sua tese de doutoramento com o título “*A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política*”(2017) que nos remete para aspetos como elementos mais visíveis da expressão social e política com impactos que podem ser entendidos na conceção de poder, tanto nos discursos, comportamento social, político e também cultural dos próprios indivíduos.

Portanto, pode-se ainda identificar aspetos principais como a hipermaculinidade ou as características relacionadas à masculinidade ou personalidade machista, que remete para a brutalidade e o exercício da violência como fundamentais para fortificar, cada vez mais, a *cultura de matchundadi* por parte dos seus próprios autores; a instabilidade política, que resulta da competição e lutas constantes pelo poder e pelo domínio da força militar; o patrimonialismo ancorado na conceção do poder patrimonial que enfraquece o Estado e normaliza a corrupção e nepotismo; e por fim, as produções discursivas dos principais atores políticos (Morreira, 2017).

Mas ainda pode-se pensar que a *Cultura de Matchundadi* é não só, segundo a Morreira:

uma de cultura de exercício da força física, (como elemento) da exacerbação da virilidade, da coragem, da afirmação pela capacidade de resistência ou da eliminação física dos adversários, mas também do exercício da força simbólica, (como) poder económico, militar, poder coercivo do Estado e suas instituições; força moral, das religiões, e força sobrenatural – com base nas crenças locais (Morreira, 2017:226).

Contudo, é na manifestação viril de um homem bem estruturado, forte, com poder de influência tanto local, social e também politicamente é que podemos, de alguma forma, encontrar traços muito significativos daquilo que é a hipermasculinidade guineense, expressada fora daquilo que são virtudes de um homem bom, capaz de trabalhar em prol do bem comum e respeitado por outros seres na sociedade.

CAPÍTULO 3. Metodologia acionada e contextualização do estudo

3.1 Apresentação e discussão da abordagem metodológica da pesquisa

Recordando aqui os traços definidores desta pesquisa, a escolha deste tema para a dissertação advém de duas questões centrais que me motivaram a partir para uma investigação sociológica sobre género e masculinidades em África. Primeiro o meu contacto com esta temática aconteceu através do meu envolvimento ativo no programa de mentoria do HeForShe de Lisboa, que convidou cerca de 50 jovens em todo do país (Portugal) a criarem um projeto de impacto social baseado no tema da igualdade de género, fundamentado através dos princípios do 5º ODS.

Com esse meu envolvimento, acabei por me interessar ainda mais pelas questões relacionadas com a igualdade de género e ao mesmo tempo tomar contacto com bibliografia relacionados com este assunto. Dar a conhecer e contribuir para ampliar este conhecimento passou a ser muito significativo para mim.

Outra razão, é a necessidade de desvelar a realidade atual das masculinidades africanas – especificamente das guineenses – e junto desta população-alvo à qual pertença, compreender como as mesmas se (re)constroem na exata medida em que a sociedade e os modos de vida se reconfiguram. Como é que estes processos são percebidos e vividos pelos homens guineenses e que influência nas suas masculinidades? Qual o lugar das emoções?

A partir destes questionamentos de partida foram definidos os seguintes objetivos gerais e específicos:

1. *conhecer a evolução dos estudos de género no continente africano com foco nas masculinidades;*
2. *perceber as manifestações das masculinidades africanas a partir do estudo de caso dos homens guineenses;*
 - 2.1 *compreender como os homens da Guiné-Bissau percebem o género e as masculinidades.*

2.2 compreender o modo como os homens guineenses lidam com as emoções e como as assumem e partilham, nomeadamente quando se trata de amor, medo, raiva e a dor.

Com base nestes objetivos procurar-se-á conhecer e compreender as manifestações e/ou expressões das masculinidades através das emoções e como essa evolução pode contribuir para fracassar o machismo e dominação masculina sobre as outras pessoas.

L'émergence du thème de la masculinité n'a pas suivi un processus équivalent à celui de la question des femmes. Dans ce premier cas, l'objectif était de décrire et d'analyser des faits généralement passés sous silence jusque-là (Broqua et Doquet, 2013).

Portanto, é exatamente por continuar a existir ainda alguma ignorância e lacunas no que toca aos estudos sobre masculinidades na Guiné-Bissau que surge a intenção de levar a cabo este trabalho de dissertação.

Se, por um lado, os estudos das masculinidades só se vieram a fortalecer na década de 90 do século passado em África, como afirmam Broqua e Doquet (2013), por outro, como é o caso da Guiné-Bissau, ainda é preciso desbravar imensas lacunas sobre estudos de género voltados para compreender como é que os homens guineenses manifestam as suas masculinidades e expressam as suas emoções.

Tendo em conta que este século, de acordo com Phil Barker (2020), é o século da revolução dos homens, no sentido da transformação das masculinidades dominantes, hegemónicas e tradicionais em masculinidades mais positivas, alternativas e saudáveis, é extremamente importante existir temáticas de investigação que procurem compreender a evolução destes processos socioculturais.

Neste sentido procura-se através desta dissertação trabalhar em profundidade com um grupo de homens guineenses. Optou-se por esta via de análise por se ter considerado que dado o tema e os objetivos seria mais profícuo envolver de forma mais intensa um grupo relativamente restrito de homens que sejam casos tipo da masculinidade guineense. Assim foram selecionados quinze homens de três etnias dominantes na Guiné-Bissau, que são a etnia Pepel, Bijagó e Mandinga, com idade igual ou superior a 45 anos. A definição desta faixa etária prendeu-se com o ensejo de excluir do estudo os homens mais jovens que no seu processo educativo já tenham tido contacto com as temáticas da igualdade de género ou possam ter um contexto familiar em que estas questões sejam experienciadas de forma distinta. Isto porque a realidade dos homens mais jovens foi precisamente a que foi trabalhada no âmbito do projeto Muntu. Nesta dissertação pretendemos perceber as gerações mais velhas, aqueles que são agora pais e avós e como tal marcam de forma decisiva a realidade sociocultural atual.

O país onde se pretende aplicar esta investigação, a Guiné-Bissau, é multicultural e multi-étnica, possui imensa riqueza histórico-cultural que, por sua vez, permite uma melhor

convivência entre pessoas de etnias diferentes. Toda essa multiculturalidade e multi-etnicidade é representada e projetada por três dezenas de etnias, com os seus modos de vida, as suas tradições, usos e costumes que diferem umas das outras.

Quando se refere as formas de ver as (re)construções sociais de género, das masculinidades e emoções, nota-se sem dúvida nenhuma uma existência diferenciada que cada homem, em uma determinada etnia, tem em relação aos seus modos de levar a vida, trazendo com ele todas as bagagens histórico-cultural e tradicional do seu meio. É a procura desse legado que se pretende entender a evolução dos homens consoante a temática desta dissertação.

De reforçar que, apesar da diferença entre as etnias, poder-se-á notar que, socialmente e tradicionalmente, tanto homens como mulheres, não formam uma categoria homogênea, não realizam as mesmas tarefas e não ocupam as mesmas tarefas na divisão hierárquica do trabalho (Molinier, 2000).

O mesmo autor no seu artigo publicado na revista *Travail, Genre et Société* (2000) realça curiosamente a posição de maestria que caracteriza o homem no trabalho. Essas características são sobretudo reveladas de forma física ou habilidades em ofícios manuais, em termos de força mental, firmeza de carácter ou disposições para manuseamento conceptual no comando ou nas profissões intelectuais, valorizando mais o autocontrole, a capacidade de conter e controlar as emoções, a compostura etc. Já as mulheres possuem e apresentam características opostas em relação aos homens. Expressam mais os seus medos e sofrimentos, não estabelecem dissociações entre os sofrimentos nos seus trabalhos profissionais e as repercussões no espaço privado. Estas diferenças enunciadas explicam em grande parte o modo como são educadas as crianças, reveladora de uma privatização de expressões emotivas por parte dos meninos ao contrário daquilo que pais e educadores permitem e/ou deixam fluir nas meninas.

Tendo em conta estes valores vigentes em termos sociais e educativos, vamos olhar e compreender através da sociologia das emoções a expressividade emotiva dos homens das diferentes etnias e contextos sociais das suas emoções, o que poder-nos-á dar a possibilidade de conhecer as condições que influenciam o que fazem, o que vêem e o que sentem (Stets & Turner, 2005, citados por Dantas, 2016) enquanto homens de uma determinada etnia inserida e que faz parte da sociedade guineense. Segundo Dantas (2016:04) “*Torna-se assim necessário captar estados emocionais no contexto em que ocorrem, avaliando se as condições socioculturais têm efeitos, não só sobre os comportamentos, mas também sobre a perceção de estados emocionais.*”

Portanto, é através dessa lógica que se pretende procurar uma compreensão dos fenómenos a estudar destas três etnias com as suas histórias particulares. Da etnia Papel por ser a primeira a ocupar a cidade de Bissau, atual capital do país e centro da modernidade; da etnia Bijagós por ser a mais autóctone e preservadora de um rico património histórico-cultural e por ser ainda o único grupo étnico onde opera o sistema matriarcal; e a etnia Mandinga por possuir

uma elevada presença numérica no país e também por ser uma das primeiras a habitarem no território guineense com ligações ao império de Mali, mas possuindo a sua sede na atual região de Gabú, Guiné-Bissau.

Deste modo, toda a pesquisa de campo será realizada na Guiné-Bissau e aplicada a quinze homens destas três etnias com a idade mínima de 45anos. Também será uma forma de compreender as relações intergeracionais, se se conseguir estabelecer contacto com homens de idade até 90 anos, que pelas suas experiências poderão permitir um entendimento diferenciado sobre como o género foi encarado ao longo do tempo e como as masculinidades têm sido construídas e de modo como os homens expressam as suas emoções consoante os contextos onde estão inseridos.

3.1.1 Técnicas de pesquisa e procedimentos de recolha de dados

Inicialmente, no desenho de trabalho desta dissertação, estava prevista a combinação de técnicas, numa lógica de triangulação, utilizando a técnica de observação, história de vida e focus group, mas não chegou a acontecer tendo em conta vários desafios encontrados no início do trabalho de campo. Os objetos de pesquisa, apesar de residirem no mesmo território que é a Guiné-Bissau, não eram passíveis de juntar elementos de cada etnia para uma roda de conversa de modo a dinamizar grupos focais como inicialmente se havia pensado. A ideia de dinamizar estas sessões dentro de cada etnia também encontrou obstáculos, não tendo o investigador encontrado dinâmicas pré-existentes que fossem facilitadoras deste tipo de atividade, contrariamente ao que tinha sido planeado na concepção do projeto de investigação. Assim sendo, a abordagem individualizada revelou-se a mais viável. Procurou-se ir ao encontro do quotidiano destes homens, como forma de constatar o espaço onde esses homens se encontravam e como é que estavam ocupando esses espaços nos momentos da conversa.

Na Guiné-Bissau, a utilização desta técnica de investigação – entrevista com recolha de testemunhos/histórias de vida – tem sido bastante utilizada para recolha de dados sobre a história de luta de libertação nacional, pois, o país carece de muitos registos escritos que possam, de alguma forma, colmatar lacunas em termos de verificação de factos. Neste sentido, recorre-se à bibliotecas vivas, de pessoas que contam não só suas histórias de vida como também outras possibilidades de partilha de informações relevantes para quem investiga.

As técnicas acionadas para esta pesquisa são a entrevista biográfica e a observação, registada mediante o uso de diário de campo e toda a conversa decorreu em kriol, língua nacional da Guiné-Bissau.

A entrevista biográfica é uma técnica de entrevista em profundidade com enfoque no percurso de vida do entrevistado (Brandão, 2007; Fontes, 2019). Recordando que “*não há como tratar a entrevista biográfica como um instrumento isolado do contexto social dos sujeitos que dela participam*” (Fontes, 2019, 92), esta reconstrução de um percurso vivencial partilhado na

interação entre entrevistador e entrevistado fortemente benéfica de ser realizada num ambiente confortável para o entrevistado – familiar ou de convívio social/lúdico. As entrevistas seguirão um guião semi-estruturado com espaço para a reformulação e reflexividade das pessoas inquiridas. Vai ainda ser aliada a técnica de observação, o que permitirá uma melhor conceção e análise de conteúdo sobre a forma como os homens, num ambiente familiar e social manifestam as suas emoções e também pelas suas próprias palavras perceber as formas como falam delas.

A observação é uma técnica de análise do social com ampla tradição na sociologia, na tradição da escola de Chicago (Becker, 1993). Quando aliada a técnicas de inquirição que se pretende nesta pesquisa, a observação permite adicionar informação relevante relativa ao contexto da entrevista e ao contexto social da pessoa e/ou do grupo estudado. O principal valor reside nos dados não esperados que a observação permite detetar. Estes elementos são ainda de maior relevância quando a técnica principal em uso é o método biográfico e o objetivo efetuar um estudo de caso (Becker, 1993)

Relativamente ao lugar de fala do investigador, sendo ele um homem guineense, espera-se ter acesso facilitado a estes espaços mais íntimos visto ser considerado um igual. Dada a diferença de idades, o investigador é ainda percecionado como um jovem em aprendizagem e com o qual os entrevistados empatizam e procuram colaborar. Ainda assim, o entrevistado está ciente da necessidade de quebrar a barreira das diferenças de papel social (investigador-cidadão comum) bem como as do senso comum e do discurso politicamente correto.

Os autores Van Campenhoudt e Quivy (2017), apontam que:

uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica (...). O investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência (Campenhoudt et al. 2017:41).

É com base nestas diretrizes e recomendações que esta dissertação seguirá o seu caminho de modo a obter resultados que vão ao encontro daquilo que se pretende com esta pesquisa. Mas também outros livros e artigos que tratam das questões relacionadas com a investigação qualitativa com abordagem de estudo de caso, serão grandes suportes para atingir com sucesso aquilo que se pretende com este trabalho.

Todo o trabalho de campo para esta investigação, será realizado na Guiné-Bissau, deslocando-se o investigador às cidades e às comunidades onde cada uma das etnias tem uma representação elevada e estabelecendo contactos locais de molde a angariar participantes que preencham os critérios estabelecidos para o perfil de inquirição. Essa imersão no local

permitirá acrescentar um fator que consideramos relevante para a seleção de entrevistados – a sua relevância na comunidade local.

Para esta investigação tive que mapear primeiramente as três etnias que gostaria de ter como grupo a investigar. Depois contactar pessoas conhecidas que possam conhecer alguém que pertença a uma destas etnias acionando assim a seleção por bola de neve.

No caso particular dos 5 homens papeis, comecei por uma das pessoas muito conhecidas com a qual tinha um certo tipo de amizade e admiração, e foi logo a primeira pessoa entrevistada. A partir daí, ele foi-me dando dicas de como conseguir mais pessoas, a começar com o seu padrasto e daí para os amigos e conhecidos do seu padrasto até conseguir completar os cinco indivíduos. Mas isso tudo foi possível porque também tive auxílio de um colega, com o qual fui passeando pelo bairro conhecido como bairro dos papeis.

Já para conseguir homens bijagós, tive que viajar até às ilhas para poder ter contacto com pessoas da localidade, e a partir da minha manifestação de interesse, um jovem oferece-se a colaborar comigo e fomos de imediato contactar com quatro homens, tendo já conhecido um outro, para poder estabelecer a conversa que servirá para a análise desta dissertação. Para conseguir homens mandingas, também fiz o mesmo percurso, viajando para a região de Gabú, e precisamente na cidade com o mesmo nome, onde passei uma parte minha vida. Contactei o diretor da escola onde estudava, que sabia que era mandinga e a partir dele consegui ter possibilidade de contactar mais pessoas completando cinco pessoas com as quais tive contacto e conversa.

Nestas andanças, permitiu-me observar como os homens se vêem e são vistos nas comunidade onde pertencem, e a redor de onde a conversa corre há sempre uma imposição de silêncio de modo a não interromper, e também um respeito pela forma como é olhado e se olha a si próprio como responsável pelas vidas que se encontram à volta. Poder-se-á ler mais alguns detalhes das experiências do envolvimento comunitário para obtenção de dados de história de vida das pessoas de três etnias no próximo capítulo no ponto Diário Etnográfico, elemento produzido ao longo do período em que estive no campo.

3.2 Contexto histórico social da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental da África, com 136.125 km², possui mais de um milhão e meio de habitantes e com 33 grupos étnicos, cada um com a sua língua, cultura, sistema social e com as suas formas estruturais de gestão da coletividade. Este pequeno país, tem nele histórias fascinantes que capta atenção dos que não conhecem e ainda continua a orgulhar seu povo (Barros, in revista periferia, 2019).

É neste território africano que se instaurou o último império pré-colonial. Embora não tenha existido na altura uma civilização no sentido completo do termo, existia porém uma ideia de

“civilização” e uma administração organizada do território. A parte do território guineense conhecida como império, situa-se na zona leste do país, denominada império de Kaabu (Gabú) que existiu entre 1537 a 1867, dominada totalmente pelos Mandingas (um dos grupos étnicos da Guiné e que é uma das três etnias que serviu de objeto de estudo desta dissertação) e também era designada como Império de Kansalá. O reino de Gabú fazia parte do grande império de Mali (Séc. XII-XV). Após o declínio do império Maliano (Séc. XV), Gabú tornou-se independente e passou a ser liderado pelo Mansa Djankewale de tribo Mandinga (Mendes, 2010:17).

No séc. XIX, os Fulas vindo do país vizinho (Guiné-Conacri), lutaram contra a dominação dos Mandingas nessa região, e assim estabeleceram a sua hegemonia à volta do antigo reino Mandinga. Deste modo, a última civilização pré-colonial em África se deu no território da República da Guiné-Bissau, cheia de histórias à volta de uma realidade mal construída. Desde a descoberta, no século XV e o domínio do território guineense pelos navegadores portugueses, no século XX, viveu-se sempre momentos de concorrência entre navegadores ou responsáveis pelas descobertas das terras africanas na Guiné. Por vezes, essa concorrência acontecia entre os navegadores portugueses e franceses, outras vezes com os ingleses. Tal facto, é demonstrado no Suplemento ao nº 691 de «O Jornal» de 20 a 26 de Maio de 1988. E, de acordo com esse Suplemento, *“a Guiné-Bissau de hoje faz parte das terras africanas com uma fundamental importância na empresa de Descobrimientos que Portugal empreendeu, a partir do Século XV, por motivos económicos, científicos, militares, religiosos...”*. O período da concorrência segundo o documento supracitado, *“apareceu quando, por volta de 1526, embarcações inglesas começaram a frequentar a Guiné, e, em 1539, um curso francês surgiu naquela costa.”* Ainda se refere que a principal causa era a ocupação do território, o que fez com que os primeiros ocupantes (portugueses) construíssem fortalezas em Bissau (1687). Ainda assim, em 1700 os navegadores franceses tentaram ocupar a atual capital guineense (Bissau).

Deste modo:

a concorrência estrangeira no comércio da Guiné continuou muito forte, a tal ponto que, em Agosto de 1739, houve uma tentativa dos franceses para se apoderarem de algumas áreas de Bissau e, em 1792, algumas centenas de ingleses fundaram uma colónia na ilha de Bolama. Dois anos mais tarde abandonaram-na devido a retaliações fortes por parte da população indígena (Suplemento nº 691, «O Jornal» 05/1988).

Portanto, quando se fala que a colonização portuguesa ou a própria “colonização” sem destaque ao colonialismo português, durou 500 anos e especificamente no território da antiga Guiné-Portuguesa, é quando se esquece do facto de que as populações indígenas das ilhas mantiveram sempre uma luta e resistência contra os colonizadores. Daí que a consolidação de uma administração colonial não conseguisse frutos nesses territórios, porque a população

dessa zona era homogênea e deste modo travaram o que eram os interesses coloniais. E ainda hoje, as zonas das ilhas de Bolama e arquipélago de Bijagós são consideradas e (re)conhecidas como zonas/espço de resistência. Com um passado que demonstra lutas intermináveis entre várias frentes dos navegadores de diferentes nacionalidades, a Guiné-Bissau não conseguiu fugir dessa “manobra concorrencial”. Deste modo, no século XIX, com a intensificação do domínio colonial nesse território que mais tarde acabou por resultar num período em que os nativos ansiavam libertar-se do jugo colonial.

Infelizmente, desde a independência da Guiné-Bissau, há quase 50 anos, que o país anda em constante instabilidade, fruto de vários conflitos e concorrência ao longo do período pós luta armada. Os camaradas da política, não foram capazes de manter a tal união tida no período da luta pela independência.

É na primeira metade da década de 60 do séc. XX que tudo começou. A Guiné, deu início a Guerra pela sua independência com poucos recursos, no dia 23 de Janeiro de 1963, na Setor de Tite, região de Quinara, sul do país. No começo, obteve ajuda de dois países, nomeadamente Guiné-Conacri, ao qual faz fronteira ao leste e ao sul. O país vizinho, concedeu uma liberdade total de movimentação para levar a cabo as ações da guerrilha na fronteira sul do território nacional guineense. O outro país é Cuba, que apoiou em termos de instrumentos de guerra. Com a vontade de ver a Guiné livre da colonização portuguesa. A guerra, durou 11 anos e felizmente, em 1973 proclamou-se unilateralmente a sua independência em Colinas de Boé, Gabú, leste da Guiné-Bissau. Passado um ano, foi reconhecida por Portugal em 10 de Setembro de 1974, depois da Revolução dos Cravos (Cardoso, 1995; Mendes, 2010).

Após à Independência, Luís Cabral assume o cargo do primeiro Presidente da República da Guiné-Bissau e logo de seguida, sofre um golpe de estado, em novembro de 1980, organizado pelo General João Bernardo “Nino” Vieira. Na altura, Nino Vieira assume a liderança do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) e institui automaticamente um regime autoritário. Passado quatro anos, o país ganha a sua primeira e única Constituição até a data presente, sem nenhuma revisão constitucional. Portanto, a década de 80 foi um período marcado por uma radicalização na sua política nacional. Nesta altura foi executado um grupo de seis pessoas acusadas de conspiração contra o atual governo (Djaló, 2000).

Em 1991, o PAIGC deixa de ser o partido único no país. Pois, desde a sua fundação em 1956 levada a cabo por seis elementos, incluindo Amílcar Cabral (que depois assume o cargo de primeiro Secretário Geral do partido e também assassinado em Conacri, em janeiro de 1973), Luís Cabral (Irmão de Amílcar e primeiro presidente depois da independência), Aristides Pereira (primeiro presidente de Cabo-Verde depois da independência) e mais três elementos. A criação desse partido tinha como objetivo, defender a independência dos dois povos da Guiné e Cabo-Verde, que na altura era só um (Cardoso, 1995).

Tantas foram as tentativas de o país continuar numa situação em que seria incapaz de reerguer, mas com a força do povo e vontade de um acordar de manhã e lutar pelo que pertence, fez com que a Guiné continuasse a resistir com e da sua forma de resistência. Durante todo o período colonial e pós-colonial, os obstáculos continuam a dificultar um novo rumo ao país. Uma nação cujo povo possui uma variedade multiétnica e multicultural, cada etnia com os seus modos de vida capazes de gerar uma convivência dentro da sua comunidade. No geral, apesar da diversidade, não se nota divergências étnicas entre vários grupos existentes na Guiné-Bissau, como se pode constatar em muitos países com um longo percurso de conflitos étnico-religioso (Lopes, 1982; Cardoso, 1995; Semedo, 2010; Mendes, 2010; Djaló, 2000).

A existência de um mosaico étnico-cultural torna-se numa das relíquias mais importantes e estimadas do povo guineense, onde a convivência é caracterizada pela harmonia que outrora juntou várias personalidades pertencentes a diferentes grupos étnicos para lutarem contra o jugo colonial, ao qual o país saiu vencedor nessa guerra pela libertação nacional.

Nota-se também que, apesar da evolução tecnológica e da globalização, não há muitas diferenças no modo de encarar o que é o bem-comum. Embora muitas vezes alimentada o divisionismo étnico-religioso por parte dos políticos que procuram a todos os níveis o poder, por isso, acabam tendo como bandeira das suas campanhas eleitorais essa intriga entre os grupos étnicos.

Ainda que pode notar esse esforço por parte dos políticos, no que toca ao cultivar do problemas entre várias etnias, o povo continua firme na sua convicção, que muitas vezes disfarçada, pois, entre os guineenses existe uma tendência há muito tempo cultivada, que faz com que, independentemente da pertença étnica, as pessoas procuram se juntar e construir uma família multiétnica e multi-religiosa. De acordo com Lopes (1982), Semedo, (2010) e outros, atualmente e/ou desde a fundação do Estado Guineense, apesar da falta de dados, pode-se constatar a ausência de uma única pertença étnica numa só família, reveladora de uma unidade na multiculturalidade.

Essa unidade na multiculturalidade é muito bem espelhada no poema de Lagartixa Okonhoko Mpsasmado, intitulado “mbaransu”:

*biola di flup na toka tina di fula
peti kola na nhemedu na tchon di pepel
kabas na ientrandadu na gam biafada
kristom matchu intchi baraka di fanadu mandinga
apilis mara kabesa e rodia sadjo na tadju
ambrus pui kabesa na tchom alma na allah
umaru na torkia kaneka na mlak di nudadi
natal barsadu na tabaski
purku ku karnel na badju di mesa*

ndjundjun ndianta ku koresma
moni na kabas di kristom
mankurkur na kalma di musulmanu
liti di baka na moransa di gan gumis
ladjolas ku uarga na bankadas
nes mbaransu meladu
nhu plitico futseru
ta misti sumia padjigada
kila nunka nunka nunka
 (Mpasmadu, 2020:22)

Neste poema reside aquilo que é unidade na multi-etnicidade, multiculturalidade e multi-religiosidade que emana todos os dias o povo guineense. Pessoas pertencentes a religiões de matriz africana não hesitam em receber pessoas de outras religiões ou frequentar locais de culto ou tempo de celebração de algumas festividades religiosas e étnicas, vice-versa. É o acreditar nessa unidade que leva o poeta a assumir que “nunca” um político qualquer poderá um dia acabar com essa união.

Portanto, o estudo de caso na Guiné-Bissau, recai sobre três principais etnias: a Mandinga, uma etnia islamizada; Bijagós, uma etnia da base matriarcal e Pepel, uma etnia que professa religião de matriz africana e também a religião católica.

São três etnias que participaram de forma ativa no processo da luta pela independência nacional, cada uma a sua maneira e possibilidade de reivindicar o seu espaço de convivência, numa luta coletiva contra o jugo colonial português. Seguidamente analisamos de uma forma mais detalhada a constituição dessas três etnias, qual o papel dos homens e as suas relações com as mulheres.

3.3. A população-alvo: etnias Bijagós, Mandinga e Pepel

A escolha deste trio para o grupo-alvo desta investigação constitui uma opção muito bem balizada até chegar a decisão final, que recai sobretudo em três aspetos essenciais: primeiro, são três etnias com histórias completamente diferentes; segundo, cada uma delas possui uma característica singular no seu modo de convivência; e terceiro são etnias que despertam uma certa curiosidade em conhecer os seus percursos históricos e de alguma forma aprofundá-la.

Cada uma das três etnias possui o seu próprio território desde a sua formação e consolidação na Guiné-Bissau. A etnia mandinga é conhecida como uma das primeiras a residir na zona norte (Farim) e também leste (Gabú), da Guiné-Bissau. Outrora império de Kaabu (atual Gabú) liderado por Mansa Djanke Wali até o período da guerra de Kansalá onde os mandingas perderam com os Fulas de Futa Jallon. Já a etnia bijagós, é uma etnia de base matriarcal com o

seu território localizado no Arquipélago dos Bijagós, constituído por mais de 80 ilhas e possuem uma história de resistência ímpar no que toca a tentativa de invasão e ocupação dos seus territórios por parte dos invasores colonialistas. Enquanto a etnia pepel, “donos” do chão de Bissau, que hoje é a capital guineense, também com um vigor combativo a respeito da negação da ocupação colonial, e com histórias tradicionais muito ligadas ao sagrado, rituais de religiões de matriz africana, e também com algumas influências na prática religiosa cristã.

É preciso compreender cada uma destas etnias enquanto elementos históricos de construção de uma nação multicultural, multiétnica e multi-religiosa que é a Guiné-Bissau e ao mesmo tempo perceber o papel dos homens e as suas relações com as mulheres nesse processo de afirmação étnica num determinado território.

Por isso, ao falar da etnia mandinga há uma ideia que fica, de acordo com várias leituras de obras relacionadas com a história dos mandingas, que demonstra a ligação à guerra e ao poder. Ou seja, é um grupo étnico que passou durante muitos anos a liderar grandes reinos depois de destruírem o Reino de Ghana, como explica Artur Augusto da Silva, no seu ensaio sobre *“Usos e Costumes Jurídicos dos Mandingas”*: *“O reino dos Mandingas, tributário do Gana, sob a chefia de Sundiata Queita, aproveitando-se de fraquezas do suserano após as lutas com os berberes almorávides atacou Gana destruindo-a em 1240”* (Silva, 1969:12).

De acordo com o autor supracitado (1969), Cangaba, uma cidade e comuna do Mali, parecia ser a primeira capital dos Mandingas, pois, essa é a tradição vigente entre os povos oriundos dos Mandés e naquela povoação existe o que é chamado de “Vestíbulo do Mandé”. Portanto, mais tarde depois da conquista de Gana, *“Sundiata Queita atacou os Songóis e os Mossis para Oriente, estendendo o seu poderio para Ocidente até às costas atlânticas e transferiu a capital para Mali, que deu o nome ao reino”* (Silva, 1969:13).

De acordo com Djaló (2012) citado por Mango (2020), o povo mandinga encontrava-se espalhado por diversas regiões da África exercendo fortes influências e notabilidade nas zonas da Alta Guiné, correspondendo atualmente a territórios da Guiné-Bissau, Senegal, Mali, Guiné Conacri, partes da Costa do Marfim, Gâmbia, Serra Leoa e Libéria. O Povo Mandinga

é um grupo originário do Níger Superior ou das margens do Níger, um espaço territorial conhecido como “África Ocidental”. Entre muitos povos na atual Guiné-Bissau, este detém um status de autóctone devido à chegada ancestral a esse território (Djaló, 2012, citado por Mango, 2020:31).

Pode-se perceber que, um homem mandinga contemporâneo possui uma estrutura física média com *“estatura regular (1,70) (...) olhos negros e cabelos negros encarapinhados, nariz levemente achatado (...) lábios grossos, queixo normal e boca grande. Inteligente, perspicaz, dotado de grande observação”* (Simões, 2003:78). Segundo Simões na sua descrição feita aos mandingas no Babel Negra, publicado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da

Guiné-Bissau) em 2003, os mandingas possuem uma linguagem “*tão rica de imagens e denuncia uma fértil imaginação, e um sentido crítico bastante apurado*” (Simões, 2003:78).

O homem mandinga consoante as explicações do autor (2003), tradicionalmente observava as mulheres sob dois aspetos: primeiro, como fêmea procriadora e, segundo, como instrumento de trabalho. A mulher é responsabilizada pela criação dos filhos, lavagens das roupas e a fiação do algodão necessário para o lençol do homem. Nos dias de hoje, essa responsabilidade mantém-se a mesma, e os homens mandingas continuam, apesar de tudo, a trabalhar na lavoura embora com menor volume de trabalho a comparar com as mulheres nesse mesmo processo de cultivo, que dá a possibilidade de manter o pão de cada dia em casa.

Nota-se que as relações entre ambos no ambiente doméstico, resulta em uma família que, ao contrário do que se pode constatar com outras etnias e/ou tribos, não é a base da sua organização social. A etnia é fundada em castas e os homens mandingas são polígamos (Simões, 2003), pois podem casar com mais do que uma mulher, as quais estarão sob suas ordens. Contudo esse tipo de casamento não é legalizado no país, mas continua a existir e é muito frequente nas etnias islamizadas como é o caso da etnia mandinga. Verificamos assim um interessante confronto entre aquilo que são as tradições ainda vigentes nas práticas sociais e as regras jurídicas vigentes.

CAPÍTULO 4. Apresentação e discussão de resultados

As questões relacionadas com o género, masculinidades africanas e emoções que norteiam esta dissertação permitiram não só fazer um mapeamento ao nível da África e em especial, na Guiné-Bissau, como também possibilitou um diálogo que poderá ser permanente com autores que trabalham sobre estas temáticas e ao mesmo tempo conhecer, aquilo que, num universo de quinze homens, é conhecimento, ação e valores à volta destas temáticas. Isto permitirá que se possa estender a procura e produção de conhecimento, convocando no futuro outros atores sociais.

Neste capítulo vamos poder fazer análise sobre as narrativas partilhadas pelos homens destas três etnias que fazem parte de um mosaico étnico diversificado da Guiné-Bissau e por outro lado, partilhar algumas reflexões desta pesquisa que deu muito gosto fazer no país onde nasci, em que as memórias ainda continuam vivas.

4.1. Homens a falarem de si

Foram entrevistados quinze homens guineenses de etnias pepel, mandinga e bijagó, com idades à data da pesquisa entre os 46 anos e os 73 anos, residentes em diferentes localidades e com responsabilidades diversificadas. A tabela seguinte apresenta os dados sociodemográficos dos entrevistados.

Código	Etnia	Idade	Género	Localidade	Profissão	Nº de Filhos	Est. Civil
E1	Pepel	46anos	Masculino	Bissau	Agente Cultural	Seis	Casado
E2	Pepel	64anos	Masculino	Bissau	Reformado	Quatro	Casado
E3	Pepel	69anos	Masculino	Bissau	Reformado	Nove	Casado
E4	Pepel	65anos	Masculino	Bissau	Reformado	Seis	Casado
E5	Pepel	52anos	Masculino	Bissau	Pedreiro	Dois	Solteiro
E1	Bijagó	48anos	Masculino	Bubaque	Agricultor	Três	Casado
E2	Bijagó	47anos	Masculino	Bubaque	Professor	Cinco	Casado
E3	Bijagó	63anos	Masculino	Bubaque	Reformado	Cinco	Casado
E4	Bijagó	55anos	Masculino	Bubaque	Condutor	Três	Casado
E5	Bijagó	47anos	<i>Não disse</i>	Bubaque	Empreendedor	Dois	Casado
E1	Mandinga	51anos	Masculino	Gabú	Professor	Três	Casado
E2	Mandinga	55anos	Masculino	Gabú	Guarda florestal	Quatro	Casado
E3	Mandinga	73anos	Masculino	Gabú	Reformado	Dez	Casado
E4	Mandinga	68anos	Masculino	Gabú	Político	Doze	Casado
E5	Mandinga	69anos	Masculino	Gabú	Agricultor	Sete	Casado

É desde logo interessante notar algumas particularidades da nossa população como o estado civil e o número de descendentes. Apenas um homem é solteiro e é precisamente ele quem tem menos filhos, “apenas” dois. Cada um destes homens, possui a sua própria família, alguns com mais do que uma mulher e mais do que 10 filhos. Alguns deles nasceram no pós-independência demonstrando, deste modo, alguma visão diferenciada e mais modernizada e não só sobre os nossos tempos e outros tempos. Denota-se assim uma maior normatividade no olhar dos homens mais velhos, embora também se encontre esta tendência para romantizar *os tempos idos* enquanto tempos onde prevalecia uma maior ordem moral na sociedade guineense em alguns homens mais novos. Neste ponto a escolaridade e o percurso profissional parece desempenhar um papel importante, sendo homens mais habilitados como E1 Pepel, E5 Bijagó ou E2 Bijagó exemplos desta visão menos normativa. O que, também, num período vindouro, poderemos ter mais pessoas formadas, tanto ao nível da educação formal como informal e não formal, a terem mais consciência sobre as temáticas fraturantes, como é o caso igualdade de género, emoções ou masculinidades.

Relativamente à análise que se pode fazer ao conteúdo partilhado dos inquiridos, considera-se desde já que há imensa diversidade entre os entrevistados, cada um com a sua particularidade, personalidade e também a sua profissão, tal como se pode ver que, cada etnia possui as suas particularidades únicas que a diferencia de outras etnias. Sobre este aspeto, culturalmente complexo, não nos iremos pronunciar diretamente por considerarmos que não foi o nosso foco de análise e apenas a mencionaremos quando são os próprios entrevistados que a mencionam, comparando a sua etnia com outras quanto a valores ou modos de vida.

É importante salientar que as entrevistas decorreram em torno de três eixos conceptuais. Sendo num primeiro momento questionado o conhecimento que os entrevistados têm sobre os conceitos da pesquisa - género, masculinidades e emoções bem como a forma como se percebem enquanto homens e questionados sobre a sua gestão das emoções; o segundo momento está mais voltado para a história de vida de cada um dos homens, tendo percorrido a três fases de vida: infância, juventude e vida adulta; já o terceiro momento, procurou-se absorver dos entrevistados as suas perceções e olhares que possuem sobre as relações que se re-produz entre homens e mulheres, a forma como vêm homens a manifestarem as suas masculinidades e a lidarem com as suas emoções.

Com base numa análise temática, vamos poder retirar destes três momentos/eixos de inquirição, algumas linhas comparativas.

Dos conceitos – um desconhecimento do género versus uma valorização do Homem

Nota-se, de acordo com o primeiro momento da entrevista, a demonstração de um saber deslocado sobre a temática de género em relação a alguns entrevistados, alguns deles falam em géneros alimentares, ofícios, respostas descoladas ou optam por não desenvolver mais ou até dizem ser simplesmente “masculino e feminino”, o que também é aceitável, tendo em conta o contexto em que cresceram e tipo de relações que tinham com a palavra “género”. Segundo, alguns dos entrevistados

“Género é conforme, pode ser ofício ou o quê?” (E2 Mandinga, 73 anos);

“Género tem a ver com as mulheres ou não?” (E4 Mandinga, 69 anos).

“Género, quando ouço falar de género, penso em muitas coisas. Ou é algo ligado a alimentação ou outras coisas” (E3 Mandinga, 55 anos).

“Género, penso que é o conjunto de pessoas masculinas e femininas.” (E1 Mandinga, 51 anos)

“Penso que é nas coisas normais. Género, penso que é o que Projeto Saúde Bandim dá aquele género às pessoas, ou não é isso?” (E5 Pepel, 52 anos).

Estas respostas revelam como sobretudo os homens que nasceram antes do período da independência percecionam a questão do género, mostrando não ter familiaridade com o

termo e dando respostas que até eles duvidam ou limitando-se a referir a visão binária mais frequente, masculino e o feminino. Nenhum demonstrou ter conhecimento dos debates mais recentes sobre identidade de género e diversidade. Isso acaba por nos desafiar a desenvolver mais trabalhos nesse campo de modo a não limitar a existência de género a, simplesmente, dois (masculino e feminino), ou a géneros alimentares, ou a mulheres e/ou até a dar respostas das quais se duvidam. Há toda uma necessidade de continuar esse trabalho e produção de conhecimento de modo a deixar claro que o género são construções sociais desenvolvidas a partir de nascença de alguém com um determinado sexo.

Ao destacar um outro ponto, deste primeiro momento da entrevista, o significado que dão ao “ser homem”, os homens entrevistados de diferentes etnias, deram respostas quase semelhantes ao que consideram ser homem embora com diversas formas de se expressar. Começando por todos se definirem como sendo *homem*, *masculino* ou *macho*, com exceção de E5 Pepel que a dada altura diz ser hoje em dia mais mulher porque “*um bocadinho só o coisa vai abaixo*”. Esta afirmação permite perceber como para este entrevistado género é fortemente associado à sexualidade, sendo ele o único que é solteiro e o que mais focou essa temática durante toda a entrevista. Ainda assim também para este homem:

“Homem na sua cabeça deve ser sério no seu trabalho, para ser homem, assim para as mulheres lhe respeitar. Se não tens nada, quem é que lhe vai respeitar?” (E5 Pepel, 52anos);

Nos restantes definir-se como homem passa por:

“Bem, por questões da Natureza, homem, independentemente de ser alguém que vem com o sexo masculino, é um ser que Deus dá um certo aspeto natural de ser sempre forte, rijo, duro, e de poder estar sempre à frente, de tomar partido de um ou outro assunto, de ser responsável, de estar sempre nas horas de defender, de proteger e de cuidar” (E1 Pepel, 46anos);

Aqui, podemos notar que, segundo o entrevistado, um homem é tudo aquilo que Deus criou para estar sempre à frente, com muita coragem, rigidez, valentia, revelando essa postura de protetor e detentor de tudo aquilo que socialmente se considera de muito forte para uma mulher assumir.

“Homem de homem para mim, entendo que homem é quem tem a capacidade de desenvolver algumas ações que pratica e trabalhos que beneficiam a sociedade” (E2 Mandinga)

“Homem, se casas a mulher e ela estiver na tua conta, és tu que vais ali utilizar.” (E3 Mandinga, 73anos).

Esta visão essencialista e naturalizada do homem está enraizada nos entrevistados. Os atributos de personalidade e papel social são associados à natureza do homem com ligação ao divino ou sem ela. Decorrente desta leitura, a masculinidade também está impregnada desta

visão sendo que esta conceptualização é também associada à questão reprodutiva. E assim um dos entrevistados assume o seguinte.

“Sabes, são duas coisas, uma coisa de masculinidade/matchundadi e também do ofício da pessoa”. (E3 Mandinga, 73anos);

“Homem é aquela parte que sempre se junta com a fêmea para poder multiplicar a família” (E1 Bijagó, 48anos);

“a palavra “homem” na sua diferença física e no seu instinto de sua responsabilidade, porque não se pode responder o que é ser homem a partir de um estrutura que acabou de existir desde 1970 e tal ou 1980 e tal (...) Eu tenho que recuar mais para a sua energia, responsabilidade pela sua capacidade física de estar na terra com a sua natureza. Homem é um ser de estabilizar, de criar balanço onde quer que esteja, estabilizar em tudo, desde responsabilidade, na segurança” (E5 Bijagó, 47anos).

Nestas perceções diversificadas entende-se que ser-se homem não pode se limitar simplesmente a procriar, mas também a garantir alguma segurança para as pessoas à volta e não partir sempre como aquele que usa a sua força para explorar os outros e caminhar na direção à violência.

Infâncias marcadas pela guerra, que se travou no masculino. Violência e patriarcado

No que diz respeito ao segundo momento da entrevista que tem a ver com as histórias de vida em três fases (infância, juventude e vida adulta), destacam-se algumas partes daquilo que foi possível ouvir de homens. Um dos entrevistados ao falar da sua infância afirma ter passado por uma infância:

“um bocadinho cansativo, e vim passar mais dificuldades também na minha adolescência, e algumas pessoas que estavam à minha volta também me ajudavam de alguma forma. Eu era muito irrequieto, nasci na Ilha de Uno e levaram-me para Unhukum, e quando cheguei a Unhukum, o meu tio também não aguentou porque eu sempre parto garrafas de sumo e tampas de garrafas etc...” (E2 Bijagó, 47anos).

Destaca-se uma fase da juventude de um dos inquiridos que assume:

“Na minha juventude só queria sair daquele meio, naquele bairro violento onde ninguém ousava passar, aprendi a estar calado e invisível, a reagir na hora certa e antecipar, a ficar em silêncio, mas não tinha nenhuma referência porque não queria ser pedreiro porque o meu pai era, e os outros homens ou jovens eram violentos e não queria ser como eles” (E5 Bijagó, 47anos);

Este entrevistado é o que apresenta um discurso mais elaborado em termos de reflexividade, tendo tido experiências de vida em diversos países e uma perspetiva mais crítica sobre a sua história de vida.

“Neste momento, sabes os homens são diferentes, mas posso dizer que sou homem, sustento a mim e a minha família, e que Deus me perdoe, mas também faço bem para outras pessoas e outras pessoas também fazem para mim” (E4 Mandinga, 68anos) estas são afirmações de um outro entrevistado que fala da sua vida adulta.

Sobre o modelo de homem em que se revia, um dos entrevistados faz alusão a admiração por um avô com muitas mulheres e forte autoridade sobre o agregado familiar, o que acaba e acabou por ser, de uma forma indireta, reflexos daquilo que é a sua realidade atual e de todos os mandingas entrevistados:

“Eu me revia muito no meu avô, pai da minha mãe, mas não cresci com ele, só que é uma pessoa que eu admirava imenso porque tinha muitas mulheres e muitos filhos, mas nunca se ouvia algum problema na casa dele, é alguém que quando falava todos ouviam e cumpriam” (E1 Pepel, 46anos).

Portanto, estas concepções diferenciadas sobre as histórias de vida dos homens entrevistados, e em destaque a algumas respostas, apontam para a existência de pessoas cujo percurso não só se diferencia do outro como também nutrem de alguns valores já incutidos desde a infância até a vida adulta.

Deste modo, fugir dos meios de violência através dos mecanismos que esses próprios espaços lhe possibilitam permitiu com que se ganhasse alguma vida para além daqueles meios violentos, e isso foi alguma revelação denotada em um dos entrevistados que partilha a sua história de vida a partir de muitas realidades diferentes. A infância de muitos, na época em que ainda se vivia no período colonial não foi de todo uma boa fase, pois, alguns perderam os pais muito cedo outros vivem com dificuldade tendo em conta os engenhos que os pais acabam por assumir e entre outros. Já ao se casar, passa-se segundo vários relatos, a uma fase de mais responsabilização, de cuidado, de garantia de segurança para a mulher ou as mulheres e vários filhos, mantendo sempre aquele espírito provedor. Destacam-se assim visões eminentemente tradicionais do homem e do seu papel social.

Matchundadi e Homendadi. As emoções ao rubro?

Quanto a “masculinidade”; ou “expressão das emoções” podemos primeiro deixar claro que a palavra “masculinidade” pode ser traduzida para “matchundadi” ou “homendadi”, pois, a conversa decorreu em kriol e na ausência de melhor tradução seguiu-se esse caminho. O terceiro momento de entrevista está muito virada para a percepção e olhar que os homens têm sobre outros homens na forma como lidam com as suas masculinidades ou matchundadi ou homendadi, e também expressam as suas emoções. Nisto, alguns homens entrevistados afirmam que, “*Manifestação de masculinidade é mesmo visível, mesmo em termos de diálogo percebe-se que estas duas pessoas quando falam uma delas demonstra uma superioridade*

em termos de força: 'eu sou homem, ela querendo ou não tem que me ouvir'" (E1 Pepel, 46anos);

"Como é que homem com homem expressam as suas emoções? Notamos que os homens expressam as suas emoções com as mulheres de uma forma falsa. Mas não uma expressão verdadeira com os nossos companheiros homens e não se está aberto a ser vulnerável tanto no amor ou noutras coisas etc." (E5 Bijagós, 47anos).

Alguns entrevistados afirmam assumir abertamente as suas emoções:

"É um aspeto que para mim não é uma fragilidade. Muitas das vezes diz-se "ah tu és homem, os homens não choram muito", mas para mim isso não existe, se me der para chorar choro." (E1 Pepel, 46anos).

Mas o chorar tende ainda a ser associado a feminilidade como bem ilustra a descrição de E2 Bijagó sobre o seu processo de controle de emoções *"Eu sou homem, mas quando me enervo e me sinto mal reajo como as mulheres. Quando eu me enervo de verdade só me sinto bem quando me choro para libertar, não é igual como outros homem. Não sou de agir logo quando me enervo, porque desabafo no choro. Quando fico emocionado com alguma coisa, fico quente e não me sossego até conseguir essa coisa até ter essa coisa no meu poder."*

A partir dos eixos analíticos condutores das entrevistas os discursos dos entrevistados estabeleceram relações temáticas que nos permitiram traçar novas categorias analíticas. Assim, surgiram elementos marcantes destacados por vários entrevistados relacionados com a religião e as crenças; o trabalho; as relações conjugais e familiares.

Deus, Natureza e a verdadeira Matchundadi

É transversal aos discursos o estabelecimento de uma relação entre a religião – que difere entre os entrevistados, natureza e a *Matchundadi*. Esta é assim legitimada de variadas formas, como uma característica natural ou animal,

"Bem, por questões da Natureza, homem, independentemente de ser alguém que vem com o sexo masculino, é um ser que Deus dá um certo aspeto natural de ser sempre forte, rijo, duro, e de poder estar sempre à frente"(E1 Pepel, 46 anos).

"Homem vem de animal. A palavra homem vem de animal. Homem é um animal e um ser humano." (E4 Pepel, 65 anos).

"Para mim, homem é a cabeça. Porque Deus, quando começou o mundo, começou com o homem, mas como viu que o homem não produzia, criou a mulher para ser parceira do homem. E como homem estava isolado, criou a mulher." (E4 Bijagó, 55 anos).

Mas *Matchundadi* é mais complexo do que simplesmente ser homem e agir como tal. De acordo com vários entrevistados, a *Matchundadi* é ainda um segredo, algo de inato mas invisível.

“a *matchundadi* não sei se existe noutra língua”, (talvez masculinidade), “não, masculinidade é muito fino. *Matchundadi* é muito mais forte e tem a sua grossura e sua garra, *matchundadi* vem geneticamente, vem na forma de como és ligado por dentro, na forma como és trabalho, é visto na sua forma física e na sua invisibilidade de ação, na sua honra à sua volta. Alguém que tem..., a nossa diferença com as mulheres tem a ver com o nível de testosterona, há homens que têm menos, *matchundadi* vem disso, quem tem mais consegues ver e identificar logo. Porque os Homens não se misturavam antes? É por causa das suas *matchundadis*, ao ver um homem a chegar consegue perceber que está a chegar um macho, pois os riscos que assumem, as suas determinações, há homens que remam das ilhas até Bissau, fazem coisas extremamente arriscadas. Hoje em dia não se verifica.” (E5 Bijagó, 47anos).

E que faz com que E5 caracterize os homens detentores desta *Matchundadi* como, “Eu os chamo *Homo-Deus*, homem que te dá presença da totalidade, que te dão confiança para nada te acontecer. Então crescemos rodeado de *Deus* físicos, mas também temos *Deus* invisível. Cada *poilão* (árvore de grande porte) que temos numa *tabanka* está aí um chão sagrado que define cada carácter, orgulho e dignidade daquele povo. Imagina que cresces nesse meio quando derramas (ato de verter álcool sob um santuário) derramas para *Deus*, que tu olhas a tua volta e vês a autoestima daquele *Deus*, homens de guerra e vês com olhos por organizam com a presença de todos.” (E5 Bijagó, 47).

A presença deste discurso nos homens mais novos nomeadamente neste entrevistado que é mais diferenciado em termos de profissão e modos de vida faz compreender o forte enraizamento cultural desta visão sobre ser homem. Contudo é também largamente referido que há uma *matchundadi errada*, ou usada de forma errada:

“há homens que quando chegam num determinado espaço público é que começam a mostrar as suas masculinidades (*Matchundade*) começam a se gabar e mostrar que são reis..” (E2 Pepel, 64).

Esta *masculinidade errada* é associada à sexualidade bem como a comportamentos desviantes – furto e violência.

Trabalho como masculinidade, mas também fonte de ordem social

A par do elemento religioso e da natureza, o trabalho foi das palavras mais presente na análise primária de texto efetuada. A referência ao trabalho é curiosamente transversal, ou seja, surge ao longo das entrevistas, relacionado com o género, ser homem, história de vida e perceção da sociedade atual. O que nos permite perceber que é central na temática estudada a ligação ao

trabalho. O mesmo é apresentado como forma de se validar como homem, de ser por isso reconhecido e respeitado, bem como o modo de vida individual que todos estes homens afirmam seguir.

“Homem de homem para mim, entendo que homem é quem tem a capacidade de desenvolver algumas ações que pratica e trabalhos que beneficiam a sociedade” (E2 Mandinga, 55anos).

“...na verdade, é seriedade, honestidade e trabalho, são estes valores os nossos melhores amigos e é o nosso lema.” (E2 Mandinga, 55anos).

“Isso é só através do trabalho que pode demonstrar as pessoas, fora isso, pode-se mostrar através dos trabalhos de base, sou comitê de secção da base de MADEM-G15 (um partido político guineense)” (E4 Mandinga, 68anos).

“Eu me descrevo como homem desde quando aprendi esse meu trabalho, e com estes trabalho que aprendi e aproveitei com a minha família. Porque qualquer alguém que aceitou aprender com os seus mais velhos consegue ter a capacidade de separar o mal do bem”(E3 Bijagó).

“a minha masculinidade/matchundadi, mostro mais no meu trabalho, como vos estava a dizer, eu já não trabalho desde 2016, mas eu sou homem produtivo, porque se alguém mostra que é macho, eu mostro que sou ainda mais e de muitas forças. Há coisas que muitos homens não fazem e que eu faço” (E4 Bijagó, 55anos).

“aquele que se gaba que é macho, não é uma questão de estar sempre na briga mas se batalhar mesmo no trabalho, eu digo que a pessoa é macho.” (E2 Mandinga, 55anos)

Um olhar cético para o sociedade de hoje, ou o “mundo ondulado”

Por fim no último tema abordado ficou muito notória uma visão bastante crítica e normativa da sociedade guineense, sobretudo no que diz respeito à relação com as crianças e os jovens.

“E já não vemos crianças nas tabankas a irem pedir informações juntos dos homens grandes (idosos), tudo ficou perdido” (E1 Bijagó, 48anos) .

“Homens daquela altura e o mundo era diferente do que agora, eles eram bons e não é como agora, atualmente as pessoas são más. Alguém via uma criança a se portar mal na rua batia-se nela para repreende-lá mas agora não se faz isso, quando bates numa criança hoje os pais perguntam logo “tu é que sustentas a minha criança” (E2 Pepel, 64anos)

Ou relativamente aos modos de vida:

“comecei a beber com 43 anos, vês como demorei tempo a beber. (mas agora as pessoas bebem até crianças bebem), ah pois, é a educação atual” (E2 Pepel, 64anos).

“São pessoas muito perturbadas, e com a mistura de muitos outros povos com as nossas realidades locais fez com que estejamos todos perturbados hoje em dia.” (E1 Bijagó, 48anos).

A consideração de que há perda de valores é apresentada de forma muito particular por E5 Bijagó *“Sabes, o mundo hoje está muito ondulado. A vida hoje em dia está muito ondulado”*.

“Homem atual é o homem mais selvagem que há, homem agressivo. Antigamente não era assim, homem era bem educado, não vai se expressar mal no meio das pessoas. Criança mandar insultos no meio dos mais velhos, de onde é que saiu?” (E2 Pepel, 64anos).

Sobre a relação entre homens e mulheres, o tom geral é que estas estão degradadas e ambos perderam a noção do seu papel social, contudo alguns entrevistados destacam como as mulheres são atualmente quem mais se esforça por manter o equilíbrio familiar como por exemplo E1 Mandinga:

“Homens e mulheres cá na Guiné têm muitas diferenças, na verdade as nossas mulheres têm muita vontade e trabalham dia a dia e praticamente não têm repouso, e os homens descansam mais do que as mulheres. De facto, notei isso, mesmo entrando no mercado ou nas ruas da cidade nota-se o tipo de trabalho que as mulheres fazem não se compara com o trabalho que os homens fazem”.

A base da perda de valor, a falta de relacionamento verdadeiro entre os homens e ao mesmo tempo com as mulheres, a educação regida que é dada aos rapazes e conseqüentemente desafios sociais que colocam o homem, sem lhe questionar antes a possibilidade de se ser provedor ou não, todos esses elementos acabam por contribuir de alguma forma como elementos basilares no que tange a falta de expressões das emoções e também a manifestação das masculinidades violentas, que muitas vezes é encarada, pelos entrevistados, como *Matchundadi* de homens que demonstram força e pensam que sabem e podem fazer tudo.

4.2. Diário de um etnógrafo ou um homem em escuta

Não contava de todo que, na altura em que estava a ir para Portugal, seria possível um dia voltar com ao meu país com o propósito de fazer investigação e contactar com pessoas de vários contextos como objeto de estudo para a minha pesquisa.

Quando cheguei, depois de 9 anos fora, já quase desligado da realidade guineense, pois, tinha saído poucos dias depois de ter feito 18anos e era uma altura em que estava a procurar consolidar o meu conhecimento sobre o país que me viu nascer. Mas sem efeito, embarquei com destino a Portugal.

Nesse regresso, tudo parecia novo para mim, exceto a minha família. Mas as amizades passaram a ser todas ou renovadas ou novas, os espaços onde frequentava dos quais tinha uma

memória específica guardada em mim, todos modificaram, passei a vê-los com um novo olhar. Bissau já não é igual, aquele Bissau que conhecia com cerca de 10 anos antes de ir para a cidade de Gabú onde passei toda a minha adolescência.

Passei, quase dois meses, sem fazer nada que diz respeito à minha dissertação, mas focado na observação e no resgate daquilo que tinha na minha memória individual sobre a cidade e que já estava a ficar desconhecida na minha mente.

Nessa observação, passei não só a tentar compreender a forma como é o discurso atual entre homens e mulheres tanto jovens como adultos, é atualmente desenvolvida como também os comportamentos e atitudes de ambos os géneros em vários momentos do quotidiano guineense.

Mas também, apesar de estar desfocado em relação ao trabalho que me trouxe a Guiné-Bissau, continuei, indiretamente a tentar localiza o meu objeto de estudo e marcar os encontros para poder um dia entrevistá-los.



Imagem 1 Investigador - Mamadu Alimo Djaló

Nessa tentativa, um dia quando estava a sair de uma atividade no Centro Cultural Português de Bissau, consegui boleia do Negado até onde pudesse apanhar transporte para casa. No caminho pedi ao Negado que me ajudasse a conseguir cinco homens com idade de 45anos ou mais da etnia pepel que pudesse entrevistar para a minha dissertação. Ele aceitou logo e perguntei-lhe quantos anos tem e descobri que tem mais do que 45 e daí começamos a tornar a nossa ligação mais estável graças a necessidade de entrevistá-lo para a minha dissertação. Também ofereceu-se logo em ajudar-me a encontrar outros quatro homens. Fiquei extremamente entusiasmado com isso, e comecei a trabalhar mais na minha dissertação e também no guião da entrevista.

Atrás de um sem tempo (entrevista-1)

Negado, nome mais conhecido. Segundo ele, é o nome dado pela avó por não ter um pai que o assumiu logo no princípio quando nasceu. Mas sente-se confortável com esse nome até porque, pela perceção exterior, pouca gente o conhece com outro nome que não esse, e acrescenta-se a esse nome “*de Netus di Bandê*” um agrupamento cultural da Guiné-Bissau.

Durante três semanas andei a marcar e a remarcar os nossos encontros para a entrevista. Mas sempre me contava histórias que não permitia que nos encontrássemos.

Foi possível numa terça-feira, num dos maiores hotéis da cidade de Bissau, num dia caótico, tanto para ele como para mim, ambos andávamos ocupados e a correr de um lado para o outro. Em relação a mim, nesse dia tinha marcado uma viagem para Varela, uma pequena vila do país situado ao norte. Eu e o meu amigo Abukbedeta, combinamos encontrar depois da reunião com a minha orientadora. Encontramos mais cedo porque a reunião não chegou a acontecer. Mas depois da reunião íamos ter com o Negado para entrevista, e depois íamos buscar dinheiro de transporte para ir a Varela no mercado de Bandim, numa agência de transferência monetária.

Quando chegamos ao hotel, o Negado estava numa correria e sem tempo, porque estava com o seu Grupo Cultural Netus di Bandê para um ensaio intenso para o espetáculo de Mandjuandadi a ser realizado pelo músico Patche de Rima. *Viu-nos e disse logo “hoje não tem como, vai ter que acontecer a nossa entrevista. Mas viram como estou, mais uma vez no trabalho intenso de preparação do espetáculo do Patche.”*

Nós, concordamos e esperamos. Depois fomos ao jardim do Hotel, sentados à sombra ao lado da piscina, numa interação cómica em relação aos falhanços dos nossos encontros para a entrevista e toda aquela correria em que ele estava metido.



Imagem 3 Entrevistado - E1 Pepel, Agente Cultural

Quando começamos a entrevista, ele estava muito em si, a falar calmamente. Conforme a conversa, foi ganhando mais fôlego, vontade e entusiasmo. Começou a falar com mais vigor e a utilizar as suas mãos para acompanhar a sua fala. Várias vezes o seu corpo foi-se aproximando do meu, como forma da demonstração da confiança sobre aquilo que partilhava e a forma segura com que sentia em relação a maneira como o ouvia.

Ao longo da conversa, o telemóvel não parava de tocar, várias chamadas entravam e sobre vários assuntos, e ele continuou a desprezar o aparelho até ao fim da nossa conversa.

À volta, passavam várias pessoas, e o meu amigo Abukbedeta, continuava em silêncio e a tirar-nos fotografias, até um fim espontâneo da nossa conversa que durou 35 minutos, sem estarmos a espera que demorasse pouco. Mas foi frutífero e muito proveitoso.

Um homem disponível (entrevista-2)

A intenção não era entrevistar o Senhor A. nesse dia, pois, tinha ido ver a última atividade da exposição Rosa Gumi, num espaço que não conhecia antes, que é a Sede do Grupo Netus Di Bandê.

Depois de tudo, e apesar de ter cruzado com o Negado várias vezes nessa atividade, voltei a encontrar-me com ele e lembrei-lhe sobre o pedido que lhe tinha feito, de me ajudar a

conseguir algumas pessoas pepéis para entrevistar no quadro da minha dissertação. Ele respondeu-me logo prontamente e apontou-me o Senhor A., fomos ao pé dele e o Negado falou com ele sobre a minha dissertação, acabei por saber nesse instante que o senhor A. é o padrasto do Negado.

Eu e o Senhor A. fomos juntos para casa dele. Antes de chegarmos, passamos por algumas ruelas tão estreitas que nunca tinha conhecido antes, apesar de ter crescido em Bissau num outro bairro, mas não tinha noção nenhuma de que o bairro de bandim era enorme e ao mesmo tempo muito apertado e com casas empilhadas, umas em cima das outras, com varandas quase coladas.

Quando chegamos, o Senhor apresentou-me a mãe do Negado e depois começamos a conversas. Entretanto, no decorrer da conversa ouvia-se vozes, não só de crianças como de pessoas adultas que desafiavam a nossa concentração, mas ainda assim resistimos e fomos conversando e ao mesmo tempo ouvindo barulho de vários tipos, como de tambores, gargalhadas e choros de crianças batidas pelas pessoas educadoras etc...



Imagem 4 Entrevistado – E2 Pepel, Reformado

A conversa foi muito breve e o Senhor A., apesar de ser um homem disponível, é também um homem de poucas palavras. Não sei se é porque estava a aproximar a noite e a escuridão a tomar conta ou se é a necessidade dele ir tomar banho e recolher ou se é o barulho à volta que lhe levou a responder de uma forma tão rápida e com respostas curtas.

Contudo, a conversa foi interessante na medida do possível e a foto foi tirada por uma professora, que disse a dada altura quando estava a pedir que nos tirasse uma foto “muita força e coragem, porque os professores da Guiné-Bissau sofrem muito”, ela concordou e agradeceu.

Um homem com princípios educativos (entrevista-3)

Barulho era o que nos rodeava. Miúdos a brincarem de um lado para o outro, com a suas bolas de futebol e as correrias de outras brincadeiras, pessoas a passarem na rua estreita ao pé da casa do senhor M. no bairro de bandim. Cada uma que passava, cumprimentava automaticamente, e nós respondíamos, por boa educação e simpatia, mesmo estando a gravar a nossa conversa.

Em toda a entrevista notava-se o quão importante para o senhor M. os princípios educativos, pois, segundo ele, quando se cresce rodeado de pessoas educadas, passasse também a adquirir mesmo valores que permitam viver em paz e sem entrar em problemas.

Durante a conversa, e com toda a interação que se via à volta de nós, permitiu que o senhor M. demonstrasse a relevância de se ser bem educado. De tantas situações que aconteceram durante quase meia hora de conversa, possibilitou vários silêncios para tentar compreender o que realmente se estava a passar. Ora são miúdos a discutirem, ora são pessoas a venderem os seus produtos, ora são jovens a quererem bater nas crianças por falta de respeito etc... Bairro de Bandim, é um centro de acontecimentos vários e em simultâneo.

Uma das situações mais constrangedoras que aconteceu durante toda a conversa, foi ter visto um adolescente a fugir de um jovem que supostamente tem problemas mentais. O adolescente foi pedir socorro a vizinha do senhor M., mas o jovem insistia em tirá-lo daí, entretanto deu-se um barulho entre a senhora e o jovem, no sentido de que “*se o adolescente veio pedir socorro, o rapaz não deve ultrapassar essa linha*”. O rapaz por sua vez, se amansou e ao mesmo tempo a suar imenso porque correu imensamente atrás do adolescente.

Começaram por explicar o que não se entendia melhor. Mas de acordo com o senhor M., como o jovem tem algum problema mental, as crianças mais crescidas e adolescentes aproveitam-se disso e lhe ficam a gozar, e o rapaz, por sua vez, às vezes não aguenta e procura de alguma forma reagir.



Imagem 5 Entrevistado - E3 Pepel, Reformado

Essa situação serviu de um exemplo muito claro para senhor M., de que crianças de hoje em dia, na Guiné-Bissau, são mal educadas e estão sempre a meter-se em confusões, ao contrário das crianças de antigamente, que cada uma sabia do seu lugar.

Uma busca difícil mas conseguida (entrevista-4)

Parecia que estávamos a procura de uma agulha no palheiro. Pois, foi difícil encontrar o Senhor A. L. C.. Andava eu com um colega meu, Alex, pelas ruas mais controversas e estreitas em termos urbanísticos da cidade de Bissau, o Bairro de Bandim. As ruas se entre-cruzam e são muito parecidas. Andamos porta à porta a tentar convidar pessoas a nos indicarem se conhecem homens papéis com idade de 45 ou mais anos.

Baralhamos o pensamento de alguns jovens que estavam sentados nos seus espaços de lazer e discussões, debaixo das árvores gigantes (poilões, mangueiras etc...). esses espaços são chamados de “bancada”. Quando chegávamos pedíamos referências, de muitas pessoas que nos indicaram, alguns estavam indisponíveis e outros se encontravam abaixo dos 45 anos.

Nesse andar pelas ruas de bairro de bandim, podia-se ver crianças a brincarem de várias formas, inclusive jogar a bola, e as meninas com as suas brincadeiras separadas dos meninos. Jovens nas suas bancadas, a falarem sobre quase todos os assuntos e a prepararem sumos naturais para beberem depois de almoçarem em grupo. Numa das casas onde tentamos conversar com um senhor, até nos convidaram beber sumo de limão. Bebemos forçosamente, pois estávamos cheios mas ressentimos recusar, e o copo de sumo era gigante. A par disso, também podia-se ver mulheres em vários papéis, algumas a repreender as suas crianças, outras a cuidarem dos lides de casa, inclusive cozinhar, outras a interagirem umas com as outras e com as suas crianças em casa. Conseguimos também verificar *Mindjeris Garandis*, ou seja, mulheres idosas, sentadas melancolicamente a conversar entre elas sobre as suas vidas. Conseguimos, entretanto, o Senhor A. que estava a descansar, quase a dormir. Mas decidi

falar connosco porque o colega do seu filho nos levou até ele e explicou-lhe a razão da nossa ida a casa dele. O Senhor estava sem camisa e pedimos-lhe para vestir, pois, vamos precisar de o fotografar e ele aceitou com toda a amabilidade e começamos a conversar e a assistir ao mesmo tempo as façanhas do seu neto que estava sem cuecas, e a enroscar no colo do avô. E assim começamos e continuamos a conversar, numa tarde de sol e muitos movimentos dos habitantes do bairro.



Imagem 6 Entrevistado E4 Pepel, Reformado

Álcool, um elemento de refúgio desgastante (entrevista-5)

Andávamos perdidamente pelas ruas estreitas de Bairro de Bandim à procura de uma última pessoa para entrevistar. Pelo caminho, até paramos para jogar um bocadinho de matraquilhos. Pois, a procura estava a desgastar-nos, mas recuperamos energia.

No bairro, notamos que os pepéis gostam mais de estar nos seus cantos, ou a beber vinho palmo (vinho da palmeira), ou a beber de Cajú e ao mesmo tempo a jogar xadrez, ou simplesmente a discutirem uns com os outros sobre diferentes temáticas.

Nessa andança, fomos recusados por várias vezes, uma delas foi, não nos queriam dar conversa porque estavam todos envolvidos a ver e a jogar xadrez. Tentamos convencer aqueles que não estavam a jogar, não conseguimos. Passamos para os que estavam a jogar para conversarmos quando terminarem, mas não queriam. Seguimos para outras ruelas, conversamos com duas pessoas sentadas em frente da casa, e estas por sua vez, também recusaram alegando que não querem contar as suas histórias porque não é nada interessante.

Nesse instante, ao sair desse espaço, o meu colega Alex, que andou sempre comigo no Bairro de Bandim à procura de homens pepéis, lembrou-se de um homem pepel, e avisou-me logo “*ele é estúpido*” e eu disse-lhe “*vamos, pode ser que essa última entrevista seja a mais diferente de todas por razões do perfil dessa pessoa*”, e ele voltou a dizer “*não virás a dizer que não te avisei*”, eu respondi que não.

Quando chegamos a casa do senhor, que se chama B., encontramos-lhe num estado completamente alcoolizado, sentado ao lado seu primo senhor G. N. que estava minimamente sóbrio. Cumprimentamos e reponderam-nos de volta. Quando explicamos a intenção da ida aquela casa, o senhor B. começou-nos a insultar fortemente nos nossos pais, não ficamos chocados porque já sabíamos de antemão o que iríamos encontrar. Enquanto nos insultava, devolvíamos em jeito de tentar mantê-lo mais concentrado para ouvir-nos. Mas não conseguimos e B. já estava a passar dos limites, e quase nos cuspiu, uma demonstração de que não nos queria ver à frente dele.

Daí que o senhor G. N. nos disse, se quisermos ele pode falar connosco, de já que tentamos com B. e ele recusou. Nesse instante, afastamos do sítio onde estávamos todos sentados, e deixamos sozinho o senhor B. com a sua garrafa de cana a beber cegamente e ao mesmo tempo a fumar cigarros.



Imagem 7 Entrevistado - E5 Pepel, Pedreiro

A conversa estava a correr tranquilamente, apesar de ser uma das mais sinceras e ao mesmo tempo “estúpidas”, porque o senhor G. N. que não tinha papas na língua e é muito divertido. Rimos e conversamos abertamente com uma comunicação visual muito presente. Ao lado estava uma escola de *kirintin* (o que se vê no fundo da foto), com crianças a aprenderem e lerem em voz alta, os vizinhos cada um no seu canto a tomar conta das suas casas e os afazeres domésticos, estavam como é óbvio a cargo das mulheres.

Quando estávamos prestes a terminar a conversa, aproximou-se o senhor B., a mandar conversas conforme eu perguntava o senhor N.. No fim, dirigiu-se mesmo para cima de nós e a dizer “*saíam daqui, filhos da puta, esta casa é minha. Vão para dos vossos pais (...)*” e ouvimos muitas conversas desagradáveis de ouvir, caso for uma pessoa no seu estado normal. Gozamos, com ele ao mesmo tempo que nos estava a mandar pedras para sair do recinto da sua casa.

Outrora, o meu professor de francês e diretor da escola (entrevista-6)

Homem de fala, bem falante, não só de línguas como também de expressões que ficam no ouvido e que provocam algum tipo de reflexão. Nos conhecemos em 2006, quando eu e a minha família nos mudamos para a região de Gabú, onde passei a minha adolescência.

D., como é habitualmente chamado é visto por todas as pessoas que o conhecem como homem presente, qualquer sítio onde chegava ou estava sabia-se que ele estava aí, homem de bom coração mas muito rigoroso, gosta de estar à frente, aliás como o próprio afirma na entrevista. Procurei-o assim que cheguei à cidade de Gabú, pois, já tinha conhecimento que é homem mandinga e também conhece muitas pessoas na cidade de Gabú. Fui a sua antiga casa, onde partilhava com o seu irmão mais velho e as mulheres e filhos de ambos, não o encontrei.

A tarde era de sol, eu, a minha mochila às costas, os fones nos ouvidos e suor pelo corpo, afinal tinha arranjado uma outra casa onde mora com a sua mulher e seus filhos. No caminho, confundi a casa, assinalaram-me uma outra. Quando cheguei, ele não estava e a mulher também. Pelo caminho de volta, encontrei a filha mais pequena, a B., que me disse para eu ir ver nas finanças, pode ser que o pai esteja aí a trabalhar.



Imagem 8 Entrevistado – E1 Mandinga, Professor

Cheguei na Delegacia das Finanças de Gabú, encontrei muitas pessoas conhecidas que me reconheceram, apesar da mudança de visual e também pelo crescimento físico, comecei a cumprimentar e ao mesmo tempo a perguntar pelo Diretor da Unidade Escolar 25 de Abril, escola onde estudei até ao 12º ano. Afinal, também é funcionário administrativo das finanças de Gabú, não sabia. Fiquei admirado e contente por saber. Quando o vi, comecei a goza-lo “já devia estar na reforma e deixar que os jovens ocupassem este posto e fazer o país marchar” e ele disse-me de volta “será que os jovens querem trabalhar?”, retorqui dizendo “claro que sim, mas vocês não lhes dão oportunidade e estão em todos os lados”, não permite mais que falássemos desse assunto e contei-lhe a razão da minha vinda à Gabú e porque o estava a procurar, tendo ligado para o seu telemóvel, mas sem sucesso. Disse-me que não tinha problema nenhum ele conceder essa entrevista. Levou-me para o seu gabinete, cheio de papéis em cima da mesa e à volta, pouco organizado mas notava-se muita vontade de trabalhar, pois, o conheço e muita gente na cidade também o conhece como pessoa trabalhadora e animada. No decorrer da entrevista entrou um antigo professor meu que também se alegrou por me ter

visto, e eu também. A conversa, foi divertida e voltei a aprender muitas coisas com ele, como sempre com aquelas frases curtas mas com imensa sabedoria.

Madjó, o macho acessível que desafia os jovens em relação às mulheres (entrevista-7)

Depois de conseguir a primeira entrevista, segui para o Comité de Estado da Região de Gabú, local que me indicaram poder encontrar o Secretário Regional, que é homem mandinga, acessível e que poderia conceder-me a entrevista.

Ao chegar comecei a perguntar, disseram-me para esperar, esperei tanto até que já estava a perder paciência, saí à rua para apanhar ar, daí entrei o senhor M. S.. Homem acessível, que quando lhe disse que tinha intenção de entrevistar um homem mandinga com mais de 45 anos, ele indicou-me um outro senhor que me voltou a dizer “é ele que está mais na altura de te conceder essa entrevista”, virei para o senhor M. S., que também é conhecido por M., e ele disse-me que podia ser.

Antes de começarmos, ele começou a gozar comigo, como sendo fula e começamos logo com uma interação muito boa. Toda a nossa conversa decorreu no quintal do Comité de Estado, eu estava sentado no murro do edifício e o meu entrevistado passou todos os 35 minutos de pé, respondendo às minhas questões com muito ânimo, embora também muito deslocado das perguntas que lhe fazia.



Imagem 9 Entrevistado - E2 Mandinga, Guarda Florestal

Os minutos passados foram muito animados, sofremos duas interrupções o que permitiu fazer algumas recapitulações no decorrer da nossa conversa. O senhor Madjó, é imensamente animado e as suas conversas passavam muito pelo vício que os homens tinham sobre as mulheres e competições à volta disso, permitiu-nos divertir enquanto conversávamos, contando histórias engraçadas e com grandes lições de vida.

O alfaiate com pouca lábia (entrevista-8)

Até o ter encontrado foi uma viravolta bastante longa. Perguntei a muitas pessoas como encontrar homens mandingas com 45 anos para cima que pudessem aceitar conceder uma entrevista, assinalaram-me e eu fui atrás. Quando soube que se eu fosse a sede do partido

MADDEM-G15 poderia conseguir alguns homens mandingas, acelerei logo para aí, com o moto que tinha sob a minha posse.

Cheguei e perguntei aos que estavam sentados fora da sede, alguns eram mandingas mas não queria conceder a entrevista começaram a indicar-me outras pessoas homens que estavam dentro da sede. Ao entrar, encontrei-o na porta a sair, o senhor S. que é o meu único entrevistado com idade superior a 70, achava eu que teria uma conversa muito longa pelo número de idade que tem. Mas equivoquei-me. Respondia curto e claro e ao mesmo tempo com muita pressa que a entrevista acabe, pois, foi quase forçado a conceder a entrevista. Andei muito nesse dia até o ter encontrado nas portas da sede de MADDEM-G15, um dos partidos políticos da Guiné-Bissau recentemente criado.

Quando falei com ele, disse-me logo “*eu tenho que ir*”, eu e mais um colega meu, dissemos-lhe “*não se preocupe, não vamos demorar muito*”. Na verdade, não demoramos, porque foi a entrevista mais curta que consegui em todo esse percurso da pesquisa.

Pela idade e também pouca interação com a escola dita “*portuguesa*” no tempo em que estava a crescer, desentendia algumas perguntas que o fazia, mas conseguimos levar a entrevista a um bom porto. Sentamos no quintal da sede, sozinhos e a conversar. E até no decorrer da entrevista fez questão de me lembrar que devia ir porque tinha algum combinado. Mas aceleramos e conseguimos terminar sem nenhuma interrupção.



Imagem 10 Entrevistado - E3 Mandinga, Reformado

O homem que conheceu Amílcar Cabral (entrevista-9)

Não queria me conceder a entrevista, mas insisti até conseguir que ele me levasse no quintal no partido político MADDEM-G15. Sentado num dos bancos longos do quintal da sede partimos para a nossa conversa que inicialmente dizia-me “*não vamos demorar?*” e eu respondi que não, mas dependia das resposta que me ia dar.

Foi difícil convencer o senhor U. S. a aceitar a entrevista, mas quando ouviu o interesse que tinha em entrevistá-lo, aceitou logo, mas sem entusiasmo. É um senhor muito calmo, homem de poder no partido e também conhecido muito próximo do meu tio e sempre que falava enquanto corria a entrevista, dizia-me para perguntar ao meu tio.

Fiquei extremamente contente ao saber que conheceu Cabral, pois, contou-me algumas coisas que o pai da independência lhes diziam no tempo da luta e quando era um adolescente a crescer.

A nossa conversa foi interrompida duas vezes, umas das vez foi quando o seu colega de trabalho no partido chegou e ele devia-lhe entregar umas listas de representação que a cidade Gabú devia mandar para Bissau em nome do partido, tivemos que dar pausa e a segunda vez foi quando o seu filho chegou para lhe dar um recado. O seu filho era alguém que eu conhecia quando ainda estava em Gabú, antes de ir para Portugal estudar, cumprimentei-o e depois deixei os dois a conversarem sobre o recado que o filho tinha para o pai e também aquilo que o pai lhe queria contar para ir transmitir em casa.

Em toda conversa estive sempre a procurar um contacto visual com o senhor Sumaré, mas não consegui, queria ver nos seus olhos todo o sofrimento que transmitia nas palavras como sendo criança que cresceu sem conhecer os seus pais e que depois passou, ainda que por pouco tempo, pela luta de libertação nacional.

Mas foi muito interessante conversar diretamente com alguém que algum dia cruzou com Cabral nas matas, numa altura em que todos estavam unidos para desafiar a presença colonial no país e que sempre teve na sua cabeça a frase que Amílcar lhe dizia *“esta terra um dia será vosso (as crianças), por isso, aguentem bem”*.



Imagem 11 Entrevistado - E4 Mandinga, Político

Colega(s) do meu pai (entrevista-10)

Andava quase a desistir de concluir as entrevistas nesse dia, pois, faltava uma só pessoa, mas não estava a conseguir. Quando já estava a regressa a casa, no bairro onde cresci, encontrei com um tio meu, colega do meu pai que me disse para lhe seguir, porque o sítio onde ele vai existem muitos homens mandingas que serão capazes de aceitarem a entrevista.

Fui atrás dele, e fomos parar a culubalicunda, uma morança (conjunto de casas) em que as várias famílias possuem o apelido Culubali, ou semelhante, sendo praticamente todas as pessoas nessa morança de uma única linhagem. Quando chegamos, vi mais do que 5 homens mandingas, alguns tinham idade inferior aos 45 anos. Cumprimentei todos, e reconheceram-me logo, pois, quando cheguei com aquele meu tio que tinha seguido, perceberam logo quem é o meu pai. Ficaram contentes por saberem que o meu percurso, afinal, está a dar fruto, o que constitui um orgulho para eles verem filho de um colega a se construir e bem num mundo que é cada vez mais desafiador.

Estavam sentados na esteira a beberem chá, que não é bem-bem chá, mas é equivalente. Na Guiné, chamamos de *warga*, umas ervas que são fervidas numa pequena jarra e depois o

líquido é servido em pequenos copos, anteriormente misturados com açúcar. Ao chegar o meu tio S. S., expliquei-lhe tudo e ele aceitou o desafio de lhe entrevistar.

Durante a conversa, estávamos todos sentados debaixo de uma mangueira, todos homens casados e apreciarem as minhas perguntas e respostas do tio S. S., passavam algumas pessoas que eu conhecia e cumprimentava. Alguns dos meus tios até interviam na conversa mas não era a percepção deles que estava em causa, mas sim a pessoa que era o meu alvo.

Correu tudo lindamente e acabei por reavivar a memória por ter visto aquelas pessoa há nove anos. Depois da entrevista desejaram-me boa sorte e eu finalizei as entrevistas que tinha com os mandingas na região de Gabú.



Imagem 12 Entrevistado - E5 Mandinga, Agricultor

Um passeio pelas ruas de Bubaque (entrevista-11, 12, 13, 14)

Os dias de estadia em Bubaque já estavam a terminar e eu estava para começar a primeira entrevista na ilha de Bubaque, aos homens Bijagós, mas não conseguia.

Nessa andança de perguntar sempre aos moradores e a partilhar as minhas angústias, encontrei o Bubacar, no hotel de Mimi, uma senhora francesa com empreendimentos turísticos na Ilha de Bubaque, também minha amiga.

Quando Bubacar se ofereceu a mostrar-me homens bijagós que eu poderia entrevistar, fiquei extremamente feliz, e ele deu-me uma condição, “*vamos ter de comprar gasolina*”, e eu respondi prontamente que “*sim, sem problemas*”. Quando estávamos comprar gasolina, também sentia fome e comprei *donetes* (donuts) e sumo para nós, o que nos permitiu passear pelas ruas de Bubaque sem chorar fome.



Imagem 13 Entrevistado – E1 Bijagó, Professor

Bubacar é um jovem muito humilde e com vontade aprender, tinha com ele a mota do serviço, e foi ali que embarcamos e fomos contactar os homens que possivelmente aceitariam conceder as entrevistas. Começamos a maratona de forma animada.

Todos os homens que contactamos estavam nas suas casas. O primeiro homem estava rodeado de crianças, seus filhos e colegas de seus filhos, e ele (o pai) a dar explicações, pois, ele é professor, muito ligado aos projetos de educação implementados pelas ONGs na zona das ilhas.



No decorrer da entrevista, fomos interrompidos pelo barulho das crianças que, ora estavam a ler, ora estavam a brincar. O professor quase que se chateava com o filho mais novo. Em frente ao sítio onde estávamos sentados tínhamos uma casinha de porcos, a soltarem as suas vozes e a passearem de um lado para o outro. Também tinha na varanda uma coruja, que só dei de conta quando estava a sair do local.

Imagem 14 Entrevistado - E2 Bijagó, Agricultor

A segunda entrevista foi com um senhor do mato, ou seja, um senhor muito ligado a lavoura e trabalho de mato, encontrei-o sentado numa esteira a descansar e sem camisa. Quando o confrontei, ele aceitou logo. Apesar de as respostas estarem muito deslocadas, permitiu-me conduzir a entrevista até ao fim, aprendendo várias coisas ligadas à língua bijagó. À nossa volta estava uma criança a ser amamentada pela mãe, que depois ficou a gatinhar ao pé de nós, o que permitiu o meu entrevistado dar alguns exemplos com a presença da criança ao pé de nós. Homens humildes como esse que aceitou ser entrevistado por mim, são raros.

Logo de seguida, passei cerca de três para chegar à casa do terceiro entrevistado, ao encontrar esse senhor de caneta vermelha quando, não foi preciso andar de mota. Quando chegamos, também aceitou logo, vimos-lhe a dar comida aos porcos, é pelo que aparenta, um senhor que cuida bem dos seus animais, porque não gosta de ver animais a serem maltratados. O senhor dizia ter sempre uma caneta vermelha quando era criança e jovem, da qual escrevia as coisas que abominava e que abominaria em toda a sua vida. A nossa entrevista foi interrompida quando estavam a passar duas meninas que estavam a sair das aulas e que eram suas netas (indiretas). Quando as vi, pedi logo para darmos pausa, porque estive também durante esse tempo em Bubaque a fazer um trabalho paralelo com as crianças, e tive que fazer uma entrevista breve a essas duas meninas de 12 e 11anos de idade, tirei-as fotos e agradei a simpatia, pois, estivemos até a gozar um com o outro durante os momentos de fotografia. Depois disso, continuamos a entrevista numa tarde em que o pôr de sol nos mostrava a sua

beleza encantadora, os raios do sol nos chegavam através dos buracos das árvores de manga que estavam à nossa frente.

A última experiência foi com um senhor que não esquecia os ensinamentos que adquiriu com o seu pai. Com a prática desses ensinamentos conseguiu se sustentar e aos seus estudos durante algum tempo. Mas antes de começamos a entrevista, foi preciso perguntar a mulher se nos autorizava que a entrevista acontecesse, pois, chegamos sem contar a todos o que nos levou aquela casa. Aconteceu de uma forma cômica, porque Bubacar tinha uma relação de amizade muito forte com essa família e gozava imensamente com a mulher do homem que entrevistei.



Imagem 15 Entrevistado - E3 Bijagó, Reformado

A conversa correu sem nenhuma interrupção, com exceção na parte final que o meu amigo Bubacar falou, dando a sua opinião sobre a tradicionalidade dos casamento da etnia bijagós. Com todos eles, houve sempre alguma pergunta extra sobre algumas particularidades da etnia bijagós.

Foi uma tarde bem passada, pois, já tinha ido à Bubaque mas não tive a possibilidade de passar pelas suas ruas, e entre as casas, ainda por cima de mota, permitiu-me consolidar o que já tinha visto na minha primeira viagem à Ilha. A estrada de Bubaque é completamente diferente das estradas de cidade Bissau, pois, são colocados as conchas de ameixa misturado com o alcatrão. O piso é completamente bonito e diferente, apesar de pouca concertação e falta de investimento na construção de infraestruturas.

Há sempre um longo caminho a fazer, principalmente no que toca a infraestruturas, as pessoas e os seus corações estão bem conservadas e merecem mais respeito por parte dos atores políticos.



Imagem 16 Entrevistado - E4 Bijagó, Condutor

“Ika um son ku tem ku bali, tudo tem ku bali” (entrevista-15)

É o lema dele. Antes de o ter conhecido, já o acompanhava e sabia mais ou menos quem era e admirava-o imenso. Pois o slogan que ele transporta e transmite aos outros está carregada de mensagem de esperança e intimação a todos, num bom sentido, de que todos nós devemos valer alguma coisa, não deve ser só alguns, mas sim todos nós.

Esperei durante um mês para o poder ter à minha frente e conversar com ele sobre tudo o que é feito dele, a sua infância, juventude e vida adulta. Estivemos sempre em contacto, desde o dia que a Mimi partilhou comigo o seu contacto. E estive sempre à sua espera, pois estava pelas Américas e não só. O D., como é conhecido e também sabido que é o nome dos seus empreendimentos turísticos e desportivos, está sempre a viajar de um lado para o outro, é o homem que conseguiu colocar a bandeira da Guiné-Bissau ao mais alto nível no que diz respeito ao desporto de combate na América.

Quando ele chegou a Bissau, mandou-me logo uma mensagem no instagram a dizer que já se encontra em Bissau, e estava no Hotel Royal, um dos maiores e mais famosos hotéis da cidade. Nesse dia, tinha decidido não sair de casa, mas quando vi a mensagem, disse logo que ia para Bissau, os meus pais exclamaram, mas deixaram porque sabiam que eu ia por causa do meu trabalho da dissertação. Falei de imediato com o meu colega Alex, que me auxiliou a conseguir entrevistas com os homens pepéis.

Nesse dia, era dia de festa de Tabaski, o hotel estava cheio, quando chegamos ele veio ter connosco e sentamos na esplanada com vista ao palácio da República e Avenida Amílcar Cabral (Herói da Independência), haviam muitas crianças a passarem de um lado para o outro a pedir algumas moedas e a divertirem-se. Bebemos alguns copos e começamos a pôr conversa em dia, estivemos cerca de duas horas a conversar, mas ele não permitiu que falássemos sobre a dissertação, ou seja, a entrevista da qual tinha interesse em contactá-lo. Deixamos para o dia seguinte.



Imagem 17 Entrevistado - E5 Bijagó, Empreendedor

Quando chegou o próprio dia, encontramos num restaurante ao pé do seu ginásio que tem como nome “suku bissau”, durante a conversa ouvia-se de fundo o som da televisão e as vozes de pessoas que entravam e saíam, fomos interrompidos por três vezes, porque entravam pessoas que o reconheciam e dávamos pausa. Foi a entrevista mais longa de todas e mais divertida, permitiu uma maior proximidade e mais vontade de falar sobre as coisas que poucas

vezes nos dão oportunidade de falar. D. é um “gajo” fixe, desde aí passei a colaborar com ele em várias coisas sobre os seus projetos e na conceção de muitas ideias que tem. E a nossa entrevista foi muito bem conseguida.

4.3 Reflexões finais ou sobre fala e escuta

As conclusões a tirar desta investigação e em particular destas entrevistas com aplicação simultânea das técnicas de história de vida e observação etnográfica, podem ser várias e variadas, tendo em conta o tempo em que a investigação ocorreu e ao mesmo tempo o contexto atual que estamos a viver no que toca a produção de conhecimento sobre estas temáticas na Guiné-Bissau.

No que diz respeito a investigação que, como se pode notar, é inicialmente muito voltada para teoria e exploração de conhecimento de outros autores que debateram sobre estas temáticas possibilitando abertura de horizontes de investigação nestes temas. Conclui-se, neste aspeto que, há, por um lado, muita pesquisa e estudos feitos na área de género e masculinidades em África, mas pouca ou quase nenhum no que toca a masculinidade e emoções, no caso da Guiné-Bissau particularmente há mais falta de trabalhos voltados a estas áreas. Isto, acaba por desafiar a novos investigadores a criarem caminhos para que se possa analisar da melhor forma estas temáticas, partindo de uma conceção local produzindo conhecimento que poderá permitir a abertura para uma mudança social alicerçada.

Ao que se refere à pesquisa empírica, partiu de uma fase inicial de *re-entruzamento* do investigador no contexto (que é também o seu mas do qual esteve longamente afastado) após o que arrancou a fase de contacto direto com os 15 homens guineenses. A recolha de dados via entrevista possibilitou uma visão de dentro através dos relatos e da interação com pessoas que viveram as suas infâncias e juventudes noutras alturas da história do país de modo a poder melhor compreender os homens guineenses. Essa possibilidade permitiu compreender que há pouco conhecimento sobre a temática do género, foi pouco ensinado aos nossos pais e avós pertencentes a diferentes etnias, não só aos que foram entrevistados, mas também a outros, pois estes são só uma pequena amostra daquilo que pode ser o panorama mais alargado sobre o conhecimento que se pode ter em relação ao género. As semelhanças entre os entrevistados neste e noutras temáticas foi interessante, visto que os seus contextos de vida e culturais são bastante diversificados. Estas diferenças foram, porém, mais notórias na construção dos discursos e nos exemplos dados por cada um do que realmente nas associações de ideias e valores mencionados, que demonstraram uma homogeneidade bastante interessante.

Também se percebeu que os entrevistados valorizam muito os homens e que se representam todos como homens e machos embora com diferentes significações, conforme explorado atrás. Dizem valorizar sobretudo homens que demonstram as suas masculinidades pelo bem da sua comunidade, localidade e também pelo bem da sociedade e do país onde vivem. *Matchundadi*

ou masculinidade para estes entrevistados não pode servir como protesto para ferir a sensibilidade de outros ou até partir para a violência porque com as atitudes e comportamentos violentos ninguém consegue retirar daí frutos que poderão ser aproveitados por todos. Compreendemos que têm visões muito estereotipadas dos papéis sociais de homens e mulheres, mesmo a geração mais nova, *dos pais*, o que os faz, de um modo geral, encarar com forte desconfiança as mudanças sociais recentes assim como os valores promovidos pelo feminismo e igualdade de género que associam à crescente desestruturação das famílias.

Há uma certeza de que, homens no geral não são muito ligados a expressão das suas emoções, procuram a todo custo esconder-se daquilo que sentem ou demonstrar de uma outra forma. Pode-se concluir que, pelo menos, num discurso individual de cada homem encontramos aspetos que levam a esses homens a partirem do pressuposto de que eles conseguem lidar com as emoções e expressam quando sentem dor, tristeza, alegria ou amor, mas ao falarem de outras pessoas homens, notamos ausência deste tipo de afirmações. Ou seja, *“eu sei que faço assim e daquela forma, mas os outros não”*. Esta visão muito normativa dos *outros*, que expressa uma forte crítica ao momento social atual foi em alguns momentos desconstruída quando mais livremente recordaram o seu comportamento no passado, por exemplo relativamente ao consumo de álcool ou a relações afetivas/sexuais inconsequentes. Temos consciência de que esta postura derivou em parte da situação de entrevista em si, visto que apesar do investigador ser um jovem homem guineense, é também um representante da ciência e alguém que está à largos anos na Europa marcando assim uma diferença cultural com os entrevistados. O ponto 4.2 permite elucidar sobre esta questão, ao detalhar as posturas e atitudes durante a entrevista. Se por um lado foi relativamente fácil aceder a estes homens porque, como referimos, o investigador é guineense e acionou os seus contactos pessoais, por outro lado, as resistências de algumas pessoas – tentativas falhadas e adiadas - os discursos destes homens, e a própria postura corporal de alguns, registada em fotografia (Com a devida autorização dos mesmos), permite retirar a ilação de que houve uma construção discursiva adaptada à situação de entrevista gerada em cada caso. Ainda assim consideramos que os resultados obtidos são bastante fidedignos visto que com a larga maioria dos entrevistados se conseguiu construir uma relação de empatia, muito devido ao facto de o entrevistador ser também ele guineense e homem. Os contextos e peripécias narrados neste ponto permite também elucidar sobre as vivências quotidianas destes homens. Resta acrescentar que o investigador tem adicionalmente consciência da sua posição não neutra visto que é ativista em igualdade de género e masculinidade positiva. Procurou porém manter a neutralidade axiológica nas interações numa postura essencialmente de escuta dos homens entrevistados.

Há que reconhecer o esforço que foi embarcar neste desafio de trabalhar sobre estas temáticas nesta dissertação, intitulado-se assim de *“a (re)construção do género na Guiné-Bissau: masculinidades e emoções - Um contributo para os estudos de género africanos”*, abrindo

assim a possibilidade de se poder falar, debater e problematizar mais estas temáticas na sociedade guineense, de forma a podermos todos, mesmo que não estejamos no mesmo nível, estar conscientes sobre a necessidade de mudança de mentalidade a partir uma produção intensiva de conhecimento e também da prática dos mesmos. Espera-se assim com este trabalho contribuir para um primeiro olhar sobre os homens guineenses numa perspetiva intergeracional e de diversidade étnica. Pretende-se não apenas construir conhecimento científico passível de ser aprofundado como também devolver este conhecimento aos homens envolvidos e à comunidade guineense almejando assim sensibilizar para os temáticas da igualdade de género e da masculinidade positiva.

Referências bibliográficas

- Aboim, S. (2008), Masculinidades na Encruzilhada: Hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo, *Análise Social*, vol. XLIII (2.º), 273-295.
- Almeida, M., V. (1995), *Género, Masculinidade e Poder: Revendo um Caso do Sul de Portugal*, Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Almeida, M., V. (1995), *Senhores de Si - Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim de Século, Lisboa.
- Alonzo, P., & Silvera, R. (2000), Le Genre Masculin N'est pas Neutre, in *Travail, genre et sociétés*, La Découverte, 23-24, disponível em <https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-2000-1-page-23.htm>.
- Amâncio, L. (2003), *O género no discursos das ciências sociais*, *Análise Social*, 168, Lisboa, pp. 687-714.
- André, J., M., (2006), *Identidade(s), Multiculturalismo e Globalização*, Ed.APF (Associação de Professores de Filosofia), in XX Encontro de Filosofia: A filosofia na era da globalização.
- Barker, P., (2020), *A (R)evolução do Homem: Repensar a Masculinidades para o Século XXI*, Bertrand Editora, Lisboa.
- Beauvoir, S. (1980), *O Segundo Sexo*, Nova Fronteira, v.I, nºII. Rio de Janeiro.
- Becker, H. (1993) *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, Editora Hucitec, São Paulo, Brasil.
- Bívar, M., e Turé, S., P., M., (2018), Algumas considerações sobre o fim do Kaabu e as relações entre fulas e mandingas, *Revista Sintidus*, nº1, pp 21-40.
- Bono, E., L. (2014), *Muntuismo: A Ideia da Pessoa na Filosofia Africana Contemporânea*, Editora Educar, Moçambique.
- Bourdieu, P., (2002), *A Dominação Masculina*, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Boulaga, E., (1977) *La Crise du Muntu- Authenticité Africaine et Philosophe*, Présence Africaine, Paris, France.
- Brandão, A. (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- Broqua, C., & Doquet, A., (2013), *Penser les masculinités en Afrique et au-delà*, Cahiers d'études africaines, 209-210, disponível em <https://doi.org/10.4000/etudesafricaines.17229>.
- Butler, J. (1999), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, ed. Routledge New York and London.
- Campenhoudt, L, V.; Marquet, J., & Quivy, R., (2019), *Manuel de Investigação em Ciências Sociais*, 5ªEdição, Gradiva, Lisboa.
- Cardoso, C. (1995) *A Transição Democrática na Guiné-Bissau*, INEP, Bissau, Guiné-Bissau
- Cardoso, C., (2002), *A Formação Da Elite Política Na Guiné-Bissau*, Centro de Estudos Africanos - ISCTE, Lisboa.

Carvalho, A., M., & Faria, M., A., (2010), A Construção do Afeto na Educação, *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v.1, n.1, pág.1-12.

Connell, R. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.

Connell, R. (2002), *Gender*, Cambridge-Malden, Polity Press.

Dantas, A. R. (2016), Modelos Sociais de Felicidade, in *VIII Congresso Português de Sociologia*, “40anos de Democracia: Progressos, Contradições e Prospetivas”, 1-9.

Djaló, T. (2000), Lições e Legitimidade dos Conflitos Políticos na Guiné-Bissau, In Cardoso, C., Jao, M., Imbali, F., & Fernandes, R. (eds.) *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, 2 (2), Bissau, INEP, 25-35.

Elias, N. (1993) *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*, vol. 2, Rio de Janeiro: Zahar.

Elias, N. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Zahar.

Fontes, B. C. (2020). A entrevista biográfica na sociologia. *Revista Ciências Sociais e Humanas*, 32(3). <https://doi.org/10.5902/2317175837238>

Frenkel, R., (2008), Feminism and Contemporary Culture in South Africa, in *African Studies-67*, Routledge: Taylor & Francis Group, Disponível em: <https://www.tandfonline.com/loi/cast20>.

Gray, E., & Willmers, M., (2009), *Case Study 2: Feminist Africa*, Centre of Educational Technology, University of Cape Town, Cape Town.

Hochschild, A. (2011). The Presentation of Emotion. www.pineforge.com/upm-data/13293_Chapter4_Web_Byte_Arlie_Russell_Hochschild.pdf.

Januário, S., B., (2016), *Masculinidades Em (Re)Construção: Género, Corpo e Publicidade*, Editora LabCom.IFP, Covilhã.

Klann, D., J. (2018), Max Weber: Ação social e os tipos de ações sociais, *Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL*, Vol.1, nº8, 1-5, disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/>.

Koury, M., G., P. (2021), *Ensaio em Teoria Social*, Grem-Grei Edições, Recife, Brasil.

Lobo, A., & Miguel, F. (2020), “Homem é Tudo Igual!”: Relações de género e economia dos afetos no Arquipélago de Cabo Verde, África, *Anuário de Antropologia*, v.45 n.1, 192-212, disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.4963>

Lopes, C. (1982) *Etnia, Estado e Relações de Poder na Guiné-Bissau*, Edições 70, Lisboa, Portugal.

Lugarinho, M., C., (2013), *Masculinidade E Colonialismo: Em Direção Ao “Homem Novo” (Subsídios Para Os Estudos De Género E Para Os Estudos Pós-Coloniais No Contexto De Língua Portuguesa)*, Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vl. 5, nº10.

Lugarinho, M., C., (2017), Paradigmas confrontados: algumas masculinidades nas literaturas africanas de língua portuguesa, *Metamorfose*, pp:141-151.

Marques, N., (2021), *Os Homens Também Choram: História da Nova Masculinidade*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa.

Melo, W., C., (2019), “Ciência do afeto” e Clima Escolar: (Re)pensando as Masculinidades Negras na Escola Pública, *Revista Periferia*, Brasil.

Mendes, L. F. (2010) *Democracia na Guiné-Bissau: Por Uma Mudança de Mentalidades*, Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Coimbra.

Molinier, P., (2000), Virilité Défensive, Masculinité Créatrice, in *Travail, genre et sociétés*, La Découverte, 25-44, disponível em <https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-2000-1-page-25.htm>.

Moreira, J., K. (2017), *A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política, Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutora em «Estudos Africanos»*, ISCTE - IUL.

Mosher, D. L. e Serkin, M. (1984), "Medindo uma constelação de personalidade machista", *Journal of Research in Personality*, Elsevier, 18 (2): 150–163.

Mpasmadu, L., O. (2020), *Nação Afétéré*, Leon editora, Londres.

Musariri, L., e Moyer, E., (2020), Um homem negro é um homem encurralado: migração, precariedade e masculinidades em Joanesburgo, *Género, Lugar & Cultura*, disponível em: 10.1080/0966369X.2020.1855122.

Oliveira, I., M., & Gebara, A., (2010), Interação, afeto e construção de sentidos entre crianças na brinquedoteca, *Educação e Pesquisa*, v.36, n.1, pág. 373-387.

Oyéwùmí, Oyèrónké (2005), *African Gender Studies – a Reader*, New York, Palgrave Macmillan.

Oyéwùmí, Oyèrónké (2010), “Conceptualizando el género: Los fundamentos eurocéntricos de los conceptos feministas y el reto de la epistemología africana”, in *Africaneando – Revista de actualidad y experiencias*, Núm.04, 4ª trimestre.

Pereira, M. (2013), As masculinidades Coloniais no fim do Império Português: O ataque à Vila Alice, Luanda 1975, *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, vol. VI, NºXII, 125-149.

Programa de Mentoria (2021) *Mentoring the Future*, HeForShe de Lisboa, disponível em: <https://www.heforshelisboa.org/projetos/projetos-passados/mentoring-the-future>.

Projeto Muntu - Contrariar o Machismo (2021), *Mentoring In The Future*, HeForShe de Lisboa, disponível em <https://www.heforshelisboa.org/projetos/projetos-passados/mentoring-the-future/mentees>.

Quéré, L. (2021), *La Fabrique des Émotions*, PUF (Presses Universitaires de France), France.

- Ratele, K. (2008) Estudar homens em África de Forma Crítica, in *Masculinities in Contemporary Africa*, Uchendu, E., (Org), CODESRIA, Dakar.
- Reginatto, R., (2013), A Importância Da Afetividade No Desenvolvimento E Aprendizagem, *Revista de Educação do Ideau*, Brasil.
- Saleiro, S.; Sales O., C. (2018) Desigualdades de (cis e trans)gênero. Portugal no contexto europeu, In *Desigualdades Sociais. Portugal e a Europa*, 131-147, Mundos Sociais, Lisboa, Portugal.
- Santos, F., Shouten, J., M., & Augusto (2016), Família, Género e Saúde, in *Sociedade em Debate*, Augusto, N., M., (Edt.) Húmus, Famalicão.
- Scheff, T., J. (2001) Três pioneiros na sociologia das emoções, *Política e Trabalho*, n. 17, pp. 115-127.
- Semedo, O., C. (2010), "*Guiné-Bissau: História, Culturas, Sociedade e Literatura*", Nandyala, Brasil.
- Semedo, R., J., (2016) *Inventário sobre artesanato, dança e cantiga bijagós*, in O Projeto Bijagós, Bemba Di Vida.
- Serra, C., (2017), *O Que é a Masculinidade?*, Escolar Editora, Lisboa.
- Simões, L., (2003), *Grupos étnicos da Guiné-Bissau (Mandinga e Bijagós)*, in Babel Negra, INEP Guiné-Bissau.
- Stets, J. E., & Turner, J. (2006). *Handbook of the Sociology of Emotions*: Springer.
- Strathern, M. (1988), *The Gender of the Gift*, Berkeley: University of California Press.
- Suplemento ao nº 691 de «O Jornal» de 20 a 26 de Maio de 1988 – Os Descobrimentos e a Colonização da Guiné.
- Tavares, P., Guerreiro, S., Mazoni, N., & Pires, H., (2020), *Manual De Formação Sobre Violência Baseada No Género Na Guiné-Bissau*, Grupo Banco Mundial, Bissau.
- Thomas, F., N. (2015), Testemunhos de Violência num Registo Judicial durante a Ocupação Colonial no Norte de Moçambique, *Outros Tempos*, vol. 12, n.19, 236-247.
- Uchendo, E. (2008), Os Homens Africanos São Homens?: Esboço de Masculinidades Africanas, in *Masculinities in Contemporary Africa*, Uchendu, E., (Org), CODESRIA, Dakar.
- Uchendu, E., (Org), (2008) *Masculinities in Contemporary Africa*, CODESRIA, Dakar.
- WEBER, M., (2005) *Conceitos Básicos da Sociologia*. 4. Ed. Editora Centauro.

ANEXOS

Guião de aplicação do método historia de vida

Informações necessárias:

Eu chamo-me Mamadu Alimo Alimo Djaló, sou guineense da etnia fula, nasci em Bissau, vivi os meus primeiros 10 anos no bairro de cuntum madina, depois mudamos (eu e a minha família) para Gabú, onde estive até os meus 18anos, quando completei 18anos consegui bolsa de estudo para ir estudar cozinha em Portugal, depois do curso de cozinha, entrei para a universidade e licenciei-me em sociologia na Universidade do Algarve, e agora estou no mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais. Este ano é o meu último ano de Mestrado, e para conseguir esse título de Mestre optei por fazer investigação sobre Género, Masculinidades Africanas e Emoções. Por isso, estou aqui para lhe entrevistar, ouvir a sua história de vida e todas as experiência que passou ao longo da sua existência.

Declaração de consentimento:

Todas as informações recolhidas através da sua história de vida que nos irá contar servirão única e exclusivamente para a finalidade desta dissertação de mestrado que tem como título: *A (Re)Construção do Género, das Masculinidades Africanas e das Emoções: Estudo de Caso na Guiné-Bissau*.

Pretendemos com esta entrevista debruçar sobre três temáticas principais: género, masculinidades e emoções. Através destes temas queremos que nos conte a sua história de vida, desde que tem consciência de si, pretendemos gravar a conversa e também tirar fotografias. Aceita colaborar neste sentido?

Partes da conversa:

Esta entrevista vai percorrer três momentos: primeiro momento, perguntas e respostas rápidas; segundo momento, ouvir a sua historia de vida; terceiro momento, esclarecer algumas dúvidas.

Primeiro momento: por favor responde essas perguntas:

O que entende por género?

A qual género considera pertencer?

O que é para si ser homem?

O que é a masculinidades?

Como manifesta a sua masculinidade?

Como expressas as emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?

Segundo momento: ouvir a sua história de vida:

Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam? Tinha modelo de comportamento masculino com que se identificasse?

Sobre os mesmos aspetos, como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?

Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?

Terceiro momento: esclarecer algumas dúvidas:

Sobre a forma como vê homens e mulheres na sociedade guineense?

Sobre a forma como manifesta a sua masculinidade?

Sobre a forma como expressa as suas emoções?

Futuros contactos:

Estaria disponível para um próximo contacto acerca desta dissertação?

Muito obrigado

Sinopses das entrevistas
(organizadas por etnia e anonimizadas)

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Etnia Pepel		
Entrevistado: E1 Pepel, agente cultural, 46 anos de idade, pai de seis filhos, o primeiro filho tem 28 anos, o segundo 27 e o terceiro 26 anos.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Gênero	O que entende por gênero?	Quando se trata de gênero, está-se a falar de sexo, masculino e feminino. Quando alguém te diz algo sobre gênero o que vem logo a cabeça é saber distinguir o que é macho e o que é fêmea.
	A qual gênero considera pertencer?	Eu sou macho. Lógico.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Bem, por questões da Natureza, homem, independentemente de ser alguém que vem com o sexo masculino, é um ser que Deus dá um certo aspeto natural de ser sempre forte, rijo, duro, e de poder estar sempre à frente, de tomar partido de um ou outro assunto, de ser responsável, de estar sempre nas horas de defender, de proteger e de cuidar.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Bem, como homem, pai de 6 filhos. Neste caso, depois de ter casado tive mais três filhos e continuo a viver com os meus filhos até hoje. Independentemente de ter responsabilidade com os meus filhos também tenho outros filhos sob minha responsabilidade. Hoje na família, aqueles que ontem diziam “é mais <i>um</i> seu pai, só engravida as raparigas, é um bandido”, aqueles que sempre me viam como alguém que não daria certo na vida, hoje já me vêem com olhos diferentes, porque apesar de não ter sucesso, mas também a minha vida não está fora daquela linha de ter uma família de respeito, educada e organizada. Acho que aquele padrão da família consegui atingi-lo e vivo com a minha mulher e os meus filhos, respeitamo-nos uns aos outros, felizmente até aqui. Portanto, esta avaliação podia ser de fora para dentro, tanto podia me gabar e as pessoas acharem ao contrário, mas graças a Deus, nestes quase 20 anos de casamento, mantenho sempre aquela postura de homem casado, com a minha aliança que ainda tenho até hoje, casei-me civil e pela igreja, muito jovem, que na altura muitos não tinham coragem de casar, mas mesmo assim segui em frente e casei-me apesar de todos os obstáculos que se vivia naquela altura.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Masculinidade (<i>matchundade/homindande</i>) é uma terminologia que é utilizada muitas das vezes quando é preciso alguém estar firme para tomar alguma decisão, na hora de estar firme para defender alguma coisa onde a família precisa de alguém para estar firme e essa pessoa afirma, por exemplo: “ <i>eu estou aqui para defender a minha família, ou estou aqui para defender aquilo que é a minha pertença ou estou aqui para mostrar que não admito qualquer tipo de mal ou abuso à minha família ou a minha propriedade ou a alguma coisa que eu tenha.</i> ” Portanto, a palavra masculinidade, a famosa palavra masculinidade, independentemente do sexo que às vezes as pessoas assumem “ <i>está a mostrar a sua masculinidade</i> ”, num sentido mais ou menos social, é mostrar dureza, mostrar pulso noutra pessoa. É alguém que tem palavra, que é ousado a assumir uma certa postura e diz-se “ <i>é macho</i> ” tem coragem de fazer alguma coisa. Um homem corajoso, por exemplo.
	Como manifesta a sua masculinidade?	Eu sou uma pessoa que considero muito sensível ao meu lado emocional, por exemplo, quando morre uma pessoa que muito estimo e que é muito jovem choro sempre, mas também quando estou muito contente choro. É um aspeto que para mim não é uma fragilidade. Muitas das vezes diz-se “ <i>ah tu és homem, os homens não choram muito</i> ”, mas para mim isso não existe, se me der para chorar choro. Mas não é sinal de que quando se chora não é homem ou não tens coragem, mas penso que Deus me fez assim, tão frágil em termos de lidar com as minhas próprias emoções. Quando estou muito contente, choro, quando estou com muita dor também choro. Lembro-me que a minha mãe dizia que quando eu era criança era muito irrequieto, batiam-me, eu chorava mas não conseguia verter as lágrimas, porque eu gritava para espantar as pessoas para pensarem que estou a chorar só para me soltarem, e quando me soltam desato a rir, mas hoje é ao contrário, hoje choro muito.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Manifestação de masculinidade é mesmo visível, mesmo em termos de diálogo percebe-se que estas duas pessoas quando falam uma delas demonstra uma superioridade em termos de força: “ <i>eu sou homem, ela querendo ou não tem que me ouvir</i> ”, quer dizer que mulher por mais que queira ser tem que se submeter porque é o homem que está a falar e ela tem que ouvir. Alguém fala e não permite que a mulher dê a sua opinião, quer dizer: “ <i>eu digo isso, esta é a minha visão e é assim que tem que ser</i> ”. Por outro lado, tens um conjunto de elementos que vem atrás: “ <i>tu aceitas isso, é a mulher que manda em ti</i> ”, podemos até sentar e a discutir um certo assunto, quando alguém assume que vai perguntar primeiro a sua mulher antes de decidir, ouve-se logo: “ <i>não vês, é a mulher que manda nele, tem medo da sua mulher, tudo o que combina fazer com ele como homem, ele vai logo perguntar a mulher</i> ”. Eu posso ir perguntar a minha mulher e outra pessoa também deve fazer o mesmo, se isso é bom para elas então melhor ainda. Então a nossa sociedade é construída dessa forma, masculinidade e machismo passa-nos logo a cabeça nas primeiras horas das nossas ações em assumir que somos homens, se a mulher está aí ela terá que responder só depois.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Bem esta parte é um bocadinho diferente, pois nunca verti lágrimas por amor. Mas, tanto ao nível de relações amorosas, de amizade ou familiar sempre que sinto algo emocional relacionado ao amor, encaro e entrego tudo, sempre. Nunca vejo logo alguém e começo a agir com um psicose na cabeça e dizer “ <i>talvez se eu me entregar tudo posso vir a sofrer depois ou então nesta amizade que construo e confio tanto na pessoa e da qual fiz muita coisa amanhã posso vir a ser traído</i> ” não vejo nada em relação à isso até ver a prova contrária. Gosto muito de encarar qualquer ser humano de coração aberto, na medida em que acho que sou para ti é exatamente o que espero que seja para mim também, se for menos daquilo que espero, não muda nada.
		Nasci numa família pobre, muito humilde, em uma casa de palha onde a varanda não está pavimentada. Vivi ali muitos anos, para ter uma roupa nova só é possível na festa do natal ou no final do ano. Então aceitei sempre viver ali, aprendi os valores humanos com a minha avó e a minha mãe. Segundo dizem, o meu pai, depois de engravidar a minha mãe, disse que não era responsável por isso, daí a minha avó me ter dado o nome de “Negado” (ou seja, recusado). Mas sempre a minha avó gostava de dizer “ <i>se satres o teu pai, vais cansar</i> ” porque para elas, o meu pai era muito mulherengo. Mas eu, durante a minha adolescência que eu recorde, não fugi desse caminho, jogo bem a bola, jogo bem xadrez, sou um bom aluno, de maneira que tinha muita procura, tanto ao nível das meninas assim como amor de família. Tinha sempre uma atenção especial na comunidade, de maneira que tinha muitas amantes naquela fase, independentemente dessas coisas que tenho como dom. Então cresci num bairro com a mentalidade naquela altura era uso de força, é preciso ter coragem para viver em Bandim, para poder ser alguém e ser sempre chamado. Então eu sou uma pessoa que nunca deu costas a nada, de maneira que sempre estive nos lugares da tomada de decisão, cresci sempre com pessoas que me ouvem, a maneira como falava, a forma como estava com os meus colegas, despertava uma certa atenção a pessoas mais velhas que eu e a colegas para me aceitarem, não diria como líder, mas como alguém que dão ouvidos, tanto na hora de ir jogar futebol como na hora de organizar festas ou organizar qualquer coisa, sempre sou chamado. Estive sempre no lugar da tomada de decisão dos meus colegas e das pessoas mais novas que eu e também dos mais velhos. Chegou um determinado momento, os mais velhos me convidaram para ser presidente de um grupo que era chamado “ <i>Docolma</i> ” e era um grupo dos nossos mais velhos. Mas tanto a minha capacidade de organizar, de conversar, de interagir, de conseguir dirigir os meus colegas, eles acharam que

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

	<p>Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?</p>	<p>devia ser presidente do grupo. Chegou uma altura, entre 1992 para frente, em que tinham problemas de liderança no grupo, então deram-me a possibilidade de organizar um piquenique que se fazia naquela altura no Alto Bandim, e nesse piquenique que consegui fazer, todos me ouviram, os mais velhos e os meus colegas também, respeitam as regras que foi criada. A partir daí eles próprios disseram <i>“como todos nós respeitamos o Negado, então vamos colocá-lo como presidente do grupo”</i> e o Grupo Docolma ficou durante muitos anos e depois veio a ter uma equipa de futebol chamado também “Docolma” que, posteriormente, eu era jogador, também fui presidente da equipa. Então, de um certo modo, vivi, não diria com dom, mas com um sentimento de ser um líder, de ser um responsável, uma pessoa que dirige, uma capacidade que Deus me deu para lidar com os seres humanos. Apesar de ser mais difícil lidar com os animais do que seres humanos, mas Deus me deu isso como que um dom para viver com eles. Na igreja católica onde também cresci, decidi abrir um núcleo com a autorização do Pároco na altura que também gostava imenso de mim por ver sempre o que fazia dentro do grupo de jovens, no grupo coral, aceitou logo que abrisse um Núcleo de Catequese no Bairro de Bandim. Abrindo esse núcleo de catequese, nasceu o que são hoje duas comunidades: São José de Bandim, que é uma comunidade e São Leonardo Murialdo, que é outra comunidade. De facto, existia muitos cristãos naquela zona, mas eu fui o mais corajoso para seguir com essa vontade de abrir um núcleo de catequese para aquelas pessoas que não tinham possibilidade de ir a igreja por causa de uma ou outra coisa, e acharam que era mais acessível ir a nossa casa, porque tínhamos uma escola onde recebíamos as pessoas. Mas as Quinhentas e tal pessoas que participavam naquela catequese, conseguíamos gerir um ao outro, tínhamos sempre um caminho que andar. Alturas tantas eu estava a ficar sem tempo para continuar aquilo e o padre também achava importante criar e dinamizar aquela comunidade, depois aqueles alunos foram direcionado para aquela comunidade. Portanto, é mais ou menos essa a minha história de lidar com essa parte da construção da masculinidade, de mostrar-se macho dentro da comunidade, mas num sentido positivo, onde não é questão de força mas sim uma questão de carácter que está em causa, demonstrar que sim, é possível através de um entendimento coletivo, a partir de uma busca pela solução para todos nós, poderá agradar-nos a todos. Nunca pautei sempre pela violência, apesar de ser sempre um irrequieto, mas sempre usei arma de diálogo para resolver problemas. Às vezes acontece conflitos entre os bairros, porque o bairro de Bandim é um bairro muito problemático e conflituoso, mas sempre o Negado está presente para sanear os conflitos. Não só no bairro de Bandim mas nos outros bairros também sou sempre visto como um elemento importante e recebo queixas de pessoas que dizem: <i>“olha o pessoal do teu bairro é isto e aquilo etc...”</i>, e consigo ser sempre elo de ligação entre diferentes faixas etárias e entre diferentes personalidades da comunidade.</p>
<p>A formação da masculinidade</p>	<p>Tinha modelo de comportamento masculino com que se identificasse?</p>	<p>Bem eu me revia muito no meu avô, pai da minha mãe, mas não cresci com ele, só que é uma pessoa que eu admirava imenso porque tinha muitas mulheres e muitos filhos, mas nunca se ouvia algum problema na casa dele, é alguém que quando falava todos ouviam e cumpriam. Quando ia passar férias na casa dele, não diria que o imitava, mas percebia que os ensinamentos dele e a sua forma de estar, que se eu falar, agir ou copiar a sua forma de estar daria certo nas minhas decisões. Mas depois a minha avó, tanto que gostava de mim, impedia-me de fazer certas coisas, como as que considerava trabalho de mulheres, por exemplo, cozinhar, pois, tínhamos muitas mulheres em casa e ela dizia sempre que era trabalho para as meninas. Jogar a bola, sim, ir dar recados ou fazer pequenas comprar isso sim, ou ir atrás dos meus tios para as bolanhas para o cultivo, trazer palhas para cobrir a casa etc... fazia com muito gosto e sem que me tenham dito. Se via pessoas a fazerem ia também fazer porque gosto muito de aprender, mas quando ia para a cozinha diziam que é trabalho das mulheres, bem isso era a mentalidade delas na altura. Hoje, não sei fazer, bem que gostava mas não tenho maneiras. Então esses ensinamentos que a minha avó me passou, mostrando sempre qual é o lugar do homem, que devo sempre estar aí e falar, apesar de ser o mais novo, porque sempre gosto de perguntar, de conversar com o meu avô, de neto que para ela, dispensa tudo, se dizes Páscoa, perguntam logo <i>“Páscoa de Negado?”</i>. Ela é chamada de Dona Páscoa, o nome dela é Páscoa, tanto que quando perguntam por mim basta dizer Negado da Dona Páscoa. Se dizer Negado da Augusta (que é a minha mãe) ninguém consegue identificar, mas se dizer Negado da Dona Páscoa sabem logo. Hoje se dizes Negado de <i>Netus de Bandê</i> (um agrupamento cultural de Bissau), todos sabem, mas se dizes Negado da Augusta ou Negado da Dona Páscoa, ninguém sabe. Mas antes tanto na família como na comunidade quando dizes Negado sabem logo que é Negado da Dona Páscoa, que é a minha avó, porque é uma mulher muito conhecida e destacada na comunidade. Na nossa casa em Bandim tínhamos muitas árvores de manga, um espaço enorme, e também uma fonte, todas as fontes de água podia secar na comunidade mas a nossa fonte não fica seca, e as pessoas vão lá buscar água na fonte da Dona Páscoa, os mais novos diziam Tia Páscoa, os mais velhos diziam Dona Páscoa, e eu dizia Tatá, porque não sabia dizer Páscoa. E depois o espaço enorme que tínhamos na nossa casa recebia jovens e estava sempre cheio de gente, jogavam a bola nesse espaço. Quer dizer na nossa casa tínhamos sempre pessoas ali e é um espaço que sempre recebeu pessoas. Independentemente disso, os pais dela (a minha avó) eram os primeiros Régulo do Bairro de Bandim, de maneira que a sua linhagem é mesmo daqueles primeiros chefes tradicionais do bairro, e ela enquanto mulher não fez parte dessa realeza, mas continuou com aquele espírito de ser responsável, de ser líder, ela era ouvida na comunidade, se houver algum problema entre casais ela era sanadora dos conflitos e depois contava-me tudo o aconteceu, e partilhava comigo a experiência da resolução de cada conflito. Então adquiri aqueles conhecimentos e aprendizagens com ela, e isso ajudou-me tanto na resolução de conflitos entre os meus colegas recorrendo ao ensinamento que a minha avó me passava para tentar que haja entendimento na comunidade. <i>“Então o seu modelo na altura era mais a sua avó?”</i> Sim, o meu modelo é mais a minha avó, e o meu avô é um dos, mas mais a minha avó. <i>“Na altura tinha quantos anos?”</i> passei todo o tempo com a minha avó. A minha avó morreu em 1992, e eu nasci em 1976 (16 anos), e passei todos esses anos com a minha avó, vivíamos na mesma casa e partilhávamos quarto, só quando fui circuncisão é que me deram um anexo, o meu próprio quarto.</p>
	<p>Como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?</p>	<p>Como te disse, sempre a minha avó dizia <i>“se saíres o teu pai, vais te cansar”</i>, porque o meu pai, segundo dizem, era muito mulhengo e tinha filhos com muitas mulheres, mas eu não passei ao lado desta situação. Quando estava a crescer e a namorar também tinha muitas namoradas, cresci assim desde a escola primária e secundária, e depois comecei a engravidar as miúdas em 1994, 1995 e 1996, com três miúdas diferentes e durante esse período não tinha ninguém como suporte na família, pois, a minha avó já tinha morrido em 1992, e a minha mãe nunca me queria ver nesse estilo de vida e percebia que ela não gostava de mim e era muito dura comigo. Só depois de ganhar consciência de que não tinha ninguém para me ajudar a cuidar das crianças e das suas mães também, e não queria também deixar as crianças assim sem nenhum cuidado é que comecei a puxar por mim e tive que ir procurar a todo o custo para poder cuidar das crianças. Entretanto, comecei a despertar a atenção de que tanto número de namoradas que estava a ter não me iria ajudar em nada e em ser um bom homem, comecei a mudar o meu estilo de vida, e depois aconteceu o conflito político-militar de 7 de Junho de 1998/1999. E nesse conflito como seria possível juntar os meus filhos, cuidar da minha mãe e os meus irmãos mais novos, seria quase impossível, o que consegui fazer foi juntar os meus dois filhos, e o meu segundo filho foi com a mãe para Bombo e nós fomos em Prábis. E fiquei nesse sistema de gerir aqui e gerir ali. Então isso ajudou muito na minha maturidade, de maneira que depois do 7 de Junho, terminei com a segunda mulher que engravidei e depois terminei com a primeira mulher que engravidei, e fiquei com a terceira mulher que engravidei. As duas primeiras decidiram casar e eu tomei também a decisão de casar em 2005 com a terceira mulher que engravidei com quem estou até hoje. Portanto, passei de uma fase de provar, de testas a mim próprio ou de mostrar que podia conquistar todas e ficar com elas, mas a estrada da vida me veio a mostrar que ficar com todas não me levaria a lado nenhum, e acabei por ficar só com uma, com quem casei e com quem estou até data presente.</p>

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

<p>A visão sobre homens e mulheres</p>	<p>Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?</p>	<p>Bom, a Guiné-Bissau tem uma sociedade onde o machismo fala mais alto, e há um aspeto muito complicado que veio em certos entendimentos dos grupos étnicos do nosso país que hoje está muito enraizado na nossa sociedade. Por exemplo, no grupo étnico pepel, que eu pertença, as reuniões de tomada de decisão são sempre homens que falam e estão na linha de frente e quando uma mulher quer assumir o discurso dizer logo: <i>“cala-te, tu és mulher, não fazes parte”</i>. E essa mentalidade conseguiu estar na cabeça de muitos homens por mais que se socialize ou se tenha formação, mas vem sempre na mente que é o homem que tem que tomar decisão, deve estar em frente na cama, deve comer a parte boa num prato de comida e as mulheres também são passadas os mesmo elementos, e mesmo nos casamentos tradicionais as mulheres ensinam as noivas a serem submissas, servir e respeitar o marido, não são ensinadas que serão parceiras e/ou parte complementar do marido e devem-se apoiar mutuamente e devem-se ouvir um ao outro e devem-se respeitar. Mesmo que o marido falhe em aspetos centrais entre casal, quando a mulher quer assumir discurso é logo dita <i>“tu és mulher, senta-te”</i>. Então essa mentalidade fez com que a sociedade guineense torna-se cada vez mais machista, pois homens deveriam ter um pensamento contrário daquilo que a sociedade prega e devem pensar que as mulheres são parceiras e companheiras, que quando quero tomar certa decisão devo consultar a minha mulher <i>“olha quero comprar uma coisa, ou quero matricular o nosso filho numa certa escola, achas bom ou não”</i>. Muitas vezes não passamos por isso. Até eu pessoalmente, já tomei tantas decisões sozinho sem consultar a minha mulher, e a minha mulher também acaba por aceitar o que lhe apresento, mas outras vezes não. Mas isso acontece porque muitas vezes as mulheres já vêm com esse pensamento de que a ideia do marido é para se aceitar, aqueles conselhos que são dadas desde criança. Apesar de que as mulheres de hoje, que estão a se formar, já estão a compreender e a ter ideias diferentes em relação a este fenómeno. E já encaram esta questão de uma forma diferente, pois, se o homem coloca 25francos e a eu (mulher) coloco 25francos, então ele não tem de mandar, temos sempre que comungar e partilhar as ideias para um interesse superior sobre assunto do lar e dos filhos. Penso que a nossa sociedade daqui há mais 10 anos podemos vir a ter uma mentalidade um bocadinho melhor. Apesar de que, muitas mulheres hoje com capital económico elevado acabam por fazer vida negra aos seus maridos, conheço muitos caso em que quando o homem tem menos capacidade económica do que mulher, a mulher acaba por ser a dona da família e nem há entre eles o componente de diálogo, a mulher acaba por decidir tudo sem consultar o marido.</p>
--	--	--

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado- E2 Pepel, reformado, 64anos e 4 filhos		
Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género? A qual género considera pertencer?	Existe género masculino e feminino. O que pertença, penso que é masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Bom, na vida, homem em relação a mulher, Deus criou homem para proteger a mulher, isso é que valor de um homem. Para qualquer criatura, homem é detentor de tudo.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Agora que sou adulto já tenho outra noção de vida. Deixei tudo, de andar ate altas horas ou até madrugada para voltar a casa. Agora depois de ver o telejornal é ir logo para a cama. Como me vês neste momento, quando volto, tomo banho, vejo telejornal e vou logo para cama e deito-me. <i>Como é que você se descreve como homem, ou seja que tipo de homem é?</i> Bom, eu, não me quero gabar, mas sou um homem certo porque não gosto de problemas e não gosto de barulho ou desavença, e não quero nada com ninguém porque isso tudo contribui para a parte negativa, se alguém não te poder fazer mal procura sempre fazer ao seu filho, e essa sociedade brutal, eu não quero, evito, estou sempre sozinho em minha casa. Quando recebo visitas compro vinho e bebemos, quando chega a hora peço que as visitas retirem e eu vou para a cama, eu tenho horas limitadas, quando acaba o telejornal vou logo dormir.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Masculinidade (Matchundade) é quando referimos a alguém valente. Um valente que quando o vemos a passar podemos dizer <i>"ah ele é Matchu"</i>
	Como manifesta a sua masculinidade?	Quando estava a crescer, era para ir à guerra, mas entretanto acabou a guerra. Talvez se fosse podia demonstrar uma outra valentia na minha vida. Mas acabou a guerra. Depois comecei a ir a escola, e depois da escola trabalho. Não tive nenhuma outra reivindicação ou outra coisa para entrar em choque com alguém ou brigar com alguém, nunca. Mas perante a sociedade, no meio dos meus colegas sou uma pessoa querida, todos os meus colegas gostam de mim pela minha maneira de ser.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Bom, somos diferentes na forma de estar e pensar. Porque há homens que quando chegam num determinado espaço público é que começam a mostrar as suas masculinidades (Matchundade) começam a se gabar e mostrar que são reis ou as mulheres também quando chegam a um determinado espaço começam a se revelar como rainhas. Mas há homens retos, que não têm problemas na vida, quando chegam a um determinado espaço nem se notam as suas presenças porque sabem viver no meio público, mas outros que não conhecem e não sabem viver no público chegam e passam e pesam que estão a fazer boas coisas mas não sabem que aquilo é demonstração de <i>gintiundade...</i>
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Bom, eu quando estou nervoso de repente, tem momentos que eu erro, não consigo dominar os meus nervos, tem também momentos que consigo dominar mas com intervenção de pessoas que me pedem <i>"deixa, deixa"</i> , consigo libertar e deixo.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	No momento, quando estávamos a crescer tínhamos aquela guerra entre colegas. Nunca, não me estou a gabar, mas perante os meus colegas eles gostam de mim, por causa da minha boa maneira. Eu, quando brigo, nunca brigo a minha própria briga, estou sempre a brigar a briga de outros colegas, estou sempre a defender pessoas, por isso é que os colegas gostam de mim. Porque sempre cresci com um físico robusto, estava sempre bem, conseguia dominar os colegas e depois disso passei na oficina, eu sou celeireiro. <i>Isso tudo foi quando era criança?</i> (não, depois de já estar a ser adulto). <i>Aqui nesta parte pretendo saber como foi a sua infância.</i> Bem a minha infância é só aquela brincadeira, lutar etc... Nós, os pepéis, quando éramos crianças vamos sempre pescar, nadar, brigar aí. Quando uma pessoa apanha muitos peixes em relação aos outros colegas, é aí arranjam sempre maneira de roubar e aí começa a briga. Aquelas coisas todas acontecem sempre, esperamos sempre um ao outro no sitio de pescar é também onde brigamos, a essa hora (da entrevista) já estávamos aí. Aquele tempo a água lagoáva e saia quente saía do central e é aí que íamos tomar banho e brincávamos ate a noite e cada um vai a sua vida. Às vezes a noite vamos roubar cana no lambico para mastigar, as canas que os pepéis, os meus avós, lavraram, vamos a lá a noite, apesar de terem guarda, mas nós furávamos os arames, cortávamos as canas e íamos mastigar a metrologia (espaço de lazer). Eu era muito irrequieto na infância. <i>É qual é a historia que me pode contar sobre homens que estava a sua volta?</i> Naquele tempo o mundo era maravilhoso, não é como hoje. Toda gente era família, às vezes implorava-se para que as pessoas possam comer, as pessoas estavam bem e saudáveis, no tempo colonial, não é como hoje aqui na Guiné-Bissau que há muita canseira. O mundo era maravilhoso, pessoas fortes e estavam bem. Alguém implora para que possa comer, ofereciam dinheiro. Vida de primeiro não é igual a vida de hoje. Vida de hoje é só castigo.
	Como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Naquele tempo é só ir a discoteca, ir a cinema, ir atrás das miúdas. A esta hora (da entrevista) toma-se banho e ia-se atrás das miúdas até de madrugada é que se volta a casa, se houver um espetáculo vai-se até de manhã e depois dormia-se um bocadinho, toma-se banho e vai-se para a escola ou então para o trabalho. <i>E como vê homens daquela altura?</i> Homens daquela altura e o mundo era diferente do que agora, eles eram bons e não é como agora, atualmente as pessoas são más. Alguém via uma criança a se portar mal na rua batia-se nela para repreende-lá mas agora não se faz isso, quando bates numa criança hoje os pais perguntam logo <i>"tu é que sustentas a minha criança"</i> . Mundo de primeiro quando via colega do seu pai fugias, pois, se ele te vir num mau caminho batia-te para te tirar nesse mau caminho. Mas hoje até os sobrinhos são capazes de roubar um copo de vinho ao tio e não se passa nada. Havia respeito, mas agora já não há respeito, civilização de antigamente não é igual a de agora, o que há agora é bacaria que as pessoas fazem.
A visão sobre	Como vê homens e mulheres na	Bom, eu não posso dizer nada. Às vezes é a canseira que leva as pessoas na corrupção, porque muita gente não é fiel hoje, porquê? é a situação da vida e a canseira que leva as pessoas em muitos maus caminhos e que não é normal, posso dizer que mundo de hoje é diferente do mundo de antigamente, porque hoje é um mundo de corrupção, todas as pessoas são corruptas hoje porque o nível da vida faz mais nível de Pobreza, número de pobreza é maior e leva as pessoas a entrarem em muitas situações que não são normais porquê? Por causa da barriga, só a procura

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

homens e mulheres	sociedade guineense?	de comida. Há muita fome que leva as pessoas em más situações mesmo se vão passar mal, mas porquê, por causa da fome, por causa da barriga. As pessoas estão a sofrer, não há emprego, não há nada. A política estragou todos os problemas na Guiné-Bissau hoje. <i>E como é que vê a relação entre homens e mulheres na sociedade guineense?</i> Bom, há bons homens e maus homens. Assim também há más mulheres e boas mulheres. Dizem hoje que há muita violência contra as mulheres, mas a diferença que consigo ver atualmente é que as mulheres são mais criminosas. Os crimes que as mulheres fazem são imensas, as mulheres matam mais homens do que os homens a matarem as mulheres.
-------------------	----------------------	---

Entrevistado – E3 Pepel, reformado, 65 anos e 6 filhos		
Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Género, são dois. Masculino e feminino. Género vem de sexo. Sexo masculino e feminino.
	A qual género considera pertencer?	Pertença a género masculino
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem vem de animal. A palavra homem vem de animal. Homem é um animal e um ser humano. Dentro de Ser humano, existe ser humano masculino e ser humano feminino.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Quando me casei coloquei em mim a responsabilidade de que já sou responsável de mim próprio, autónomo de mim próprio. Eu é que dou o que comer a minha mulher e aos meus filhos, qualquer problema que surgir tenho que assumir para resolver. <i>(e que tipo de homem é?)</i> bom, eu sou leal, homem verdadeiro, que não gosta de errar, ou se errar procuro me arrepender e reconhecer o meu erro.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Masculinidade/matchundadi, por exemplo, é quando me diz que você é macho, é quando você tem sexo que pertence ao género masculino. Macho, normalmente é português, mas em Kriol, esse é quem, é macho ou fêmea?, quer dizer pertence a género masculino.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Atitudes, não é? são atitudes. Bom, as minhas atitudes é que sou um homem calmo, não gosto de problemas e nada de barulho. Normalmente quem é calmo é alguém bem educado e que segue regras, regras sociais, segue regras da sociedade, como deve lidar com a sua própria pessoa e com os seus companheiros na sociedade. Por exemplo, o que não quero para mim, não devo fazer a outra pessoa. E o que alguém não quer para si também não deve fazer isso a outra pessoa. Então é isso a minha atitudes, sou alguém calmo, simples e é difícil me encontrar em problemas.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	O homem atual é cruel, bravo, selvagem ao todo. O homem atual é selvagem, porque o que se vê agora homens a fazerem atualmente, os homens de antigamente não faziam. Significa que o mundo deu retaguarda, porque a História contou isso, “o pilar de onde saiu o homem, ele dará marcha-ré para voltar a mesmo sítio”. Se notares, o mundo em si, baralhou completamente.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Bom, se eu estiver triste, torno-me mais calmo ainda e mais bem concentrado naquilo que faço. Também quando estou alegre me divirto com todas as pessoas, torno-me naquele momento homem de paz, torno-me pacífico.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Homem atual é o homem mais selvagem que há, homem agressivo. Antigamente não era assim, homem era bem educado, não vai se expressar mal no meio das pessoas. Criança mandar insultos no meio dos mais velhos, de onde é que saiu? Será punida. Por isso é que te disse que a educação antes e agora é totalmente diferente. Mas vê a selvajaria. Isso que estamos a ver aqui (aponta para as crianças)...
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Bom, a minha infância, como eu cresci? Cresci à volta de pessoas grandes, pessoas bem educadas, socialmente bem educadas. Normalmente, quando se cresci nesse tipo de meio, com pessoas educadas, calmas, também cresces daquela maneira, porque crescestes no meio de pessoas educadas, calmas e que não querem nada de problemas. Mas se cresces no meio de pessoas brutas e que fazer aquelas coisas de brutasco, quando digo bruto é alguém mal educada, que não tem uma educação correta. Então, normalmente, na infância, conforme se cresce com um tipo determinado de pessoas, segues a tendência desse tipo de comportamento. Se são pessoas bem educadas dentro daquele meio, normalmente é assim que cresces, mas se for crescer no meio de pessoas mal educadas, barulhentas, sempre em problemas e insultuosas, normalmente estás a aprender, porque quando cresces estás automaticamente a aprender com os mais velhos, com as suas atitudes no meio onde vives. Então eu cresci num meio onde as pessoas eram bem educadas.
	<i>Qual é o modelo de homem que você seguia?</i>	Bom, modelo de homens, quer dizer na sociedade os homens são diferentes. Cresci vendo pessoas que sempre querem problemas, muito barulhentas. Também cresci no meio de pessoas calmas e que não querem nada de barulho. É o que eu vivi quando estava a crescer, no meio de pessoas diferentes, algumas barulhentas, outras calmas. Então era a sociedade que eu via na altura.
	<i>Como lidava com o seu pai ou o seu avô?</i>	Bom, a educação dos meus pais, é de pessoas que me educaram num bom caminho, por isso cresci também num bom caminho, porque me davam orientações de seguir coisas certas, do tipo não sigas esse caminho, é mau caminho ou segue esse caminho será bom para ti. Então eu simplesmente segue os seus conselhos.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	A minha vida era vida simples, <i>(não ia a discoteca?)</i> naquela altura não tínhamos discoteca ou ficar até as tantas. <i>(Não vê?)</i> É esse tipo de sociedade. Alguém corre e se roga e vias tentar tirá-lo daí. Até já perdi o raciocínio. <i>-Eu repito, sem problemas;</i> ahn, esse rapaz mais velho, tem algum problema mental, e as crianças lhe ficam a gozar e a mandar pedras é por isso que vê ele a correr atrás do outro. continua). <i>Estava a perguntar como era a sua juventude, o que fazia e como lidava com homens daquela altura e os seu colegas?</i> Na minha juventude eu era muito calmo, perguntaste se eu ia a discoteca, certo?, <i>(sim)</i> , não havia isso no nosso tempo, porque eu nasci em 1956, naquela altura não havia discoteca e nem sítios para ir ver filmes, até quando estava a ter 20 e tal anos para 30 é que comecei a ir ver filmes no UDIBE, no UDIBE lá em baixo. Filmes naquela altura tinha escalões, eram consoante as idades. Havia filmes para crianças, que era matiné, que começavam às 17 às 19 horas; haviam filmes para maiores de 18anos, que começavam às 20, 21 e até 22horas saíam; e haviam também filmes para maiores de 25 anos que começavam às 22, 23 e até 00horas. Naquela altura, os brancos educavam as pessoas consoante as suas idades, não é como agora que se vê crianças a verem novelas e aprenderem maus atos, por isso é que a educação daquela altura e educação de agora é diferente. De maneira que cresci assim, os meus pais não dormem primeiro para eu depois bater a porta para entrar. <i>(silêncio a escutar a resolução do problema entre o jovem e a criança.</i> -sabes, este jovem, tem problemas mentais mas não arranja problemas a ninguém. Agora os miúdos desta terra ficam-lhe a gozar, ele fez 12º há um bom tempo, mas depois veio a ter problemas. É assim, os miúdos... -pois, são muito irrequietos. - mas isso veio de quê? Má educação). Então é assim, cresci assim, e isso tudo veio de quê? Vem da educação que adquirimos. Aquele tempo não é como agora. Vê-se agora um jovem com de 17, 18anos e já tem filhos. <i>MAMADU MALMOEDJALÓ MALMOEDJALÓ</i> , <i>(o seu primeiro filho?)</i> , sim o meu primeiro filho nasceu quando eu tinha 42anos. <i>(mas antes de se casar tinha namoradas ou não?)</i> Não. E está ali a minha primeira namorada, <i>(é a sua primeira namorada?)</i> casei-me logo <i>(e vieram a ter filho quando tinha 42anos?)</i> , sim, com 42anos. Vês, a educação daquela altura...

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Atualmente ou? (<i>sim, atualmente</i>). A sociedade está baralhada, está completamente baralhada, tanto as mulheres como os homens. Antes as mulheres não bebiam álcool, mas agora as mulheres é que estão na frente mais do que homens. Mas antigamente, no tempo em que eu estava a crescer, não era assim, os homens é que bebiam, mas bebiam com consciência. Não é como agora, homens de agora, adolescentes com 14, 15anos, estão a beber álcool. Não é maduro. Antes, as pessoas que bebiam eram de 40 e tal anos 50 para à frente, e depois não havia muito álcool. O que trouxe mais isso é o aparecimento de Cajú (árvore de frutos que o seu sumo também é transformada em vinho), na década de 80 e 90. (<i>quando começamos a ter mais Cajú, as pessoas começaram a beber mais, é isso?</i>) pois, porque é barato, pois aquele tempo que não havia Cajú, para ter vinho tinto para beber é só um bocadinho. Mas eu demorei imenso a beber (<i>com quantos anos começou a beber?</i>) comecei a beber com 43 anos, vês como demorei tempo a beber. (mas agora as pessoas bebem até crianças bebem), ah pois, é a educação atual.
---------------------------------	---	--

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado – E4 Pepel, reformado, 69 anos e 9 filhos.

Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Bom, Género, eu vivi na parte de, no estado que eu assinei com estado em que vivia. Hag, bom, para mim, pronto, nesta coisa que falas, não entendo como fazem, como pagam. No meu trabalho de produção da casa, da tabanca, eu sou lavrador, faço parte de, ajudo o meu pai no trabalho nas bolanhas, quando há folgas no trabalho de estado, no fim de semana trabalho para o meu pai. Então saí de lá, fui mandado para o Sul, o meu trabalho ficou por aí. Eu faço estradas, sou engenheiro de ponte das estradas, nós fazemos algudotos, alcatroamos estradas. Não posso dizer que sou cortador de chabéu, porque não sou dessa ala, na praça sou mecânico.
	A qual género considera pertencer?	<i>Não respondeu de forma prática</i>
	<i>Quantos tipo de sexo existem?</i>	Normalmente só dois: Macho e fêmea.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Eu já te disse, eu sou homem e saí para ir trabalhar. Não é só homem para sair só e gabar-se da sua masculinidade, cada um com a sua sorte, mas se for para o campo de lavoura, posso fazer mais do que quem está em casa outra pessoa também pode fazer mais do alguém e gabar-se que é maior. Mas se formos ver bem, e como trabalhamos, penso que não há muita diferença, na sorte é que diferimos. Homens todos são iguais. Agora na prática que cada um procura, é a homenagem de cada um.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Eu sou homem, e com os meus filhos, já sei quem é quem e sei quem fica chateado facilmente. Se eu levantar de manhã cedo, consigo perceber quem está bem disposto e quem não está.
	<i>Que tipo de homem é?</i>	Eu digo, que na minha parte, aqui em casa, fico simplesmente a orientar quem quer a minha orientação. Se alguns dos meus filhos estiver aplicado, eu ajudo e quem seguir mau caminho, não o ajudo.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Bom, aquele que se gaba que é macho, não é uma questão de estar sempre na briga mas se batalhar mesmo no trabalho, eu digo que a pessoa é macho.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Masculinidades de homens de hoje em dia é de muita dubriagem. Se não se criminalizam não conseguem se alimentar. Então nesse crime é que a pessoa consegue estar satisfeita. E a pessoa que procura de uma forma limpa já não consegue. Deitas-te dentro e de repente alguém entra e te rouba o que tens e vai para a sua casa e usufrui com a sua família, e daí diz-se que é macho. Bem é ali que a sorte da pessoa começa a desgastar, pois fica só a ultrapassar a masculinidade de outras pessoas. Mas qualquer pessoa que pensa ou faz mal à alguém, só tem 99 dias, o de 100 não sai ileso. Qualquer pessoa que pensa no mal, não vai crescendo, continua curta. E essa pessoa não consegue viver até aos 100anos. Antes as pessoas viviam até depois dos 100, mas agora é impossível porque as pessoas bebem muito e não se cuidam, não trabalham o que o corpo pede. Agora existe mais álcool no corpo do que sangue, por isso as pessoas não vivem muito.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Eu quando estou contente, sorrio. Quando estou com alguém claqueio e não faço com que a outra pessoa fique nervosa. Se estiver nervoso, não falo muito, parto logo para a guerra. - como esta (criança), se portar mal comigo, dou logo palmadas -, a minha força não cabe na mulher, da forma como cresci, quando pego e torço a mão da mulher e dou costas, ela vem atrás de mim.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Quando já estava a crescer, o meu pensamento era como eu estava a crescer e não devo deixar mal os mais velhos. Sempre que me pedem alguma coisa não devo recusar, tenho que fazer. E sempre que vejo que alguém mais velhos chateado, passo e não faço questão de aumentar a sua raiva. Então é por isso que não tenho amigos. Sempre que tens amigos ousado, não foges da guerra, é sempre em frente. Porque quando saber que arranjaste confusão não foges, é sempre em frente.
	<i>Quando eras criança não tinhas amigos?</i>	Não. Não andava com ninguém. Eu sempre fui lutador. Lutava bem e se dizes soco, também era muito bom. Só que não estudei isso. É por isso que não tinha amigos. <i>Desde infância?</i> Sim, eu era muito irrequieto. <i>Não tinhas amigos?</i> Tinha só um amigo, que era diferente de mim, ele era pepel de Biombo e eu sou pepel de Bissau. Ele é ousado como eu. Quando nos encontrávamos em situação de conflito retirávamos. Nunca fui ao calabouço, e também ao hospital só fui uma vez quando era criança. Pois, se tens muitos amigos, eles são capazes de te colocar numa situação constrangedora e deixar-te em confusão. Por isso, ouço muito dos mais velhos e evito ter muitos amigos. <i>Então é assim que passou a sua infância?</i> É assim que passei. <i>Quais histórias pode acrescentar?</i> Quando me levantava, sabia do meu trabalho como trabalho de Estado e também do trabalho na tabanca (aldeia).
	<i>Como via os homens na altura em que era jovem?</i>	Bom, guerreiros, não conhecia. <i>Como via os homens, como os seus pais, avós?</i> A forma como via os meus pais, era sempre alegres, nunca os vi a brigarem à minha frente. Penso que duas pessoas que possuem mesmo sentido/pensamento não conseguem facilmente ficar chateados um pelo outro. Se ouvires/viste duas pessoas adultas a brigarem, um deles deve ter a culpa porque posso dizer que posso bater em ti, e dar a volta e buscar um material e bater em ti, mas isso é mau. Chama a pessoa e fala com ela e manifesta a sua forma de ficar zangado, para depois ela perceber quando estiveres a ficar zangado e evitar.
	<i>Qual é o modelo de homem que você seguia?</i>	Naquela altura, o avião dos brancos passavam de um lado e para o outro e ninguém sabe de onde saíram, porque muitos dizem que são homens, mas não ninguém sabe de onde saíram também e como nasceram. E depois diz-se homem e não sabes como outra pessoa fica quando está zangado e como é que ele briga. Um homem simplesmente não consegue fazer nada sozinho, nem construir a casa e nem levantar uma pedra pesada sem uma ajuda.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Nós temos atualmente dois tipo de homens e dois tipo de mulheres. Há homens que se levantam e sabem o que vão fazer hoje e amanhã. Mas há também mulheres, tu dizes que é uma mulher, mas no fim ao cabo, não consegue perceber o comportamento delas quando lhes levas a sua própria casa. É nessa situação que se diz “es kudji má i odja” (ele escolheu mas viu).
	<i>Como vê a relação entre os homens e as mulheres?</i>	É só naquele sentido. Quando acordam bem, e se importam um com o outro, aí é bom. Mas acordar todos os dias e abrir a porta à mulher, aí já não é assim tão bom.
	<i>Mas a sociedade de hoje, as mulheres e os homens se portam bem?</i>	Não posso gabar os homens. Mas como vejo as mulheres atualmente, bebem por demais. Dantes as mulheres escondiam para beber. Mas agora os homens, alguns se levantam e só bebem, alguns levantam, vão trabalhar e só depois é que bebem. Conheço as duas versões de homens. <i>Você bebia muito?</i> Sim, eu bebia muito. Mas agora já não. É só quando estou contente, depois do trabalho.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado- E5 Pepel, natural de Bejimita, 52anos, dois filhos, solteiro e pedreiro.

Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Penso que é nas coisas normais. Género, penso que é o que Projeto Saúde Bandim dá aquele género às pessoas, ou não é isso? <i>Sim, mas aquele é um tipo de género e este que estamos a referir tem a ver com sexo.</i> Sim, pois, é o que mais quero mesmo. Quantos sexos existem? São imensos. <i>Existem imenso?</i> Só há um sexo. <i>Só há um, qual?</i> Não é o sexo de Amor? <i>Logo só existe um, que é do homens?</i> Sim. <i>e das mulheres?</i> A mulher também. <i>Então são dois.</i> Da mulher é mais perigoso. <i>Então existem dois, sexo masculino e sexo feminino.</i> Sim. <i>Género também existem dois ou mais, existem mais do que dois, existem género masculino e feminino, mas também existem imensos, pessoas que não se identificam nem com género masculino nem com feminino, e aquelas pessoas que não se identificam com masculino, mas se identificam com o feminino ou não se identificam com o feminino mas se identificam com o masculino.</i> Sim é verdade.
	A qual género considera pertencer?	Eu..., <i>qual é o sexo que tem?</i> É de relacionar com as mulheres. E isso é a maior coisa do mundo. <i>Mas pode desenvolver</i> é a questão de criar amizade, de se acarinharem e se aproximarem, e fazerem sexo. É coisa mais simples, porque qualquer mulher que dizes querer, na verdade o que queres é sexo, pois, não vais dizer querer uma mulher e ficar simplesmente a olhar para ela. Então pertence aquilo que vai para a mulher, sexo masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem na sua cabeça deve ser sério no seu trabalho, para ser homem, assim para as mulheres lhe respeitar. Se não tens nada, quem é que lhe vai respeitar. Mesmo as pessoas de careta (<i>transportadores de bens de outras pessoas</i>) se trabalharem sério ninguém lhes julga. Eu por exemplo, sou trabalhador, pedreiro e chefe. Se não tiver dinheiro ninguém me vai querer. Houve uma vez que não tinha dinheiro as mulheres fugiram de mim. Por isso é que digo, este mundo é simbólico, agora quando tenho dinheiro faço com ele o que quiser. Se não tens nesta cidade de Bissau não és nada. <i>É por isso que Rui Sangara cantou "homem sem dinheiro é brincadeira de mau gosto"</i> ah pois.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Este tempo há coisas que estão a acontecer comigo. Agora o meu sexo, se levanta e cai, e não sei porquê. <i>E sentes mal com isso?</i> Pois, quero que fique mais firme, eu ainda sou jovem. Mesmo quando estou com a mulher, de repente fico ereto, e logo de seguida fica morto. Até tenho uma mulher mancanhe, ela fica mal comigo. E não me sinto bem com isso porque é característica de homem baixo. Se notares, eu como estou assim, sou homem jovem, trabalho e faço mais coisas. Eu sou homem jovem. <i>E se te perguntam que tipo de homem é?</i> Agora sou mulher, porque um bocadinho só o coisa vai abaixo. <i>Agora não te sentes homem?</i> Não.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Masculinidade/matchundade é quando tens ereção bem firme, fazer sexo muito bem com as mulheres ou fazer bem as suas ações é isso a masculinidade/matchundade. Quando fazes bem o sexo com a mulher e ter dinheiro para fazer também o bem. <i>Fazer o bem como o quê?</i> Sabes, quando despes a mulher, tens que ter também a tendência de tirar alguma coisa, o cumbu (<i>dinheiro</i>). Eu tenho uma filha, eu posso maltratar a filha de outra pessoa (entenda-se mulher) e não tiver dinheiro para lhe dar, só estou a aproveita-me dela, isso também é pecado. Tenho que lhe dar alguma coisa.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Eu manifesto a minha masculinidade, olha por exemplo, ela, lhe disse que quero mas ela ainda está a me dar baile. <i>É assim que mostra a sua masculinidade em querer as mulheres?</i> Não só, masculinidade também é para ter força de trabalho, fazer outras coisas e poder construir um futuro meu. Se não estiver a trabalhar ninguém me vai querer.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Agora é que está mesmo a correr mal, porque imagina, trouxe castanha de Cajú, aluguei carro e tiveram que me tirar mais 50000, com todo sacrifício de trazer as castanhas de Cajú e depois cobram-me 50000, e depois o que posso ganhar nisso tudo. E os camiões cobram 100000. temos mesmo que nos ajudar uns aos outros porque este país é nosso e é de todos. Mas é normal, e acredito que isso tudo vai passar. <i>Tens esperança que a Guiné vai melhor e as pessoas vão poder conviver livremente e de forma igualitária?</i> Tenho sim, a Guiné vai mudar, tudo vai passar e tornar-se mais tranquilo, pois o mundo é simbólico e as coisas vão virar, de bom senso tudo vai ficar bem. Somos todos irmão é pena não nos entendermos ainda.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	O meu problema é que sou alegre. Eu gosto de gozar, toda a hora estou a gozar. E eu também sou gozado. Se me gozam aguento, quando gozo também têm que aguentar. <i>E se estiver com raiva o que faz?</i> Eu não gosto de briga, se estiver nervoso ou com raiva não faço nada. Ontem por exemplo, o Sanhá ficou zangado comigo e tirou a faca, quase me esfaqueou. As pessoas começaram a lhe culpar e eu tirei a carteira e lhe mostrei o dinheiro e ele perguntou <i>"isso tudo é o teu dinheiro?"</i> disse-lhe que sim, é o meu dinheiro porque trabalhei para o conseguir, trabalhei para isso.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Agora as emoções dos homens passaram dos limites, porque tudo gira à volta dos interesses pessoais. Imagina, podes me pedir uma coisa que sabes que consigo fazer, mas és tu a colocar o teu preço porque tens dinheiro. E todo o dinheiro vai sempre para o seu bolso. Mas nós os operários, devemos ganhar mais do que eles, mas eles é que ganham mais, mas escrever eles sabem melhor que nós, mas fomos todos a escola. Alguns até nem escrever sabem, mas estão lá. Não temos um espaço para nos convivermos e trabalhar juntos, porque cada um tem aquela emoção, quando está a frente quer sempre enriquecer primeiro que os outros.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Cresci sendo um bom jogador, um bom jogador. Joguei no Porto de Bissau, em Bula em outros clubes também. Lalo disse um dia, debate entre Gabriel e Iequine, como sou melhor de bola em relação a ele nos lançaram desafio e eu é que ganhei. <i>Mas isso é em relação a sua juventude, mas quero perceber ainda primeiro da sua infância.</i> Na minha infância eu estava em Bafatá, o meu pai era comandante da Polícia de Bafatá. Eu ia a escola e fazia outras coisas, estudava numa escola primária em Bafatá. <i>Como lidava com os seus colegas de escola?</i> Todos estávamos muito bem. Augustinho com quem estávamos, agora está em Cuba, estudamos juntos e o irmão do Rufino que agora está em Portugal, antes estava em Cuba também. <i>Naquela época da sua infância qual era o modelo de homem que tinha na altura?</i> Eu sempre dizia que ia trabalhar seriamente como outras pessoas, na escola para poder aprender e fazer qualquer coisa. Quando estava a crescer fiz CIFAP, estudei outra coisa e agora sou técnico.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Naquela altura, eu sou muito fanático de futebol, jogava imenso e ia a discoteca porque o meu tio tinha uma e era a mais famosa discoteca (a Cabana) em Bissau e depois alugou-a ao André. Também jogava imenso e distraíam comigo, tudo onde passava eu era o melhor. Queria muito jogar como outras pessoas jogavam, jogávamos no insubles, um campo ao do caracol (um dos mercados de Bissau), e jogava até no Lino Correia (um dos dois estados desportivos da Guiné-Bissau), eu jogava mesmo muito bem. <i>Fazia parte da equipa Docolma?</i> (risos), eu era um dos melhores jogadores do Docolma, fui até Gabú jogar e ia a muito lugares com a nossa equipa para jogar. <i>Como relacionava com as mulheres?</i> Eu pensa pouco nas mulheres, só tinha uma com quem tive um filho no ano 1990.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense? Com vês a relação entre homens e mulheres?	Olha, as mulheres agora são mais que os homens, em todos os sentidos. Agora as mulheres te embrulham e colocam nas suas mãos. Às vezes podes ter aqui uma mulher, hoje pode estar ao pé de ti e amanhã vai estar com outra pessoa, pode estar um bocadinho contigo, tira-te o que quiser e depois vai ter com outro homem. Podes ver noutras pessoas, mas também pode até acontecer contigo. O que vejo noutra pessoa também pode acontecer comigo. <i>Como achas que a sociedade da Guiné pode ser?</i> É só para construirmos, porque notas que as coisas aqui em Bissau as coisas não correm bem e cada um coloca no seu bolso. As empresas vêm aqui, altas empresas... eu estive em Dakar, trabalhei lá, e o dinheiro que ganho lá não consigo ganhá-lo cá. Saí de Cabo Verde e fui para Dakar, e cá de lá e vim para Bissau, dinheiro que ganho lá não ganho isso aqui. Empresários que estão lá tratam bem os trabalhadores, aqui quando chegam empresas grandes cortam e dão cerca de 1500 ou 2000 ou 3000, mas em Dakar, ganho 15000 por dia no trabalho de obra, naquele hotel maior em Dakar. Trabalhei lá, fiz muito tempo lá e cheguei a poucos dias, era para fazer um hotel igual aquele cá, em Bubaque. Sabes quantos trabalhadores estão nessa obra? <i>Não.</i> São mais do que 5000 e tal trabalhadores, até as mulheres que levamos estavam enquadrados nesse trabalho, e são mais do que 5000 quartos, um hotel ao pé de uma alta praia, com um bom ar. E eu coleí mosaico nessa obra. Altamente praias com ruas todas bem organizadas. Mas as mulheres hoje dia são mais inteligentes que os homens aqui na Guiné-Bissau. Pois, mesmo que a mulher tenha 100000, e tu, homem, tens 25000, ela ainda vai fazer joguinhos para te tirar mais dinheiro. Mesmo que falte knor, ela vai te pedir para ir comprar, e ela guarda sempre o seu dinheiro para não veres.

Etnia Mandinga		
Entrevistado – E1 Mandinga, natural de Candjambada, (Oio - Norte do país), 51anos, 3 filhos (duas meninas e um rapaz), casado e professor.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Género, penso que é o conjunto de pessoas masculinas e femininas.
	A qual género considera pertencer?	Eu pertenço ao masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem, é conjunto de pessoas. Estão masculinas e femininas que se diz Homem, ser humano, tudo na sua generalidade dizemos Homem. Quando estivermos a definir, dizemos género masculino e género feminino. <i>nestas duas coisas, Homem significa todos os géneros. Mas imagina, o que é homem de homem para si?</i> Homem de homem para mim, entendo que homem é quem tem a capacidade de desenvolver algumas ações que pratica e trabalhos que beneficiam a sociedade.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Desde que me casei sinto-me homem responsável, humilde, honesto e cheio de energia para ajudar na luta para o desenvolvimento da nossa terra: Guiné-Bissau. Isto é a vontade que tenho, a minha ambição e o meu sonho. Temos idade avançada, mas depois de termos casado, com filhos e assumido isso tudo, na verdade, é seriedade, honestidade e trabalho, são estes valores os nossos melhores amigos e é o nosso lema. Por isso não temos muito companheirismo, isso só acontece quando é no trabalho, então fora do trabalho, é só música, leitura e os meus filhos perto de mim a ajudar-lhes para serem melhores do que eu. Casamos tarde, pois a nossa primeira filha tem ganos, mas dentro disso, estamos a acelerar para preparar bem a nossa primeira filha antes de partirmos. A minha mulher era a minha aluna e também ajudei-a a se formar na Escola de Formação de Professores e agora é professora e a dar aulas. Agora nós estamos a ajudar um ao outro para poder deixar bem as sementes, caso eu parta cedo, ela poderá cuidar bem dos nossos filhos porque ela é mais nova do que eu. <i>Teve a sua primeira filha com 42anos, certo?</i> Sim, porque casei tarde. <i>Pois, há coisas que se cruzaram aqui, um dos meus entrevistados também teve o seu primeiro filho com 42anos, por isso é que lhe perguntei com quantos anos teve a sua primeira filha. Mas podemos continuar, que tipo de homem é, como se relaciona com a sua mulher, quais formas de homendadi, masculinidade ou matchundadi demonstra para com a sua mulher, para perceber como te consideras como homem?</i> Considero a mim como um homem simples e trabalhador.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Masculinidade/matchundadi, para mim entendo que é a pessoa que tem ambição de decidir, lutar e aceitar vencer qualquer obstáculo que lhe estiver à frente e depois cortar a meta. É assim que entendo a masculinidade/matchundadi.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Eu manifesto a minha masculinidade/matchundadi através das minhas ações, <i>como quais ações?</i> , trabalhos que faço na sociedade que ajudam e contribuem para o desenvolvimento daquela sociedade onde estou a viver.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Bom, eu entendo que a masculinidade/matchundadi que os homens mostram para mim não é matchundadi, porque matchundadi é alguém que faz algo que vai ao benefício da sociedade e da comunidade onde está inserido é isso que nós entendemos como masculinidade/matchundadi. Muitas pessoas demonstram as suas masculinidades com guerras e intrigas, criando problemas isso não é masculinidade, emoção que criam à volta disso criam pânico para que haja mais problemas e depois pensam que são os mais fortes e ficam a falar como se o que fazem é uma boa coisa. Este é um dos problemas que temos nesta terra, ninguém não é ninguém, num país assim, haverá sempre confusão. Qualquer pessoa na sociedade é válida, mas também Deus disse uma coisa, o que está escrito na sua testa, não morres sem conseguir isso. É verdade, como estamos na democracia, e democracia não é “ <i>dolecracia</i> ” (forçacracia), não mostrando força, e quando alguém assume esses princípios vê bem o seu fim, nunca termina bem. Democracia é saber fazer e saber ser, aceitar a opinião dos outros e nós recusamos isso, as pessoas não pautam pelo diálogo, na nossa sociedade as pessoas não gostam de diálogo e procuram sempre problemas para depois pensar no diálogo. As pessoas dizem que o Senegal é um país de diálogo porque pautam sempre e primeiro pelo diálogo para encontrar soluções antes dos problemas. Mas cá faz-se mal e depois é que se começa a procurar soluções e eu condeno isso. Matchundadi é alguém que faz boas coisas para a sociedade e quando passa as pessoas dizem “ah este sim, é macho”. Por exemplo, tu Alimo, estudaste aqui e depois criaste o Projeto Muntu, isso sim, pode-se dizer que és macho, porque com este projeto vais contribuir imenso para a sociedade guineense e haverá muitas pessoas a agradecer-te. Matchundadi hoje em dia não mostrar força, ou pegar na arma ou ter faca. Matchundade é saber fazer e saber ser na sociedade para ajudares a tua sociedade. Ninguém ganha com problemas, exemplo disso é a guerra entre Rússia e Ucrânia, até aumentou o preço de knor. O que demonstra que se tiverem capacidade para se sentarem e conversarem não chegaríamos a este ponto, mas isso tudo é a demonstração da masculinidade violenta, cada um a se armar de um lado. Nisto de demonstração de masculinidade violenta não há lucro, só perda. O que nós entendemos na palavra masculinidade/matchundadi é quem faz algo de bem, e nós chamamos-lhe macho.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Eu na verdade, quando estiver nervoso as pessoas sentem, porque não sou pessoa que esconde os seus nervos. Quando as coisas me ultrapassam, irrita-me, e às vezes através dos meus nervos consigo perceber porque ando com tensão, porque enervo-me imenso. Antes o que dominava o meu nervosismo e a minha emoção é o cigarro e mastigava cola (noz de cola). Quando me enervava fumava e aí baixava os meus nervos, mas agora já não fumo. Agora quando me enervo, refugio-me nas músicas, o que me acalma bastante e ajuda-me a dominar os meus nervos. <i>E se estiver contente, como reage?</i> , quando estiver contente é só riso, as pessoas me sentem e vêem que estou contente, fico sempre a animar e fazer outras pessoas estarem mais animadas. Quando estou normal, nesse estado feliz, as pessoas notam logo, porque eu não escondo.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Bom, sabes, são coisas que fazem parte mesmo do ser humano, há momentos que a pessoa fica contente e há momentos que a pessoa fica triste, porque isto está certo até no nosso corpo, há direita e há esquerda, negativo e positivo. Penso que na física é por isso que há luz, negativo e positivo, e quando se cruzam, haverá choque. Quando alguém está irritado se encontra com alguém irritado não haverá paz entre eles. Alguém emocionado é alguém que está contente, principalmente nós mandingas, nós quando estamos contentes, toda a gente consegue detetar isso nas nossas moranças (conjunto de casas à volta), só se vive na felicidade, com muita festa, muitas formas de manifestação de alegria. Diz-se que os mandingas são “ <i>gurdonoba</i> ” (propagandistas), é só barulho da libertação da emoção ligada a felicidade, mas quando estivermos também tristes é fácil de se notar porque pode-se até pensar que se está em desgosto, mas é só uma ausência de emoções felizes. É fácil descobrir, quando um mandinga está feliz ao mesmo tempo quando se encontra um mandinga em estado de tristeza.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

<p>A formação da masculinidade</p>	<p>Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?</p>	<p>Bom, a minha infância de facto, posso dizer que nasci cá na Guiné-Bissau, na região de Oio (norte do país), principalmente na tabanca de Candjambada, mas com a luta de libertação nacional, o meu pai se refugiou para Senegal, na região de Colda, principalmente na tabanca (vila) de Sarré Ioba Djegar. É ali que fiz quase toda a minha infância e o meu ensino primário e depois fui fazer o meu liceu no Colda, depois de ter o meu 12º ano de escolaridade feito, voltei para a Guiné, com a influência do meu irmão mais velho que me disse que podia estar na Guiné para depois me imigrar para Europa. Então a minha infância foi assim, olhava, imitava sempre pessoas que eu admirava, que tinham capacidade de desenvolver a sociedade, pessoas famosas, eu sempre admiro pessoas que se esforçam imenso na escola e também pessoas que eram bons jogadores, gosto imenso destas duas coisas: escola e futebol. Então quando alguém é bom numa destas coisas, eu admiro imenso. Por isso, desde a minha escola primária e até no liceu, eu era sempre um dos três melhores alunos. O meu pai era um bom comerciante aqui na Guiné-Bissau, mas com a luta armada, perdeu tudo e passamos a ser lavradores, até os meus colegas me alcunhavam de 7 para 7. Pois, não é o meu pai que me colocou na escola, foi um amigo do meu pai, um vizinho que é comerciante de nome, Mamadu Queita. Com o meu pai, saíamos às 7 e só voltávamos às 7, e os colegas me chamam logo 7 para 7. Com 12 anos fui para à escola e foi preciso reduzir a idade porque no Senegal começa-se o primeiro ano com 6 anos e assim tive acesso ao primeiro ano. O homem que me queria pôr na escola perguntou se na verdade quero estudar e disse-lhe que sim, ele foi falar com o meu pai, mas só na terceira tentativa é que o meu pai lhe deu ouvidos, o meu pai lhe disse; “eu não sei nada, então o meu filho também não deve estudar e não deve ir para a escola. Se lhe colocas na escola toda a responsabilidade é sua” e o homem assumiu a sua palavra e responsabilidade, e eu estudei bastante, como sou também ambicioso e gosto de estar sempre à frente quando escolhem pessoas gosto sempre de ser escolhido, mostrei a minha capacidade e não deixei o homem envergonhado, e estava sempre entre os três melhores alunos. Estávamos sempre os três, um deles hoje é o Comandante da zona Sul em Ziguinjor, é chamado de Coronel Suleimane Candé, o meu colega de infância. A minha infância passei-a bem, quando cheguei ao Senegal, o meu pai era um bom comerciante cá na Guiné, quem ouvia o nome da família Cahdé, o meu pai era louceiro dessa família, tinha muitas vacas, mas ao refugiar todas morreram, e passamos a ser lavradores, lavrávamos 7 para 7. Os meus colegas gozavam comigo e diziam “ó <i>djangata</i>” (em língua fula) ou seja, “este não estuda, não gosta de escola”, porque eu cresci com fulas. Na altura o meu pai era muito nervoso, pois perdeu toda a sua riqueza e não está contente. O Bob Marley dizia “quem está com fome, é alguém nervoso, quem perdeu a riqueza é alguém nervoso”, na nossa casa, mesmo que não seja no tempo de chuva, nós lavrávamos. Até para ir jogar a bola, o meu pai vinha atrás, e os meus colegas gozavam comigo diziam “olha lá o teu pai, aquele parvo”. Mesmo quando comecei às aulas, depois de o homem lhe ter convencido o meu pai, o meu pai ia buscar-me à escola, até sábado, pois, no Senegal as pessoas estudam até sábado e o meu pai ia sempre buscar-me e dizia “eu dei luz ao meu filho para trabalhar para mim e não é para estar aqui” e quando vinha o meu professor dizia sempre “<i>regard ton papa, con la, il vien</i>” (o teu pai, aquele parvo está a vir outra vez), ao chegar dizia logo, dá-me o meu filho, e ele levava-me com ele. Mas eu tinha um talento extraordinário, jogava bem, marcava muitos golos, jogávamos fulas contra os mandingas, jogava imenso e à ponta lança, marcava imensos golos, até tenho um sinal no nariz por causa da bola. Outra coisa que organizávamos era luto, entre nós as crianças, mas nisso eu não era muito bom, o meu irmão mais novo é que era muito bom nisso, mas tive uma salvação um dia, quando estava a lutar com um colega que me bateu imenso, mas ao lado estava um monte de fogo. Quando já estava cansado, ganhei coragem e carreguei esse meu colega e lhe bati nesse monte de fogo, queimei-o, senti, mas foi a minha salvação. Desde aí, ninguém mais lutou comigo. Mas no futebol, eu era muito bom, chamavam-me Diego Armando Maradona, pois eu sou esquerdino muito perigoso, jogava bem. Na escola, de facto, também eu era um bom aluno, bofetávamos uns aos outros a quem não souber a matéria, obrigatoriamente iam à escola para saber a matéria, teríamos que encornar toda as disciplinas, porque se chegar a sua vez e não souberes, batiam-te imensamente nas nádegas, colocando o pó da cabaceira que provoca comichões nas nádegas, chamado <i>nghanhima</i> na Guiné, no Senegal é chamado de <i>Categaiar</i>, batem-te nas nádegas até não conseguir se sentar. Como sou covarde, aproveito bastante para estudar e não ser batido na escola. Arranjei muitas formas de viver a minha infância, fugindo sempre do meu pai, estando mais perto da minha mãe e cuidando dos meus irmão mais novos. Aí podia cuidar deles e depois fugir para ir à bola. A minha infância foi sempre escola, futebol e luto, mas no luto perdia sempre.</p>
	<p>como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?</p>	<p>Eu na minha juventude, a verdade seja dita, quase o passei todo no Senegal. Vim para Guiné bem crescido. Como estava a dizer, eu admiro pessoas esforçadas, eu na minha geração todas as pessoas tinham escola, sou uma das pessoas que entrou tarde na escola, todos se tornaram funcionário e ajudam as suas famílias. Na nossa família a única pessoa que tinha escola na altura era o meu irmão mais velho, com a luta armada conseguiu oportunidade através do Osvaldo Vieira (atual nome do aeroporto da Guiné-Bissau), para ir a Alemanha estudar, o único que tinha escola de brancos. Também lutei para não estar na lista dos lavradores e estudar bastante. Todos os meus colegas estudaram e têm níveis avançados, portanto é assim que consegui trabalhar intenso para ser bom também. No nosso grupo de colegas todos estão bem servidos, alguns são alfandegários, secretários de estado e etc..., por isso é que admiramos pessoas que se esforçam. Os franceses dizem “<i>so more</i>” (quem não tem emprego), mas nós no nosso grupo somos todos ocupados, por isso é que copiamos o bem, e admiramos sempre os melhores e os que estão à frente. É assim que lutamos, eu e o meu irmão, quando o nosso pai morreu, fizemos questão de colocar os nossos filhos e os filhos dos nossos irmão na escola e nos libertamos, hoje na nossa linhagem, temos doutores, mestrados, licenciados e engenheiros. Mas se tivéssemos escolhido o caminho do nosso pai, e sem ambição de mudar seríamos todos lavradores e nada podia marchar. Como te estava a dizer, eu jogava bem, e também dançava bem, naquela altura tinha muita fama e me chamava “<i>le mirruar de jean fie</i>” (o espelho das miúdas). Eu marcava muitos golos, até agora nesta altura quem marca mais golos tem mais fama, podes ser bom guarda-rede, se não marcas golos não terás muita fama, quem é mais famoso é quem marca muitos golos e eu era bom jogador e marcava muitos golos, então é assim também na dança, quando ia para o baile conquistava as miúdas com a dança, basta dançar com alguma miúda as outras também me procuravam. Então é no luto que não sou bom, porque basta entrar começo logo a tremer, por isso é que perco sempre as batalhas, mas eu era bom a jogar e dançar, na minha juventude. Portanto, assim, viemos para a Guiné, e entramos no ensino e nisso, tu até és testemunho, conquistamos a popularidade, não temos nada mas temos popularidade, nós somos sociais. Sabemos que alguém começa sempre nas mãos de pessoas e termina nas mãos de pessoas, e se tiveres isso na mente não te cansas muito no teu percurso e cabes em qualquer sociedade. Aqui em Gabú, o respeito que temos é grande demais, porque conquistamos, até na escola, onde estudaste e sabes como a minha família é vista na cidade de Gabú.</p>
<p>A visão sobre homens e mulheres</p>	<p>Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?</p>	<p>Eu vejo as sociedades, não só cá na Guiné, mas, <i>sim, mas foca-se só na sociedade guineense, por favor</i>. Homens e mulheres cá na Guiné têm muitas diferenças, na verdade as nossas mulheres têm muita vontade e trabalham dia a dia e praticamente não têm repouso, e os homens descansam mais do que as mulheres. De facto, notei isso, mesmo entrando no mercado ou nas ruas da cidade nota-se o tipo de trabalho que as mulheres fazem não se compara com o trabalho que os homens fazem. Há <i>moranças</i> (conjunto de casas), as mulheres é que têm os homens, porque nós entendemos que tudo vem do céu, ou tudo vem de Estado, mesmo sabendo que há coisas que podemos fazer por nós próprios, nós homens ignoramos, só dissemos “as coisas não estão bem”, mas depois não fazemos nada. E ao descermos por aí, pelo mercado, encontramos mulheres hortaliças, mulheres a venderem água, sorvetes e a venderem lenhas etc..., isso tudo para poderem sustentar os seus filhos. Normalmente os homens quando não têm nada fogem da <i>morança</i>, mas as mulheres não fogem. Na verdade, trabalham mais do que nós, eu sou homem e estou a falar em coisas concretas, e nós sempre achamos que as coisas vão cair do céu, também temos bolanhas em que podemos trabalhar. Dantes os homens trabalhavam imenso nas bolanhas, por isso havia concorrência em termos de filhos e mulheres, essa é uma das razões da existência de poligamia, porque quanto mais tiveres mulheres mais espaços e mão de obra terás para trabalhar e tendo muitos filhos também. Havia muita concorrência de filhos e de rendimento agrícola naquela altura mas agora nada disso.</p>

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado – E2 Mandinga, guarda florestal, 55 anos, 4 filhos, casado com duas mulheres.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Gênero	O que entende por gênero?	Gênero, quando ouço falar de gênero, penso em muitas coisas. Ou é algo ligado a alimentação ou outras coisas. <i>Outras coisas como quais?</i> Como alguém que pode levar a sua vida, porque hoje em dia, não é só Guiné-Bissau, o mundo continua a correr no seu próprio lugar, porque até agora o nascer de sol é o mesmo e o pôr de sol também é o mesmo, as pessoas é que mudam, mas o mundo nunca muda. Só que o nosso tempo e o tempo de agora tem muita diferença. <i>Sim, mas o gênero, o que é gênero para si? Quando estão a falar de homens e mulheres, da sociedade...</i> sabes, aquele tempo e agora é diferente. <i>Sim, mas agora só quero perceber quantos sexos existem?</i> Existem muitos sexos. <i>Quantos, mais ou menos?</i> Quatro. <i>Quais são?</i> Sabes, eu nasci na tabanca e é lá que vivi, ultimamente é que cheguei à Gabú. <i>Sim, mas depois vamos chegar a essa parte da sua vida. Mas agora, quando falam de sexo, existe sexo masculino e feminino, mas quando falam de gênero, existem também masculino e feminino, mas ainda existem mais do que estes dois. Então este meu mestrado tem muito a ver com as relações de gênero, o papel das mulheres e dos homens na sociedade, por isso é que estou a tentar perceber, de acordo com as pessoas que estou a entrevistar qual é o conhecimento e se têm algum conhecimento sobre gênero e tal...</i> Bom, neste sentido, nós quando estávamos a crescer isso não era muito frequente.
	A qual gênero considera pertencer?	Eu quero o que vai segurar a minha vida e o que é isso que de segurar a vida? Quando souberes o que vais fazer e a forma como deves lidar com as pessoas, mesmo na parte das mulheres, não é todas as vezes que se deve utilizar a mulher. Há momentos em que isso deve acontecer. Qualquer pessoa que toma banho frequentemente de manhã, como por exemplo os muçulmanos, quando lavam <i>djanaba</i> (banho de purificação), toda a pessoa que toma banho frequentemente de manhã, se Deus não lhe ajudar, ele morre cedo. Porque saberás que, quem toma banho todas as manhãs, é porque fez algo à noite. Isto também corta vida muito cedo.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem, de todas as formas que és homem, tens que ver tempos, tempos para se relacionar com a mulher. Não é todos os dias, não é todas as horas. Porque alguém tem que se poupar e se não te poupas, Deus também não te poupa.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Não ligo a muitos problemas. Quando alguém me faz algum mal, vejo-o e deixo, porque fico a pensar, esse alguém não me conhece, porque se me conhece, não faria isso, se me conhece-se me respeitava. Mesmo como ando por aí, sou funcionário do Comité de Estado (espécie de câmara municipal), sou agente fiscal, muitas pessoas falham comigo, mas vejo e deixo, e depois a pessoa volta e pede desculpa, porque “pecadurndadi” (pessoandade) é assim. Nós até agora, pelo menos eu desde que cresci assim, continuo da mesma forma. <i>Agora que tipo de homem é?</i> eu sou homem 100%, <i>como assim?</i> Quando digo vamos fazer algo, vamos mesmo fazer, <i>logo você é homem de palavra.</i> Se eu te disser a tarde vamos encontrar num certo sítio, talvez você é que vai faltar, mas eu vou chegar lá. O que eu não quero são mentiras. Mas agora é o que há mais, é o que vivem, há mais mentirosos. Porque quando vejo alguém a dizer “agora é muito melhor que antes” compreendo, porque é o tempo que estão a viver e não conhecem o tempo anterior, por isso dizem “os velhos dizem ah, antigamente é melhor do que agora, mas agora é muito melhor que antes”, mas o que há de melhor agora? Nós antes não comíamos knor, não nos interessava. Quando matávamos vaca, há uma parte da vaca que nós usamos para dar gosto a nossa comida e comíamos bem. Mas agora, há todo tipo de comida, há todo tipo de sabor, mas não há saúde. Mas nós antes, trazias uma criança ao hospital, não pagava nada, não comprava comida e nem pagava um tostão neste hospital de Gabú, e depois dizem que naquele tempo não há nada, havia bons medicamentos, medicamento dos brancos. Mas agora onde estão as farmácias, quantas farmácias temos nesta cidade de Gabú? Naquela altura que eu vim para Gabú, passava 12 meses sem ouvir que alguém morreu, e na tabanca, passava até dois anos sem ouvir que alguém morreu. Vivíamos bem, e comíamos bem, porque meus colegas podemos até competir mas não vou ficar atrás. Vais me desculpar, mas se formos competir na mulher não me vais vencer, vou-te deixar para trás. <i>Apostamos? Se eu for competir contigo na mulher vais-me ganhar?</i> Não têm nada, só falam e só me vais vencer se beberes alguma coisa. Mas eu sou mais forte que tu, vocês hoje não comem bem, mas nós comíamos e ainda temos energia.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Sabes, nós, o que o dizemos masculinidade/matchundadi é alguém que tem ou está viciado nas mulheres, é isso que os jovens de hoje dizer ser a masculinidade ou matchundadi. <i>Sim, mas agora para si, o que é matchundadi/masculinidade para si?</i> Masculinidade/matchundadi para mim, eu sou macho, porque eu, bebendo remédio ou não, qualquer momento que a mulher estiver pronta eu também estou, agora sou homem de idade. Mas eu não vejo nisso, não vejo ambição das mulheres, porque seria o meu atraso é por isso que não aceito isso, tenho que me poupar. No tempo em que estava a crescer não igual aos tempos atuais, fica-se mais de 20 anos sem conhecer uma mulher, começas um relacionamento com uma rapariga, vais a casa da mãe e a mãe dela te diz “entrego a Deus e a ti, esta minha filha”, vives com a rapariga mais do que 5 anos sem saber o que é marrar pano para essa para essa rapariga, vais a casa da miúda ficas lá até as tantas ou quando queres ir a baile com a miúda e a mãe diz “enquanto tal pessoa não chegar não vais (a miúda) a sítio nenhum”, só quando o rapaz chegar é que a mãe liberta a miúda. E ao voltar o rapaz é que tem que levar a miúda até a mãe da miúda. E se a miúda for casa, o marido a encontrará da mesma forma que a mãe lhe deu luz (ou seja, virgem). Nós crescemos assim.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Eu desde aquela altura, não demonstro a minha masculinidade/matchundadi no meio das pessoas porque “masculinidade/matchundadi é segredo”, <i>porque dizem que a masculinidade/matchundadi é segredo?</i> Porque alguém tem sempre o seu segredo quando acontece algo no meio das pessoas, há coisas que a pessoa faz mesmo se estiver na guerra e ninguém consegue ver essa pessoa. Mas se diz que a pessoa criou problema, podem estar a brigar e sem ver a pessoa ou tocar essa pessoa. <i>Porquê?</i> Deus. <i>É isso o segredo da masculinidade/matchundadi?</i> Isso é segredo da masculinidade/matchundadi. <i>Ser invisível, estar aí sem ser visto?</i> Sim. No nosso tempo isso existia. Mesmo na fronteira, posso passar sem ninguém me ver. <i>Mas é por isso que dizem que masculinidade/matchundadi é segredo?</i> Sim, porque se não fosse segredo, posso chegar e mostrar-te logo isso, sabes se chegar e mostrar-te que tenho isso, vais ter medo ou não? <i>Não terei porque já me mostraste.</i> E se eu me calar até isso acontecer, aí vais descobrir que a masculinidade/matchundadi é segredo.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	O que os homens demonstram como suas masculinidades/matchundadis é fraco, porque sabes certo como és e ficas a demonstrar que tens força, não há forças atualmente, antigamente é que havia força. Vocês jovens de agora não se curam, todos os jovens que vês a andar são uns simples aboboras, mas mesmo que não se curam, ao menos que arranjem proteção. O que é isso de se defender? É arranjar curativos tradicionais de auto-proteção, assim quando alguém lhe quiser fazer mal não vai conseguir porque estarás bem protegido. Mas hoje em dia, vê-se um jovem bem aparecido e depois nada, porque qualquer coisa que lhe fizer vai logo apanhar, alguém deve-se proteger, mas não poderás se guardar se não apareceres diante de Deus para ele te proteger, porque quando Deus te protege ele livra-te dos males e assim poderás também proteger a si próprio.
	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Eu quando estou contente demonstro a minha felicidade de uma forma tranquila. Também quando quando sinto mal ou vejo mal, porque os meus dois filhos morreram dentro de um mês, e as pessoas me diziam “levanta-te e vê esta questão, pode ser feiticeiro” e eu dizia de volta, “se for feiticeiro, deixo com Deus, porque foi ele que me deu, e foi ele que tirou”. <i>Mas se estiver nervoso o que faz?</i> Se estiver nervoso às vezes não consigo saber o que faço. <i>Mas o que já chegou a fazer quando estava nervoso?</i> Sabes alguém quando está nervoso, faz alguma coisa que depois volta a ficar arrependido dessa coisa. <i>Sim, como o que já fez e depois ficou arrependido?</i> Podemos estar aqui, e um dia saís daquilo e ouves de outra pessoa “Mamudo chegou a dizer isto e aquilo de ti” e eu quando descubro este tipo de calunia, fico bem revoltado, e naquela altura, brigo com esse tipo de pessoas. Não consigo guardar raiva em relação a calunia.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Emoção	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Sabes, o contentamento tem duas formas, há pessoas que ficam contentes até demais e depois fazem coisas que depois arrependem. <i>E como vê homens nervosos/zangados?</i> Isso também não muito bom na pessoa, tudo o que lhe fazem ele fica logo nervoso, tem que se saber que um dia as coisas podem correr bem e outros dias não correm bem. As pessoas têm que se baixar e protegerem-se, na Guiné-bissau não estavam assim, e mesmo que o meu pai é feito isso nunca tira o facto de ser o meu pai. Não é todos dias que temos que ter um dia bom, mas vocês agora só querem que as coisas corram bem para todo o sempre, mas não tem que ser assim.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	A minha infância não foi muito. Porque restamos muito os mais velhos, porque se alguém é colega do seu pai, trata-o como o seu pai. E se na rua não portares bem, esse alguém bate-te e quando chegas a casa, e o teu pai descobrir ele bate-te novamente porque consegue saber que é porque tu (seu filho) não portaste bem. <i>Na sociedade mandinga também isso acontece?</i> Sim, naquela altura, e nós crescemos dessa forma. E não é como agora, quando alguém bate no filho de outra pessoa, e essa pessoa vem perguntar “é você que lhe dá de comer para estar a bater no meu filho”, naquela altura não tínhamos isso porque respeitavas os seus pais e colegas de pais como seus próprios pais. <i>Mas naquela altura de infância como brincava com os seus colegas?</i> É só luto, em todos os momentos que nos cruzávamos lutávamos bastante, sabes, eu cresci numa tabanca (vila) de fulas, mas eu sou mandinga, mandinga puro. Sané, Bramankumba ninfi, é mandinga puro, é como os “Embalós” são em fula, régulos, nós também na etnia mandinga somos régulos de mandingas. <i>Naquela altura de infância o que mais faziam para além de lutarem uns com os outros?</i> Lutávamos e brigávamos, e depois continuávamos a ser amigos, os nossos pais não brigavam por causa dos nossos problemas. Não é como agora, quando as crianças brigavam, os seus pais entram em conflito.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Vais-me perdoar, sabes os mandingas e fulas são muito diferentes. Muntrundadi (-), nós não gostamos disso. Tudo o que acontece quando vamos ver as miúdas, é lá que fica. E quando estava a crescer tinha sempre relacionamento com fulas, vivi com os fulas de Gabú e depois fui viver com fulas de Guiné Conacri durante muitos anos. Naquela altura íamos divertir noutras tabancas até as tantas e íamos com as nossas miúdas, íamos também a sítios onde ouvíamos os toques de “dondon” (-) e lá íamos oferecer dinheiro aos “djidius” (-), e quando esses momento acabavam, pegávamos nas nossas miúdas e voltávamos de bicicleta para as nossas tabancas. Naquela altura vivíamos muito bem, não é como agora. <i>Naquela altura da sua juventude, quais homens eram exemplo para si?</i> Eu naquela altura, quando via alguém, respeitava porque alguém não deve ser menosprezada. Naquela altura não se menosprezava ninguém, agora é que isso começou, mas antes respeitávamos todas as pessoas porque não sabemos o que alguém sabe. Se dizes que as pessoas são iguais é só uma conversa, mas não somos iguais porque cada pessoa tem os seus segredos, sejam crianças ou pessoas mais velhas. Somos todos homens, mas nos diferenciamos, porque cada um guardava bem a sua masculinidade/matchundadi, ou seja, o seu segredo. Vocês hoje, cada um levanta e faz o que quer. <i>Sim, mas vamos falar dos tempos atuais. Agora quero que me explique se no tempo da sua juventude tinha algum homem que você dizia que se fores grandes gostaria de ser como essa pessoa.</i> Naquela altura não como agora, mas agora já há muito dinheiro, antes não havia muito dinheiro. Naquela altura, em Tchanha, Samadembel e Propana (pequenas aldeias à volta), havia um senhor dono de dinheiro que estava aí nessa zona, alguém gostava que os seus filhos fossem filhos desse senhor, porque têm dinheiro e tu (como pai és pobre). Quando um jovem quer se casar, e o pai e a mãe não tiverem possibilidades, vai nesse senhor endinheirado e pedes-lhe dinheiro, assim que vires alguma rapariga com a qual quer casar, vais ao teu pai e dizes-lhe a mulher que queres casar, mas o pai não aceita porque naquela altura é o pai que escolhe rapariga que o filho tem que casar, não é os jovens que procuram quem querem casar, são os pais que escolhem mulher para os seus filhos. Se tiver algum familiar próximo, o pai vai ali e pede filha de algum familiar para o seu filho. Mas podes, enquanto jovem ir trabalhar para a casa daquele senhor endinheirado para poder ter possibilidade de pagar o empréstimo com o trabalho agrícola só para poder ter possibilidade de casar com quem quiser e de preferência filho daquele senhor endinheirado. Com esse período longo de trabalho agrícola na casa desse senhor endinheirado, pensa-se até que é daquela família, mas ninguém denúncia que alguém que não daquela família realmente não é mesmo daquela família. Naquela altura, vivia-se em harmonia plena. Quando saíamos, emprestavamos roupas uns dos outros para poder ir visitar as nossas miúdas, não é como agora que se denuncia tudo, mesmo fazendo favor a alguém vai-se logo contar para que todas as pessoas saibam, mas antes isso não existia e vivíamos harmoniosamente. Os mais velhos eram muito bem respeitados. <i>E como era a relação ente os mais velhos e os mais novos?</i> Tudo o que os jovens devem tocar, deixava-se tocar, tudo o que os jovens falavam, deixava-se falar. Tudo o que os mais velhos faziam devia-se seguir, quando um mais velho via algum jovem num mau caminho chamava-o e dizia “sabes, eu sou o teu mais velho, vi-te num mau caminho, devias deixar esse caminho” e nós, deixávamos automaticamente, porque respeitávamos sempre os mais velhos.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Na sociedade de hoje as mulheres hoje estão danadas. Tirando as nossas mães, e as vossas mães porque somos os dois a falar, mas as mulheres hoje em dia estão muito danadas, porque vê-se mulheres a provocarem homens. No nosso tempo isso não existia, até para ver que alguém está com outra pessoa é muito raro. E mesmo vendo uma mulher casada com outro homem, o marido da mulher vai logo aos extremos. Por exemplo, há muitas pessoas que andam com facas, naquela altura havia matchundadi/masculinidade, havia aquele segredo. Até eu, tinha sempre comigo a minha faca. Mas também há pessoas que quando tentavas esfaquear nada lhes entra no corpo, porque há aquele segredo de masculinidade/matchundadi. <i>Mas atualmente, hoje em dia, como vê os homens e as mulheres?</i> As mulheres e homens hoje me dia não valem nada, as mulheres provocam e os homens são mais mulherengos. Mas agora, vê-se alguém que antigamente era mulherengo e agora fica a dizer que “antes não era bom tempo porque agora há muitas boas miúdas a crescer” senão, o tempo que já passou e até esta altura, tem render porque o não se pode continuar a viver na brincadeira, a pessoa também tem que ter seriedade, toda a hora estar “nice nice”, <i>mas você gosta de “nice nice”</i> sim, mas não na parte de brincadeira, mas gosto de me vestir bem e comer bem, para quando me encontrar na rua e dizer “este homem grande não envelhece”, isto também eu aceito. Pois, alguém que gosta muito de mulher repara bem nessa pessoa não é muito saudável e envelhece rapidamente, na parte das mulheres também. <i>Mas este tempo atual é assim?</i> Não há muitos homens que não são viciados em mulheres e também na parte das mulheres não há muitas mulheres que não são viciadas em homens, por isso é que há muitas mortes, só se não fores, mas há sempre funerais, fica só atento à rádio, nas notícias, todos os dias as pessoas estão a morrer, mas antes, passava 12 meses sem ouvir que alguém morreu. Mas agora todos os dias as pessoas estão a morrer.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado- E3 Mandinga, 73 anos, 10 filhos vivos (2 mortos), casado com duas mulheres e reformado.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Género é conforme, pode ser ofício ou o quê? <i>Pode explicar o que sabe sobre isso.</i> Sabes, isso de género não percebo, por isso não vou falar do que não sei. <i>Então podemos passar à frente?</i> Sim.
	A qual género considera pertencer?	Eu sou homem.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem, se casas a mulher e ela estiver na tua conta, és tu que vais ali utilizar. <i>É isso que é ser homem para si?</i> Sabes, são duas coisas, uma coisa de masculinidade/matchundadi e também do ofício da pessoa.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Como adulto, se não é como às vezes fico doente, outras vezes ando bem. Se estás doente não consegues fazer o teu ofício, eu sou alfaiate aqui ao pé do mercado de Gabú, passei por muitos lugares arredores. Mas como tenho dores nos pés por isso estou parado. <i>E se te perguntarem que tipo homem é, o que diria?</i> Para não mentir, só tenho estes dois trabalhos, e não sou preguiçoso, e sei que sou bom no meu trabalho.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Matchundadi são dois, há quem mostra a matchundadi para ir à guerra, mas eu nunca fiz isso, porque eu nunca fui à tropa, eu sempre fui alfaiate e lavrador, isso são os meus trabalhos.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Isso é só através do trabalho que pode demonstrar as pessoas, fora isso, pode-se mostrar através dos trabalhos de base, sou comité de secção da base de MADEM-G15 (um partido político guineense).
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Matchundadi de hoje em dia, cada um com a sua maneira de ser. Porque se tu dizes que é só o que entendes é que vais fazer no outro, sabes que isso poderá não correr bem.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Quando estou contente dentro do trabalho, demonstro a minha vontade mesmo não tendo nada mas se não tiver algo que te choça é só demonstrares a alegria. Mas quando fico nervoso abandono logo para não ser faltado ao respeito e não ser pago. Se estás a trabalhar com alguém têm que se respeitar mutuamente, caso contrário deve abandonar esse alguém com o seu trabalho.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Sobre as expressões das emoções, é o que estava a dizer, se te enervas, tens que conversar com a outra pessoa, caso não se estiverem a entender, cada um pode seguir o seu caminho.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Na minha infância, é só lavar, aprender a cozer na maquina e estudar Corão. De escola normal (português) nunca entrei só fomos matriculados. Mas eu, os meus filhos todos estudaram. <i>Como lidava com os seus colegas naquela altura?</i> Brincávamos, no jogo de bola não sou bom, mas brincávamos e jogávamos xadrez, também lutávamos uns com os outros, mas ninguém vencia, porque hoje posso bater o meu colega e amanhã ser batido por outro meu colega. <i>Como via os mais velhos naquela altura?</i> Os mais velhos, nós só seguíamos, tudo o que nos diziam nós fazíamos.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Não fomos a discotecas, só fomos ver os djidius (-), fora isso não fazíamos nada a não ser trabalho de campo. E não estudei muito, porque naquela altura se os mais velhos permitirem é que a pessoa consegue ir à escola, mas se não permitirem, não tem como ir, tem logo que ir trabalhar nas bolanhas.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Hoje em dia, só devemos andar em harmonia e não levar as coisas no abuso. <i>Mas acha que os homens hoje em dia são muito abusados?</i> Há homens que não têm bom pensamento e há pessoas que abusam nas suas famílias quando não estão normal, mas há mulheres que para conversar com elas, elas não aceitam e tentar mandar no homem, mas isso não está bem. <i>Para a mulher mandar no homem isso não está bem?</i> Não, isso não está bem. <i>O que está bem é para o homem mandar na mulher?</i> Sim, mas é por isso que lhe trouxe na minha casa e se não quiser fazer o que eu mando, será que ela quer continuar comigo? Se a mulher render para ti também poderás render para ela. <i>E os homens também podem se render perante as mulheres e as mulheres depois se render perante homens não é?</i> sim, é assim.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado – E5 Mandinga, 69anos, natural de Cabuca, 7 filhos, uma mulher e agricultor.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Gênero	O que entende por género?	Não sei responder isso. Mas acho que é homem e mulher.
	A qual género considera pertencer?	Macho.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Para mim é quem trabalha para o bem da sua família. Não ser violento ou machucar outras pessoas. Isso é ser homem.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Agora só me sacrifico para o meu futuro, arranjo tudo o que for preciso para a minha mulher e os meus filhos. No meu trabalho de campo também continuo a trabalhar e a mostrar a minha masculinidade/machundadi. Sou uma pessoa muito trabalhadora.
Masculinidade	O que é a masculinidades/machundadi?	Dá-se em uma ou duas parte: na coragem e na categoria.
	Como manifesta a sua masculinidade/machundadi?	Primeiro, a masculinidade/machundadi é segredo. <i>porque dizem que é segredo?</i> Os homens muitas vezes não demonstram assim só as suas masculinidade, é só quando estão em estado de alerta.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Masculinidade/machundadi dos homens da Guiné é muito na base de malvadessa*, a pessoa que está a frente não avança e não deixa quem está a atrás avançar. É tudo uma questão de egoísmo. E quando vejo um homem a expressar as suas emoções de tristeza, ao chorar é uma questão da falta de calculo. Porque há bem o mal também vem, então devemos estar preparados.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Eu mostro sempre quando fico mal ou contente com outras pessoas, não procuro esconder.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses? (<i>Dizem que os homens não devem chorar. Se um homem chora é um homem fraco, para si que tipo de homem é?</i>)	Para mim, um homem que chora é fraco, porque deve aguentar bem, porque não é sempre que as coisas vão correr bem. E ao estar contente, deve sempre avisar, para que as pessoas saibam que está muito contente.
A formação da masculinidade	Como foi a sua Infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Na minha infância, saíamos para procurar animais no mato para comer, íamos ao rio para comer, procurávamos mancarsa, tambacumba, peixe e muitos outros alimentos da mata que íamos buscar, às vezes em grupo, outras vezes não. Brincávamos com jogos de pó, uma espécie de ténis. Eu via homens a fazerem as suas atividades a parte. Às vezes nos levam a buscar mel ou a caçar. Eles eram muito trabalhadores e tudo era manual e com arado, agora é que há tecnologia, mas antes nada disso.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Antes não havia discotecas, havia espaços de luta onde todas as pessoas frequentavam para assistir. Discoteca só veio a existir depois da luta. <i>Como se relacionava com o seu pai ou avó.?</i> era uma relação em que cumpria sempre as ordens e os pedidos deles sem resmungar, mesmo que seja longe eu teria que cumprir a ordem do meu pai.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Cada tempo com o seu sol, antigamente cada filho respeitava o seu pai. Mas hoje os filhos chamam os pais de “cotas”, para mim chamar alguém grande “cota” não está no respeito, Há três nomes que se deve dar aos colegas do seu pai, ou pai, ou tio ou dona, mas “cota”, isso não está bem, mas é a mudança de sol, o sol de agora é diferente do sol de antigamente, porque agora não há respeito.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÉNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Etnia Bijagós

Entrevistado – E1 Bijagó, agricultor. 48anos, 3 filhos.

Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Existe género masculino e feminino. Entendo que é união, porque é quando quisermos.
	A qual género considera pertencer?	Masculino
Ser homem	O que é para si ser homem?	É quando consigo engajar, criar a minha família, sentir pena e assumir o meu homendadi*, criar um projeto que não vai ter fim e vai-se alastrar, tenho que ser exemplar e assumir a minha responsabilidade com as outras gerações que viram.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Eu me descrevo como homem desde quando aprendi esse meu trabalho, e com estes trabalho que aprendi e aproveitei com a minha família. Porque qualquer alguém que aceitou aprender com os seus mais velhos consegue ter a capacidade de separar o mal do bem. De todas as maneiras que não possas estar numa escada alta, mas poderás perceber a vida porque conhecerás sofrimento, separar o mal do bem, conhecerás o seu lugar e isso é assim. <i>E se te perguntam que tipo de homem é, o que diria?</i> Eu sou um homem que pensa no trabalho e pensa no futuro, e a minha preocupação hoje em dia é ver o meu país desenvolver e que cada um possa estar ocupado no seu trabalho e só com trabalho e ocupação de cada um de nós é que vamos poder desenvolver o nosso país.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Para mim é quando atinjo alguma vitória, e quando os meus filhos começarem a rebelar de acordo com os meus sonhos, obras e passos que já tinha começado. Para mim isso é o que vitória para minha masculinidade/matchundadi.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Manifesto quando estou numa boa ação e fico contente comigo, o que me faz cobertura através das minhas iniciativas que poderão ter alguma continuidade depois.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	É manifestada através das razões, ou seja, alguém acha que tem razão procura essa afirmação da sua razão e até passa a ter culpa. Masculinidade/matchundadi não é solução, porque não há ninguém que não é macho, mas é masculinidade/matchundadi aquele que inspira o seu conhecimento para um bom futuro, porque há machos que quando estão em uma determinada morança (conjunto de casas a volta) não pensam noutras casas ou noutros parceiros ou irmãos, para mim isso não masculinidade/matchundadi. Quando penso em mim devo pensar em ti, para mim isso é matchundadi porque somos todos motivo deste chão e devemos pensar uns nos outros porque sem eu tu não consegues fazer nada e sem tu não conseguirei fazer nada. Toda pessoa que é tida macho é aquele que pensa no bem, e quem pensa no mal é um homem errado.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Por minha vez, reajo quando um mal aparece em mim, a minha primeira preocupação é procurar a solução desse mal e ultrapassar esse mal para uma coisa feliz. Na verdade homendadi não é ficar preso no mal e continuar a inverter o mal para que continue a ser para si próprio e para outras pessoas. Eu não sou assim, eu procuro sempre formas de ultrapassar esse mal, seja alguém que falhou comigo ou simplesmente acordar de mau humor. Porque aqui, em África, de todas as formas que se quer ser humano, haverá sempre pessoas que vão te contrariar ou que vão gostar de ti, mas eu não fico preso a pessoas que me contrariam, e sempre digo, quando alguém me contraria é porque essa pessoa não me entendeu, mas sempre não fico desencorajado e procuro sempre convencer essa pessoa daquilo que penso e daquilo que estou a fazer.
	Como vê a expressão das emoções nos homens guineenses	O que vejo com os homens guineenses, é falta de saber reparar porque onde eu vejo, pode ser que tu não consegues ver aí, e onde esta criança vê, também não pode ser que não conseguimos ver aí. E a nossa cultura aqui na Guiné é que eu gosto daquilo que é meu, mas não gosto daquilo que é nosso, posso estar aqui a oferecer-te mas nunca mostrar-te o caminho para tu conseguires também a mesma coisa, isso é que é amor. Porque quando trabalho para o meu estar devo desejar também isso para ti e é isso que se diz que “os homens estão a pensar numa só cabaça”, mas quando pensas na tua cabaça e eu também na minha, e não vieste para unirmos, porque podés remar daqui até ali e eu daqui até ali, mas se unirmos podemos chegar mais rápido, caso cada um demorasse duas horas, pode ser que nós os dois juntos demoremos menos do que esse tempo e é isso que é difícil. Gostamos um do outro, mas é só aquela questão de que cada um de nós quer ser o autor, o protagonista principal. Mas desde o início do mundo, temos dirigentes, o seu filho ou neto pode ser líder e temos que respeitar a direção que alguém nos leva.
A formação da masculinidade	Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Cresci no meio de uma família gigante, não havia riqueza, mas havia amor. <i>Que tipo de amor havia?</i> Amor, de se ser sem ambição, onde alguém tira alguma coisa e oferece sem pedir dinheiro em troca, alguém tira uma mulher e dá ao seu amigo, alguém tira uma filha e oferece ao filho do seu amigo sem pedir nada em troca, era um amor verdadeiro. Mas agora, para o mundo de hoje, se não tens dinheiro ninguém consegue fazer nada para ti, não serás considerado seja em que meio social estás, ninguém consegue te dar ouvidos. <i>Em que ambiente cresceu, como foi a sua infância e o que fazia, como via os homens naquela altura?</i> Naquela altura, eu ia à escola, e depois ia trabalhar. Os meus mais velhos me instruíram muito bem, apesar de que a sorte é que é curta, mas eu com a minha obediência, digo graças a Deus, mas os meus mais velhos já desapareceram todos, mas a relação que existia em 1970 é diferente com o mundo de hoje, porque hoje quando uma criança acorda procura pão e leite etc., mas nós quando acordávamos encontrávamos o nosso pequeno almoço nas bolanhas, se é chabeu (fruto das palmeiras) que sobrou, combé*, eba* (tarafe), o enhano*. Eba é tarafe, cai da árvore e as mulheres idosas vão colher e enterram, fica podre e bem escuro, pegam nisso lavam e tiram aquela flor que fica dentro dela e depois fervem. <i>E enhano é o quê?</i> Também é mesma coisa na forma de preparação, enterram e depois tiram só quando estiver podre e fazem aquele preparo, mas acompanhado de batata, óleo de palma e depois comemos. Mas eu quando estava a crescer demorava imenso para estar doente, a única doença que me apanhou é o sarampo, que era muito frequente naquela altura e entravam nas tabankas para nos levarem a hospital, e nós sobrevivíamos sempre de produtos naturais da terra. <i>Naquela altura que era criança e até na sua adolescência, como via homens naquela altura que estavam a sua volta?</i> Homens naquela altura eram homens ativos, homens de decisão que tinham coração, apesar de não terem ganhado visão de poderem moderar através do tempo em que estamos hoje. Porque nós hoje em dia, vemos alguém a prevenir o futuro do seu filho, mas antigamente não vemos isso, só vemos alguém a ter 4,5,6 mulheres, mas hoje já não é assim, porque só quem tem muita riqueza é que procura ter mais do que uma mulher, mas antes as pessoas não tinham riqueza mas ainda assim tentam casar mais mulheres. Os homens se levantam para trabalharem, acordávamos bem cedo para lavarmos o arroz das bolanhas, mandioca, e quando as frutas estavam maduras, eu e os meus irmãos íamos para o campo e quando em 1981, um pouco depois de saída do Luís Cabral no poder, havia muitas frutas como melão, melancia, mas agora não há disso, toda a gente hoje, africana, principalmente aqui em Bubaque, só andamos a procura de arroz, não vemos muita mandioca, melão, nhambi*, melancia, e isso tudo não existe, só vemos arroz e cajú. E já não vemos crianças nas tabankas a irem pedir informações juntos dos homens grandes (idosos), tudo ficou perdido. Mas para mim, a educação do interior do país é muito rica, porque se lembrarmos o tempo dos nossos pais, eles davam luz e davam atenção na sua totalidade mesmo com pouca riqueza, mas hoje está muito difícil e o ambiente está totalmente estragado. <i>E que tipo de homem copiava naquela altura?</i> Eu copiava um tio meu, que sempre quando saíamos juntos mostrava-me através das suas palavras o que é homendadi, e o que me dizia sempre é “quando alguém quer ser alguém de verdade tem que sofrer, tem que dar vida para o sofrimento, porque haverá pessoas que vão gostar e outras que não vão gostar. E os que não te compreendem tens que fazer amizade com eles e fazer-lhes entender que não estás a pensar na maldade, só estás a seguir o que vais querer que os teus filhos sigam um dia”. porque tudo o que preparas, os teus herdeiros vão sobreviver disso um dia.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Vejo a sociedade guineense como, temos que ver primeiro o passado e fazer comparação com o presente, por minha vez, vejo a sociedade guineense muito rica, mas a nossa forma de trabalhar essa riqueza é que nos falta e é aí que está o problema. Temos problemas, mas também não temos problemas, mas é sobretudo falta de saber pensar rápido. Foi atraso para nós, mas eu acho que a na nossa sociedade, gostamos um do outro, somos obedientes um com o outro, mas não conseguimos aplicar isso. Porque todas as mensagens do bem que passa de um lado para o outro pode ser benéfico para todos nós, mas isso não acontece.
---------------------------------	---	---

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

Entrevistado – E2 Bijagó, 47anos, professor, 5 filhos.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Gênero	O que entende por gênero?	Gênero para mim, entendo-o da maneira como estou sendo macho, independentemente da forma como sou macho tenho algumas funções que desempenho como sendo macho, em relação a fêmea e ela também tem as suas funções. Na língua bijagós dizem que é a sobra, ou seja, as fêmeas são a sobra, porque há coisas que consigo fazer que ela não consegue fazer e noutras parte há entre nós quem tem arranque e outra não tem.
	A qual gênero considera pertencer?	Neste caso, o meu gênero é igualdade entre tudo. <i>Sim, mas você qual é o gênero que pertence?</i> Considero-me macho, ou seja, eu sou masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem para mim, sem fugir da minha conceção bijagó, há etapas em que é considerado homem e etapas em que ainda não é considerado homem. Mas na língua geral, homem é homem, que tem matchundadi (o sexo masculino) diferente da mulher. Na etnia bijagó, diz-se homem quando chega a uma certa idade e pode responsabilizar-se da sua casa, mas aquele termo que se assume que homem é quem tem matchundadi e mulher é quem tem a femeandadi. Mas para nós, homem é aquele que tem uma certa noção de assumir a sua responsabilidade, por exemplo, como eu, tenho a minha responsabilidade, tenho a minha família, os meus filhos e posso até receber outros familiares porque já sou homem.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Bom, eu me descrevo como adulto desde que tenho alguns meninos em casa, porque também já não devo fazer as mesmas coisas que os meus filhos fazem, limito-me em não fazer certas coisas como jogar, ou ir correr, porque ao jogar ou a beber álcool na rua alguma coisa pode acontecer e os meus filhos podem ficar mal. Quando decido beber um copo faço-o em casa, sem deixar mal os meus filhos. <i>Como pai de família como gere a sua relação em casa, com a sua mulher e os seus filhos?</i> Eu lido bem com a minha mulher porque temos tudo aberto, assim para os meus filhos poderem estar mais tranquilos. Eu digo sempre a minha mulher “ <i>vês, sentamos aqui como família mas temos que ter uma gerência para que a nossa família possa estar mais feliz e harmoniosa</i> ”. Mesmo quando fores embora, vou chamar os meus filhos e repreendê-los para não voltarem a fazer ou a ter o mesmo tipo de comportamento como aquele que tiveram estes momento. Eu costumo sempre falar com eles de uma boa maneira.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?; Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Manifesto da seguinte maneira, como quando chega um determinado momento difícil é aí que se consegue saber que certa pessoa é macho, porque é quando consegues aguentar momento difícil e também um momento bom. Por exemplo, agora é dito que a guerra da Ucrânia, tudo torna-se difícil conseguir, para conseguir chabéu ou peixe tem que se virar imensamente para que se possa alcançar isso e garantir a alimentação em casa para ninguém passar fome, então é nessa minha viragem que demonstra a minha masculinidade/matchundadi.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Os homens da Guiné-Bissau mostram as suas emoções e masculinidade/matchundadi com muita arrogância, ninguém mostra a sua emoção de uma forma civilizada, cada um leva pelo insulto, brutasco*, difamação etc...
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Se estou contente mostro em termos de, por exemplo, como tenho família revelo para minha família. Mas demonstro a tristeza como quando não consigo um bom peixe para a minha família, consigo estar triste mas não demonstro, mas fico mais contente quando vejo os meus filhos comerem bem e beberem sumo. <i>Como lida com a pessoa que lhe trata mal, de que forma reage quando sente mal com uma determinada coisa ou pessoa?</i> Quando não estou contente com alguém, por exemplo, eu sou católico, benzo e rezo para estar mais calmo, por exemplo como o meu filho mais pequeno está a fazer barulho, procuro sempre ficar calmo porque se fizer qualquer coisa posso-lhe aleijar, mas chamo-o e falo com ele para não se comportar de uma determinada forma.
A formação da masculinidade	Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Bom, eu na minha infância era muito irrequieto e gostava muito de brigar, mas também eu era um miúdo que gostava muito de ser mandado, mas como sou mais fraquito é por isso que me leva a brigar, porque como me vêm mais franco arranjam-me confusão e qualquer tentativa brigo logo. Mas também tinha sempre colegas que gostavam de mim e eu sempre dizia para evitarmos, outros colegas ficavas às vezes surpreendidos com algumas das minhas reações de evitar dos problemas, mesmo que tenha razão dizia sempre para evitarmos. Se saímos eu era quem procurava manter a paz entre nós. Depois disso, eu estava na ponta (tabanka com ligação a uma bolanha de lavoura), eu aceitava ser mandado, mesmo nas altas horas da madrugada se me chamassem eu ia fazer o que me pediam, e o meu pai praticava aquela pesca tradicional de empan*, é aí que o meu pai começou a perceber que podia ser um bom homem. O meu pai me mandava com uma distância de 18kilometros e isso também contribuiu para que todos os mais velhos da tabanka gostassem de mim. Eu fazia tudo o que me pediam na altura, vigiava arroz, marcara (amendoim) e muitas outras coisas para o bem do nosso cultivo. Houve um período que me lembro bem, fui pedir ao meu pai mancara (amendoim), e ele não aceitou dar-me amendoim, e eu lhe disse: “esta mancara que eu vigiei e hoje não me quer oferecer, hoje esta mancara vai-se queimar todo”, eu gostava de pedir algo e conseguir logo, e fui na pasta dele e tirei o fosforo, acendi um pano e deixei ao pé da casa de palha, e toda a tabanka se queimou, fugi e fui para o mato. E de repente começaram a gritar “fogo fogo” e toda a tabanka ficou queimada por causa do vendaval que havia, conseguiram-me descobrir por volta das 20horas da noite e no dia seguinte as pessoas foram a casa do meu pai e começaram a insultar-me e algumas diziam que era destinado a acontecer. E é nisso que reflito hoje em dia, tudo o que os meus filhos me pedem faço questão de cumprir, porque sei do que passei na minha infância. Passei aquela fase de grande transformação, mudei bastante depois daquele incêndio provocado por mim. E depois vim para aqui, por causa da escola, saí de Orango Grande para Bubaque, quando acabei o ciclo alguns colegas voltaram, e eu continuei, na altura tinha 13 anos, naquele ano, em 1987, veio Nino Vieira e Teadora Inácia Gomes, deram bolsa a filhos de boa gente, eu era um bom aluno mas não consegui ter acesso a bolsa interno.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Quando acabei fiquei um ano letivo sem estudar e decidi ir para Bissau, fiquei na casa do meu irmão, disse-lhe que queria estudar mas não lhe disse que vinha pedir bolsa para estudar, junto da Teadora Inácia Gomes, mas disse-lhe que a Teadora que tinha ido a Bubaque me disse para vir ter com ela. Quando cheguei ao fiquei na porta a ver pessoas a passarem, e uma mulher que estava a fazer limpeza perguntou-me o que estava ali a fazer, disse-lhe que vinha ter com a tia Inácia. E a senhora informou-me que ela estava ocupada, depois de ter reparado que a Teadora estava livre ela foi lá informar que a estava aí um jovem que queria falar com ela. E a Teadora mandou-me entrar, e nesse encontro ela decidiu colocar-me no internato de Morres, e deu-me dinheiro para fazer compra e tudo o resto, no dia seguinte, vim cedo e o condutor dela levou-me até a paragem e fui apanhar carro para o Morres e diretamente para o internato. Quando cheguei entreguei o guia para o diretor, mas antes o estudantes de internato receberam-me com grande entusiasmo e cada grupo queria que ficasse com eles. <i>Na altura tinha muitas coisas para fazer, mas não conseguia fazer tudo e as coisas começaram a enfraquecer, porque Morres tinha alguma ligação com Cuba, mas as coisas começaram a ficar mais difíceis daí e fui para Farim, quando cheguei a Farim fui para casa da minha irmã e passado algum tempo ela foi transferida para uma outra localidade e ela deixou-me na casa da mãe de Simões, mãe de Simões, qual Simões?</i> Domingos Simões Pereira. Passei alguns momentos difíceis e depois fui para a igreja católica e mais integrado e comecei a jogar na equipa de Farim, e até queria ser padre mas como jogava muito e tinha muita fama, as tantas engravidei uma miúda. Mas na altura algumas pessoas mais velhas nos diziam “podem ser padres até conseguirem ir estudar e depois decidem”. mas depois fiquei assim continuei a jogar, na altura ou se era professor, condutor ou professor. Mas na altura ganhava mais rendimento como

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

		sendo fotografo e como não consegui ir estudar com dinheiro que tinha guardado passei a integrar no sistema educativo e agora sou professor, mas colaborei mais com os projetos. E depois comecei a sentir-me mais a vontade e participei no concurso público e agora já sou efetivo. <i>Como via homens naquela altura?</i> Eu via que os homens naquela altura, mesmo homens de Orango Grande, Bubaque ou Farim, como homens sério e diziam sempre “nunca olhes para o carroço de alguém, porque ao olhar serás obrigado a pegar nesse carroço que não é teu”, na altura se errar és logo repreendido. Mas houve um momento que entramos em alguma ação, íamos sempre roubar banana para enterrar e quando passar algum tempo tirávamos para comer, mas um colega nosso que era muito mulherego chegou a ir tirar a banana antes de decidirmos para oferecer a sua miúda, mas nisso comeram e deitaram a casca nas redondezas. E depois foi descoberto e ele chamou-nos a todos e desaparecemos, alguns de nós pediram desculpas e outros foram tirados o cabelo. <i>Qual é o significado de ser tirado o cabelo naquela altura?</i> É para ser castigado, naquela altura ninguém tirava cabelo a limpo, na cabeça. Mas se for para ser repreendido, uma das coisas é ser tirado o cabelo de cabeça para ficar careca.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Não vejo com bons olhos, <i>porquê?</i> Porque nós, africanos, particularmente os guineenses, gostamos muito de copiar. Os homens e as mulheres atualmente gostamos muito de copianços*, se for os homens e as mulheres de antigamente vejo bem porque ambos sabiam e se entregavam um ao outro. Mas agora no contexto atual, não vejo com bons olhos porque os homens também as mulheres não se entregam um ao outro porque ninguém procurar sofrer pelo outro, porque até dente e a língua brigam, mas duas pessoas não conseguem aguentar e gerir melhor os seus problemas. Agora neste momento todos devem lutar para melhorar esta situação, não há muita confiança entre os casais.
Entrevistado – E3 Bijagó, 63anos, 5 filhos, uma mulher, reformado, etnia Bijagó de Orango Grande.		
Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	É masculino e feminino.
	A qual género considera pertencer?	Eu pertença ao masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Homem é aquela parte que sempre se junta com a fêmea para poder multiplicar a família.
	Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Eu hoje sou um homem que passaria a tolerar muitas coisas dessa lista que tinha escrito com a caneta vermelha. Mas agora já compreendo que saí de uma fase para outra e de uma certa sociedade para a outra, lá no continente é totalmente diferente da forma como se vive na terra dos bijagós.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi?	Homendadi/matchundadi/masculinidade é a capacidade de se juntar com a fêmea para multiplicarem a vida. Matchundadi é aquela reação e capacidade de dirigir aqueles dois género, quer dizer se formos ver macho e fêmea, macho quer sempre demonstrar que é mais duro, mas depende muito da situação.
	Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?	Eu assumo todas aquelas coisas que vejo que é duro para a minha família, mas nem sempre consigo.
	Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Como falamos a bocado, também existem mesmos espaços para as mulheres, mas a falta destes espaços deixam-nos muito mal. E vejo todos como muito perturbados por causa da modernização, civilização e da evolução. Agora é muito diferente, porque homens que eu conheci, primeira coisa conhecemo-nos ao nível das tabankas, quando íamos ao campo da lavoura saberei logo quem é que me consegue ganhar logo no luto, também sabemos nesses espaços quem é que poderá ser um futuro líder. E isso não existe agora. <i>E como é que as coisas estão hoje em dia?</i> Masculinidade/matchundadi é dinheiro e um bocadinho de malcriadessa* (falta de educação), porque alguém pode pegar num garrafa e partir e depois seguir para agredir outra pessoa.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?	Eu sou um homem um bocadinho calmo, não entro muito em... quando sinto dor de sentimento ou dor de coisas que não estão boas, neste último consigo ser mais ríspido para tentar que as coisas fossem mais equilibrados.
	Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?	Emoção de alguém para mim depende de muitas coisas, hoje em dia os jovens bebem muito e passam a fazer coisas que a própria bebida lhes obriga a fazer. Vê um homem hoje em dia, mesmo que seja um homem adolescente passa a beber muito. Na verdade não há muito respeito para as pessoas mais velhas e as pessoas mudam de comportamento confirme aquilo que consomem.
A formação da masculinidade	Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Quando estava a crescer, gostava sempre de pessoas como eu, cresci sempre a volta de grupos, gostava de irmão e colegas e isso fez-me aprender muitas coisas em relação a amizade e rejeitei sempre coisas que não estavam boas no nosso meio. Eu era sempre querido no meu grupo por causa da minha maneira, não diria que eu era líder, mas estava sempre à volta dos colegas e ponderava sempre ver as coisas de uma forma muito sensata, é esta a minha maneira. <i>Como é que cresceu? Quando estava a crescer no Orango Grande o que fazia quando era criança?</i> Cresci no Onu Grande, e quando estava a crescer o meu pai levou-me para o Orango Grande para ir estudar ali porque a escola ali é mais duro e os filhos dali é que lecionavam. Sabes Orango é um bocado mais duro, por isso é que a escola ali queres ou não tens que ir. <i>Como é que, com aquele tempo da sua escola, via os homens naquela altura?</i> Perguntou uma boa coisa, porque quando estava a crescer comecei logo a definir a minha vida futura, uma coisa para mim não podia admitir, por exemplo, um homem casa-se com uma mulher e divorcia-se e passado três anos eles voltam a ficar juntos. Eu tinha dois tipos de caneta, um azul e uma vermelha, e essa coisa eu risquei com a caneta vermelha. Eu diria logo não, não vou mesmo fazer isso. Eu tinha uma seria de coisas que não vou querer admitir um dia. Olha por exemplo, em Bafatá havia muitas linguanas (lagartos), e sempre matavam e depois dizia-me “tu és bijagó não comem isso”, e com isso passei a não comer. Mas antes comia isso quando estava no Orango Grande, mas depois deixei de comer isso.
	como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Eu via tudo em volta de gestão de família e que não começaria uma relação com uma mulher, depois de ter terminado voltar novamente a estar com essa mesma mulher. Eu gostava de voltar a ter essa minha lista de antigamente, porque tinha muitas coisas escritos e que eu repudiava.

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	São pessoas muito perturbadas, e com a mistura de muitos outros povos com as nossas realidades locais fez com que estejamos todos perturbados hoje em dia. As pessoas não vivem como antes, se eu sou de Orango consigo saber da minha linhagem, e saber quem são os meus pais e também conhecer bem a minha família, respeitávamos uns aos outros e se saímos basta termos um pouco de dinheiro e outra pessoa também tiver passamos todos a esquecer de onde vimos, e as nossas relações ficam ocas. Outra coisa que vigora é o caso dos fanados, ao saber que eu fiz cerimónias se me falharem um dia, poderemos encontrar num encontro da nossa ilha e poderei contar os outros mais velhos que estão aí presentes e contar a forma como me tratou. Nós temos um centro de educação chamado Kadjiké, onde ensinamos os jovens a se tornarem homens, num espaço fora da tabanca e também temos mesmo espaço para as raparigas. Por exemplo, quando um jovem vai a pesca, ao voltar não deve passar sem deixar um peixe para os mais velhos, porque esse senhores contribuíram de forma direta ou indiretamente na sua educação. Kadjiké significa Centro de Formação Tradicional para Jovens e Crianças Bijagós.
---------------------------------	---	---

Entrevistado - E4 Bijagó, 55anos, condutor, 3 filhos, uma mulher, nascido na Ilha de Uno

Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género? A qual género considera pertencer?	Género, podemos dividir em duas partes. Sabes, existe género masculino e feminino. Numa conversa curta género fala de homens e mulheres. Masculino.
Ser homem	O que é para si ser homem? Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?	Para mim, homem é a cabeça. Porque Deus, quando começou o mundo, começou com o homem, mas como viu que o homem não produzia, criou a mulher para ser parceira do homem. E como homem estava isolado, criou a mulher. Em todo o sentido, homem é a cabeça. Eu, quando me casei ganhei mais responsabilidade por mim e para a minha mulher, procuramos sempre partilhar as coisas um com outro. <i>Como se descreve como homem, depois de ter casado?</i> Quando casei ganhei uma outra forma de pensar, a minha luta maior é a construção do meu futuro, depois de ter casado, assumi todas as responsabilidades, e a minha luta foi sempre concentrar a família e o meu trabalho é quase sempre com a minha mulher, partilhando sempre as coisas com ela.
Masculinidade	O que é a masculinidades/matchundadi? Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi? Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?	Masculinidade/matchundadi/homendadi, para nós de forma geral é, sabes, muitas vezes, demonstras, por exemplo, pode-se ter um espaço onde as mulheres dizer que não podem ir por que têm medo, mas se é homem, dizem ser macho porque têm matchundadi e ousam ir nesse espaço sem medo. Eu manifesto de várias maneiras, mas quando falo da minha matchundadi, vou tocar na minha infância, mas como dizes ainda não chegamos nesse ponto. Bom, a minha masculinidade/matchundadi, mostro mais no meu trabalho, como vos estava a dizer, eu já não trabalho desde 2016, mas eu sou homem produtivo, porque se alguém mostra que é macho, eu mostro que sou ainda mais e de muitas forças. Há coisas que muitos homens não fazem e que eu faço. Eu sou profissional, tenho a carta pesada e eu passei a amar mais profissão que o meu pai me ensinou, do que a minha profissão de condutor, <i>qual é a profissão que o seu pai lhe ensinou?</i> O meu pai me ensinou a subir a palmeira, e extrair vinho de palma, ensinou-me a lavar e aprendi muito bem. Quando estava a vir cá (Bubaque) estudar em 1982, era uma história gigantes, e olha essa pessoa que está a passar faz parte das pessoas que sabem bem da minha história, ela era a filha do falecido Domingos Alves. Quando estava a vir cá estudar, disse ao meu que vinha estudar, e ele ficou muito chateado, porque eu era muito aplicado com os trabalhos que ele me mandava fazer, o meu pai morreu muito cedo, e eu tinha 14anos, tenho três irmãs. O que tinha que fazer? Como o meu pai me tinha ensinado trabalhar, por isso, tudo o que o seu pai lhe ensinou..., porque o meu pai colocava a mão assim (em forma de tamanho de pessoas), e dizia “ se não valeres nada quando estás assim, não valeras quando fores maior que isso”, podes imaginar, lembrás que a escola começa no jardim, vais conhecendo as letras e depois vais subindo, porque a escola é a base, se não tens uma boa base, não terás muito êxito à frente. Quando disse ao meu pai que ia estudar, ele ficou mal e disse “vais estudar e depois não vou ter quem me vá ajudar” e calou-se. Passado um tempo, ele preparou cerca de 10 cordões de subir as palmeiras e um manchado e deu-me isso quando estava a ir estudar. Para mostrar a minha masculinidade/matchundadi é em quê? É em subir as palmeiras e trabalhar para pagar os meus estudos cá em Bubaque, e logo em 1984 fiz sexta classe e fui para bola continuar os estudos. Muitas vezes as pessoas demonstras as suas masculinidades/matchundadis tendo muitas miúdas, mas não é assim, é saber trabalhar e exercer trabalho de homem. Eu demonstrei isso em subir palmeira, trabalhar em várias coisas. Bom, naquilo que estás a dizer agora, os homens, muitos deles, com as suas formas de comportar, como eu estava a dizer, muitos mostram as suas masculinidades/matchundadis a ir assaltar a casa de outras pessoas, mas isso não deve ser assim, de-se cuidar da família e trabalhar muito assumindo a responsabilidade de toda a família. Vou-te dar um exemplo, eu admiro e até gostava de ser fula, porque são pessoas trabalhadoras e estão sempre a trabalhar e a andar de lado para o outro a procura de seu sustento, há um senhor Mamadu Bá, na Ilha de Uno, com mais de duzentas e tal vacas, é uma das únicas pessoas que mais vacas tem na Ilha. Algumas pessoas só têm 20 vacas e dizem ser machos e ricos, mas não.
Emoção	Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)? Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses? <i>O que</i>	Bom, Deus nos fez de várias formas. Eu sou homem, mas quando me enervo e me sinto mal reajo como as mulheres. Quando eu me enervo de verdade só me sinto bem quando me choro para libertar, não é igual como outros homem. Não sou de agir logo quando me enervo, porque desabafo no choro. Quando fico emocionado com alguma coisa, fico quente e não me sossego até conseguir essa coisa até ter essa coisa no meu poder. Libertam as suas emoções de várias formas que nós, os outros, não nos contenta, por exemplo, os homens felizes na sociedade guineense, maioria deles são aqueles que entendem por exemplo, não controlam as suas emoções e reagem logo com violência, e nós não somos assim, por exemplo, para não errar, isolo-me para poder desabafar. Pois, a violência não resolve nada. Podes imaginar eu é que sou Comitê deste bairro, mas escolheram-me por acharem que sei controlar as minhas emoções. <i>Como é ser homem Bijagó para si?</i> Admiro muito os homens Bijagó, porque são pessoas que amam as suas culturas e respeitam as suas identidades, são homens muito sábios, há homens bijagós que conseguem tirar alguém de Estados Unidos sem sair da ilha onde estão simplesmente a fazer alguma coisas que sabem, e podem re-caracterizar-te só vendo-te sentado num sítio, eram homens organizados o que leva a muitos homens a construírem

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÉNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

	<i>tem a dizer em relação às emoções nos homens?</i>	seus futuros, e hoje já não é muito frequente porque as pessoas estão mais ligados a escola etc.
A formação da masculinidade	Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?	Está bem. Vou falar um bocadinho da sua infância. A minha infância foi um bocadinho cansativo, e vim passar mais dificuldades também na minha adolescência, e algumas pessoas que estavam à minha volta também me ajudava de alguma forma. Eu era muito irrequieto, nasci na Ilha de Uno e levava-me para Unhukum, e quando cheguei a Unhukum, o meu tio também não aguentou porque eu sempre ao porto colher garrafas de sumo e tampas de garrafas etc..., e o meu tio levou-me de volta para Uno. E estou feliz agora por ter tipo filhos que estão a estudar, apesar de eu não ter tido alguém que me ajudasse a estudar como os meus outros colegas. Quando o meu pai e avó morreu, sofri imenso, porque ganhei mais inimigos. As pessoas diziam que eu “entregava” os mais velhos que eu na tabanca. <i>O que é isso de entregar?</i> Dizem que deixo os mais velhos envergonhados porque eu trabalho imenso e os mais velhos parecem não estar a trabalhar como eu. Tudo o que seu pai lhe ensinar se colocares isso na prática não cansará.
	Como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?	Os homens que estavam à minha volta tinha muitos homens que eu admirava, quando estava a crescer gostava muito de imitar os mais velhos, e isso permitiu chegar a mais alto nível, o meu primo tinha um rádio, quando esse rádio estragou o meu pai o arranjou por mim, e eu ia com os meus primos mais velhos para a lavoura, e aguentava o mesmo turno com os meus primos mais velhos, íamos desde manhã e só voltávamos à noite. E muitas coisas que eu aprendi na minha infância pratico até hoje e transmito para os meus filhos. <i>Que modelo de homem é que gostava que fosse?</i> Um homem com oeste que sou hoje, um homem tranquilo e que não gosta de ter problemas com ninguém. <i>Quem era assim tranquilo que você via como exemplo?</i> O meu avô, era um homem muito tranquilo, pai da minha mãe era um senhor que não gostava de problemas, um homem que lutava sempre para conseguir o seu bem-estar. E é nisso que inspiro, procurar sempre o meu bem estar e da minha família e gosto de copiar quem é melhor que eu, alguém que tem muito conhecimento para que eu possa aprender mais.
A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	Hoje quando falamos de homens na sociedade guineense, já não existem. Há poucos homens na sociedade guineense. As mulheres tomaram os lugares dos homens e isso tem a ver com as situações de vida. A nossa terra não está bem e isso obrigou com que os homens perdessem o poder, porque o que comemos hoje? Comemos hoje por causa da agricultura, por causa desta vida que as mulheres assumiram hoje, vendem peixes e legumes nos mercados e faz com que as mulheres sejam mais vistas do que os homens. A maioria das mulheres hoje são as que sustentam os seus maridos.

Entrevistado - E5 Bijagó, 47anos, 2 filhos, uma mulher e empreendedor

Bloco temático	Questões	Excerto
Género	O que entende por género?	Sabes o mundo mudou bastante, a forma de estar mudou bastante. Acho que a visibilidade hoje em dia... Para um homem como eu, quando fala de mim deve falar de raiz, sou um homem muito tradicional, muito ligado à cultura e muito ligado ao meu passado. E isso para responder as tuas perguntas. Eu vivo de acordo com esses valores e eu sou um homem, como vês, pelas minhas ações, sou um homem mundial, estou entre África, América, Ásia e Europa. Dentro da tua pergunta faz-me voltar o que há dentro de mim, aquilo que não só respeito mas aquilo que reage por si, de acordo com a minha cultura, com o meu passado e assim também espero olhar o meu futuro, mas respeitando. Agora, dentro disto, alguém que nasceu em África, não na cidade mas na zona rural, hoje em dia para estar em Portugal já possui uma certa visão daquilo que é género, e depois passar a viver na América consegue ver uma outra complexidade... Até não queria chamar complexidade, porque tu tens... (sabes isto é uma coisa que vais escrever, por isso vou ter que ter cuidado, porque é uma coisa muito sensível... especialmente se vivo só em África, seria mais tranquilo, por isso tenho que ter muito cuidado nas minhas palavras, risos...), <i>sim mas ainda não me respondeu o que é género</i> , por causa da sua sensibilidade... como é que uma mulher pode comprovar que é uma mulher e como é que um homem pode comprovar que é um homem? E eu, como é que consegues saber que sou um homem? Só porque causa das diferenças físicas, como é que eu te posso explicar, e depois não fica só aí aqui e há outras partes que têm a ver, por isso digo-te, tenho que ter muito cuidado porque sou muito frontal... pois agora ele está aqui com este rádio, pode ser que ele está a ser pago e ... passa para outra pergunta, para ver até onde vais chegar com estas suas perguntas, passa...
	A qual género considera pertencer?	Qual é a tua explicação sobre género? <i>Bem, eu como sendo investigador, não vou partilhar a minha conceção sobre género, mas no fim, poderei explicar-lhe melhor a minha conceção, e estou inteiramente a querer explorar o seu conhecimento sobre esta temática e vou estar simplesmente a fazer perguntas.</i> Então passa para outra pergunta.
Ser homem	O que é para si ser homem?	Esta está relacionado com a segunda pergunta. Se eu eliminar a palavra “homem” o que é que eu sou? A palavra “homem”, esta palavra deu-nos um outro tipo de alvo, até isso, pode-nos limitar e para não ter limitação, a palavra “homem” na sua diferença física e no seu instinto de sua responsabilidade, porque não se pode responder o que é ser homem a partir de um estrutura que acabou de existir desde 1970 e tal ou 1980 e tal, a partir de uma visão de uma sociedade com que a porta se abre para esquerda ou para direita ou a partir de uma parede onde se passa a mão e se acende a luz etc, ou através de homens que trabalham nas minas, não. Eu tenho que recuar mais para a sua energia, responsabilidade pela sua capacidade física de estar na terra com a sua natureza. Homem é um ser de estabilizar, de criar balanço onde quer que esteja, estabilizar em tudo, desde responsabilidade, na segurança, homem para mim está muito relacionado..., devo voltar para trás, para simplificar. Se estarmos no mato, ao falar deste mundo de igualdade entre homens e mulheres, não se vê uma mulher a subir uma groa para ir trabalhar, esse é um trabalho de homens, porque homem sabe que tem

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÉNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

		<p>uma responsabilidade de dar continuidade na vida, de proteger aquela mulher, aquela rainha e daquele futuro e isso é uma das primeiras coisas na criação. Então eu como homem, se a minha mulher estiver gravida qual é a minha responsabilidade? É protegê-la na sua segurança, naquela criação e naquele futuro, homem é aquele que deve existir para responsabilizar da sua segurança de criação da continuidade de vida, para além de comer e não quero entrar nessa parte. Isto é só uma parte da minha resposta. Porque um dos grandes problemas feministas que temos hoje em dia é o facto de as mulheres não saber o que é ser mulher e os homens não saberem o que é ser homem. Por isso quero responder-te desta forma, porque se estivermos no matto a minha primeira responsabilidade de homem é proteger a mulher de qualquer perigo, a minha responsabilidade é ir procurar, caçar e criar segurança e trazer para a mulher e meus filhos, porque o homem tem de existir também para dar continuidade de raça humana em conjunto homem e a mulher. Para acrescentar mais nesta pergunta, hoje em dia, esta situação que as mulheres procuram defender, até acho que os homens que estão a nascer hoje em dia, nascem já 75% mulheres, porque se tu homem, ficas em casa, a cozinhar e cuidar de casa no geral como sentes no teu instinto de homem. Porque desde que é a humanidade, qual rei europeu, africano etc..., que chegou a ter uma só mulher? Desde que entrou essa estrutura católica em África mudaram a nossa forma de viver e tornar os nossos relacionamentos simplesmente à dois. Neste sentido não quer dizer que a mulher deve perder o seu direito, e sua responsabilidade, e os homens não devem perder as suas características e responsabilidades de homem, mas podemos seguir porque a conversa vai longa.</p>
	<p>Como é a sua vida adulta? Como se descreve, enquanto homem?</p>	<p>Eu sou sempre um homem objetivo, procuro sempre alvo sem opções, não vejo atrás nem de lado, sempre em frente. Sei que tenho que safar na vida. Nasci num país onde há responsabilidades muito cedo, e fui sempre homem de responsabilidade, nós não tínhamos essa coisa de “a criação não sabe o que está a fazer” eu nasci e cresci a saber o que devo fazer. Já passei por muitas coisas, já arrastejei imenso, já me escondi, já fugi, mas aprendi isso tudo tanto na infância como no bairro das Marianas, tinha medo mas isso não me deixava sem fazer nada. Sou homem que aprende rápido e alguém que quer sempre ser. Então hoje em dia, imagina, saí da Guiné, ilhas, para Portugal, bairro das Marianas, e depois para America, Cidade de Harlem, Brookline, bronks* em tudo aquilo em que diziam que os bairros mais violentos e diferentes da América, adaptei e consegui sair bem, - e como era a sua vida na América? – estar atento contigo, protegeres a ti próprio, estive sempre atento nas ilhas, no bairro das marianas, e também nesses bairros de América continuei atento, porque são zonas muito perigosas e com muitas portas, na parede onde te encostas pode ser uma porta... Então só há uma opção, que é adaptares a realidade.</p>
<p>Masculinidade</p>	<p>O que é a masculinidades/matchundadi?</p>	<p>Sabes, a matchundadi não sei se existe noutra língua, <i>talvez masculinidade</i>, não, masculinidade é muito fino. Matchundadi é muito mais forte e tem a sua grossura e sua garra, matchundadi vem geneticamente, vem na forma de como és ligado por dentro, na forma como és trabalho, é visto na sua forma física e na sua invisibilidade de ação, na sua honra à sua volta. Alguém que tem..., a nossa diferença com as mulheres tem a ver com o nível de testosterona, há homens que têm menos, matchundadi vem disso, quem tem mais consegue ver e identificar logo. Porque os Homens não se misturavam antes? É por causa das suas matchundadis, ao ver um homem a chegar consegue perceber que está a chegar um macho, pois os riscos que assumem, as suas determinações, há homens que remam das ilhas até Bissau, fazem coisas extremamente arriscadas. Hoje em dia não se verifica.</p>
	<p>Como manifesta a sua masculinidade/matchundadi?</p>	<p>Sabes, para saber o tipo de homem que és é com a capacidade de controlar o monstro que tu tens dentro e isso também tem a ver com o nível de testosterona, de como é que vais reagir e agir perante outras pessoas, e quando consegues controlar esse monstro consegues saber como entrar e como sair, na forma de estar, de conviver. Hoje em dia uso a minha masculinidade/matchundadi uso de uma outra forma, não é a forma de derrubar um poilão, de derrubar casa, de dar soco etc., uso a minha masculinidade/matchundadi para saber ler, escrever, aprender língua, para adaptar a novas realidades e saber conviver. Se me perguntas como é a manifesto a minha masculinidade/matchundadi há quinhentos anos, devo dizer-te que até que estaria no matto e enfrento animais tirando a minha crista e depois de enfrentar esse animal ele nunca mais volta nesse lugar, porque a masculinidade/matchundadi antes é de buscar a todo o custo e poder trazer alimento para a casa. Mas hoje em dia é controlado, quanto mais controlo tiver mais sabedoria terás para saber entrar e sair e saber como viver no meio que te rodeia. É essa minha forma de manifestar a minha masculinidade/matchundadi.</p>
	<p>Como vê a manifestação das masculinidades por parte dos homens guineenses?</p>	<p>Eu via de uma boa forma se acontecesse da mesma forma como eu manifesto a minha masculinidade. Na Guiné-Bissau, como estamos de uma forma flutuante, devemos usar para adaptar e usar para adaptar ao que está a minha volta. Mas estamos num país onde não usamos a nossa masculinidade/matchundadi fora da forma como é a necessidade atual nos exige. Não se está a usar a masculinidade para se ser melhor. Estamos a zangar um com o outro, mas estamos a colaborar, devia ser aplicada de acordo com a necessidade atual do século, está-se a viver muito do passado, e não no presente e futuro.</p>
<p>Emoção</p>	<p>Como expressas as suas emoções, quando é Dor, Amor, Raiva, Tristeza e Alegria (...)?</p>	<p>Sabes, o mundo hoje está muito ondulado. A vida hoje em dia está muito ondulado. Os nossos mais velhos dizem sempre “<i>o sol nasce sempre no lado esquerdo e cai do lado esquerdo e isso nunca mais mudar, todos os dias, não se preocupe vai ser assim</i>” mas na verdade há coisas que nós hoje em dia perdemos muitas noções, por exemplo, se as plantas se fecham sabem logo que a maré está baixa, ou se a lua está inclinada sabem logo que haverá mais peixe no mar e não precisam de perguntar um ao outro etc, mas nós hoje perdemos esses saberes. Agora, dentro de emoções, podemos ver como será manifestações das emoções dentro de uma cidade maior, ou quando se está no matto, no meio das florestas com árvores de grandes portes, por isso, por mim, poderás ter sempre dualidade nas minhas respostas, por vivi em dois mundos, pois, não sou só homem da natureza e ao mesmo tempo da cidade. Então estando num mundo de ondulações e emoções constantes, tem que se viver como snipers*, um atirador, calculando ondas, distância, vento, o alvo, mas nunca vais falhar, sabes que, quando a porta é pequena vais ter que ir de lado, tens que criar uma visão de fora para dentro para saberes como és, de forma a poder controlar o monstro que tens dentro, monstro de felicidade, de amor, de raiva, tudo porque o mundo está em ondulações. Como cresci em mundos diferentes,</p>

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

		<p>há um mundo que me deixa invisível e não re-partilhar, quando estou com raiva tenho que procurar ginásio, tenho que procurar saco de boxe, uso esta técnica para adaptar e saber ajustar quando a porta é estreita. Portanto, a parte física e o desporto de combate ajudou-me em vários aspetos quando estou com raiva e saber acertar quando tenho um alvo, eu sou uma pessoa que não bebe e não fuma, mas sou uma pessoa que manifesta bem o seu contentamento nas festas ou espaços de diversão, porquê? Porque é a intenção que conta. E quando perguntas sobre o amor, é o re-partilhar do bem-estar, criar harmonia, o mais importante no amor é ter um bom parceiro ou parceira, não por causa da palavra confiança, ou porque gosto de ti, isso é egoísmo, pois é o que aprecio em ti que quero para mim, por isso é que gosto de ti. Mas se eu gosto de ti de verdade, é o que eu vou fazer para ti e não tirar o que tens para mim. Agora, quando está a chegar ao nível de amor de verdade, é alguém que se preocupa contigo, alguém que tem algum cuidado contigo, quase uma espécie de amor de mãe par ao filho, quando chegas a este nível é aí que está o amor, se é assim que reconheces dela para ti e de ti para ela, vai ser alguém com quem partilhas o amor verdadeiro. Então eu expressei o meu amor com tudo, eu gosto de ser vulnerável no meu amor, e quando tiver filho contigo serás logo a primeira e depois a minha mãe, neste sentido sou muito cor de rosa para as mulheres, para mim o amor tem que estar aberto... sabes estas coisas são muito confusas, aberto não é no sentido de não apreciar outras mulheres, mas isso não é amor, apesar de não poder negar isso, e muitas vezes os amores acabam por causa da falta dessa percepção.</p>
	<p>Como vê a expressão das emoções por parte dos homens guineenses?</p>	<p>Como é que homens expressam as suas emoções? Notamos que os homens expressam as suas emoções com as mulheres de uma forma falsa. Mas não uma expressão verdadeira com os nossos companheiros homens e não se está aberto a ser vulnerável tanto no amor ou noutras coisas etc. Devemos mostrar fraqueza, mas aqui quando se é aberto com outros homens dizem que a pessoa é fraca, e isso é mau, porque não é bem sinal de fraqueza. Falta aquela confiança mútua. Os homens devem estar abertos uns com os outros e saber que o companheiro homem é e deve ser de confiança.</p>
<p>A formação da masculinidade</p>	<p>Como foi a sua infância e que histórias nos pode contar relativamente a tornar-se rapaz e às masculinidades que o rodeavam?</p> <p>como foi a sua juventude e que recordações pode partilhar connosco?</p>	<p>Eu nasci num sítio quando um homem vai para cair é segurado por outros homens, mesmo quando esse homem morre, não fica no chão é colocado em cima. É Homo-Deus, que sente presença e orgulho, em tudo aquilo que está relacionado com a tradição. Homem que te dá totalidade de confiança para não te acontecer nada. Cresces numa tradição em que uma das coisas principais é a responsabilidade de proteger a si próprio e o que está a sua volta como cultura. O luto físico é uma coisa fundamental no meio onde eu nasci, quando alguém nasce, quando alguém morre, quando há uma festa enorme. Então pode-se fazer um concerto enorme, mas quando ouves que M. Tyson vai dar um soco com outro pugilista é aí que toda a gente vai, porque é a parte mais mas agressiva e natural leva-nos logo a ir ver a guerra. Então quando crescer nesse meio vendo pessoas a fazer esses lutos, consegues ganhar uma coisa inexplicável. Aí quando nasces nasces com autoestima, cresces sem saber como definir, porque já nasces com isso. Eu os chamo Homo-Deus, homem que te dá presença da totalidade, que te dão confiança para nada te acontecer. Então crescemos rodeado de Deus físicos, mas também temos Deus invisível. Cada poilão (árvore de grande porte) que temos numa tabanka está aí um chão sagrado que define cada carácter, orgulho e dignidade daquele povo. Imagina que cresces nesse meio quando derramas (-) derramas para Deus, que tu olhas a tua volta e vês a autoestima daquele Deus, homens de guerra e vês com olhos por organizam com a presença de todos. Onde não é só o físico que existe mas estás ligado muito à uma existência espiritual, onde o coração bate depressa com as histórias contadas, onde o medo existe sempre nas histórias que são contadas, onde os sinais existem e respeito é tudo em conta, e tudo isso são coisas que nós aprendemos muito cedo. Estamos muito ligados com aquilo que a natureza nos dá, não há nenhuma natureza sem um homem que a proteja, e de massa, e nós fazemos parte desta natureza, no seu chão que nós nos alimentamos, no seu chão que nós nos curamos, pois, se partes a perna covam o chão e colocam-te aí para te endireitarem, é na natureza através das plantas que sai o ante-biótico para muitas doenças, vê só a riqueza. Então, tudo o que chamam orgânico sustentável que o mundo moderno nos traz hoje, nós já fazíamos isso há imenso tempo. Vida de manhã vivemos com o que a natureza nos dá, plantamos arroz, feijão, mandiocas e muitas outras coisas que são mais caras nos mercados mundiais é o que é a base alimentar que temos. Em parte é assim que vivemos e conheço a minha vida, estamos ligados aos animais, quando estamos numa fogueira a noite os animais se juntam. Nós não matamos os animais pelo belo prazer, tem que haver propósito místico e espiritual. Passeámos pela praia, lagoa e rios, pastamos, quando via a linha do horizonte não via nada e ninguém, para mim é o mundo que existe e não havia mais nada. – como era a tua relação com os seus colegas? – nasci num mundo perfeito, dizem nesse mundo que só a partir dos 18 é a pessoa assume a sua responsabilidade, nós desde os 2,3anos já assumíamos a nossa responsabilidade, o de ganos cuida do outro que tem 4, o de 4 cuida do de 2anos, nós já tínhamos essa responsabilidade assumida... Lavrávamos, e isso que dizem trabalho forçado para nós não era porque todas as pessoas contribuíam para o seu bem estar na comunidade. Temos ligação com tudo desde infância até vida adulta.</p> <p>Aqui já é outra história, sai da Guiné com 10anos, fui para Portugal, vivia no bairro de Marianas em Carcavelos, sem condições nenhuma, os nossos pais eram pedreiros e construía as suas próprias casas e foram frutos daquela massa de migrantes depois de guerra colonial, o que acontece agora com os imigrantes brasileiros é o que aconteceu com os meus pais, e muitos outros homens de outros países que falam língua portuguesa. Esse bairro era uma zona onde as pessoas diziam que te davam facada de amizade, em que todos os fins de semana acontecia mortes, e era onde existia todos os lixos da sociedade ou seja, tudo o que a sociedade rejeitava mandavam para essa zona. E o modelo de homem que via não propriamente pela referência, mas é uma zona que me ensinou muito a aprender sobre a vida, na altura da minha infância a referência eram aqueles homo-Deus, homens corajosos que assumiam os seus riscos remavam a noite e não tinham medo. Na minha juventude só queria sair daquele meio, naquele bairro violento onde ninguém ousava passar, aprendi a estar calado e invisível, a reagir na hora certa e antecipar, a ficar em silêncio, mas não tinha nenhuma referência porque não queria ser pedreiro porque o meu pai era, e os outros homens ou jovens eram violentos e não queria ser como eles, na altura não havia acompanhamento familiar, essa palavra bonita. Não havia uma estrutura que acompanhavam-nos, tanto na educação como noutras áreas.</p>

A (RE)CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NA GUINÉ BISSAU: MASCULINIDADES E EMOÇÕES

A visão sobre homens e mulheres	Como vê homens e mulheres na sociedade guineense?	<p>Sabes, esta coisa que é chamado telemóvel tem acesso à muitas informações, faz com que as opiniões sejam muito finas e variáveis. Hoje em dia vivemos num ambiente democrático. Mas os que têm dinheiro não vivem esse espírito democrático. Ate na liberdade de expressão, não há coordenação das formas de viver, enquanto mais informações as mulheres estão a ter sem pensar que devem adquirir a forma de ser na sua realidade, e tentam viver como se vive no Senegal. Há uma falta de capacidade de as mulheres poderem viver plenamente na sociedade, falta de oportunidades de igualdade e de implementar as suas formas de ser na sociedade. E os homens estão com mais vantagens na estrutura governamental democrático deste país. De onde eu vim, os homens não frequentam os espaços das mulheres com os seus espaços totais e há espaços comuns, mas também há espaços de ambas as partes com regras espirituais e místicas. Agora dentro da cidade, a forma como vejo, vê-se um homem com várias mulheres em diferentes espaços e com filhos bem dispersos e os homens não praticar uma atenção muito ligada às suas diferentes mulheres e aos seus filhos. Vejo que falta orgulho dentro do relacionamento entre homens e mulheres e falta a vontade de manifestar o bem um ao outro nesta sociedade em que estamos. Antes os homens possuem várias mulheres mas dentro de uma única casa e sem necessidade de esconder, mas agora está tudo disperso e escondido, não há existência de afeto entre pais e filhos ou de homens com as suas várias mulheres, o que acaba por falsear as relações afetivas. Não há amor verdadeiro, de que falava antes, na relação entre homens e mulheres.</p>
---------------------------------	---	--

